

DANE DIAZ

Aquilo Que Você Não Sabia





DANE DIAZ

AQUILO QUE VOCÊ NÃO SABIA

Dane Diaz

© Todos Direitos Reservados



São Paulo

2018

Aquilo Que Você Não Sabia

de *Dane Diaz*

Editor
Eldes Saullo

Revisão
Triza Marsallo

Revisão e Projeto Gráfico
Casa do Escritor
www.casadoescritor.com.br

Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica feita pela autora

D542a	Diaz, Dane, 1987 – Aquilo que você não sabia [recurso eletrônico]/ Dane Diaz. São Paulo: Casa do Escritor, 2018. recurso digital ASIN: B0793V3M2H 1. Ficção 2. Romance I. Título. CDD: B869 CDU: 82-3
-------	--

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da autora.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Parte I

Capítulo 1

Flávio ouviu um gemido ao longe que o tirou do estado de sonolência. Tateou o criado-mudo ao lado da cama e encontrou o despertador.

— Duas e quarenta e sete. Ah, droga!

Sentou-se na cama, acendeu o abajur e puxou a calça jogada sobre a cadeira de balanço.

— Catarina, que falta você faz aqui – falou para o vazio do seu quarto, da sua vida.

Caminhou até o cômodo ao lado e empurrou a porta entreaberta. O lamento virou choro, que de repente parou, mas retornou duplicado.

— Certo, carinha, você acabou de acordar o seu irmão. E o que vamos fazer agora, nós três sozinhos, hein?

Flávio pegou o menino no colo com delicadeza. Cantou em seu ouvido enquanto caminhava até o berço do outro pequeno chorão.

— Temos uma festa por aqui esta noite?

Com o braço livre, aconchegou o garoto junto ao seu peito nu. Um pequenino em cada lado. Fechou os olhos ao sentir o calor de suas bochechas úmidas.

Os dez minutos de caminhada que se seguiram ao pesadelo não seriam suficientes. Flávio sabia. Bastava tentar colocá-los na cama e pronto, acordariam no mesmo instante. A experiência dizia-lhe que o simples gesto de sentar acabaria com o sossego.

Parou diante da janela e olhou para a rua deserta. A temperatura estava agradável na Flórida àquela altura do ano. Sentiu um espasmo leve agitar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Noah e cuidou para que o balanço de seu corpo continuasse. Cheirou uma cabecinha de cada vez e as encostou à barba por fazer.

Os braços esgotados e o corpo pediam pelo sono completo. Seu peito respirava pesadamente, temendo encher-se em excesso e despertar os impiedosos bebês. Os joelhos balançavam em automático.

Não havia outro jeito. Ele estava ali sozinho, responsável pelos três e sem ninguém além de si mesmo. Colou as costas ao vidro para aliviar o calor proveniente do balançar. Sentiu que talvez fosse a hora de colocá-los de volta no quarto. Não podia errar quanto ao momento certo ou teria que começar tudo de novo.

Theo percebeu o teste do pai e resmungou, acordando Noah, que de imediato chorou. O irmão o imitou, como um bom gêmeo. Flávio abraçou-os com força, e, motivado pela atitude dos demais, deixou que suas lágrimas entrassem no coro.

As costas escorregaram devagar até encontrar o chão. Perguntava-se o motivo de tudo aquilo. Por que fora abandonado daquela maneira? Conseguiria suportar tamanho fardo sozinho? Embalava o corpo para frente e para trás ao tentar acalmar não aos filhos, mas a si mesmo.

— Vamos lá, boys. O papai precisa dormir. Precisa trabalhar amanhã. Olha, tudo vai dar certo.

Ele sussurrou uma canção. Os olhos fechados não seguravam as gotas salgadas. Cantou até adormecer.

Madalena chegou no horário de sempre, aquele em que encontrava Flávio pronto e tomando seu café antes de partir para o serviço. Mas isso estava perdendo a frequência.

— Dios mio! Que bagunça! – Ela pensou ter deixado tudo organizado no dia anterior, mas a cozinha parecia ter visto uma festa.

Não poderia culpá-lo — acreditava que um homem sozinho com dois bebês não era algo simples. Nunca vira um pai tão dedicado e ela fazia o que estava ao seu alcance para ajudá-lo, mas tinha suas limitações. Já não era moça e sua própria família e problemas a sobrecarregavam. Muitas vezes pensava em aparecer durante o fim de semana só para deixá-lo dormir algumas horas, mas não conseguia.

Deixou a bagunça como estava e foi atrás dos meninos. Não os encontrou em

seus berços, então bateu na porta do quarto de Flávio e não obteve resposta. A porta entreabriu-se alguns centímetros e revelou o vazio. Ela espiou o ambiente e nem no banheiro os achou.

Madalena sempre chegava a tempo de Flávio sair para o trabalho e ele costumava avisar caso fosse ao médico ou algo do tipo, porque precisaria da ajuda dela. Era raro saírem sozinhos. Na verdade, não era algo que Flávio faria. Queria saber onde estavam àquela hora da manhã.

Ao retornar à cozinha, ela não conteve as palavras na boca: soltou o “Santa Madre” antes de pensar. Sentindo a presença da mulher e ouvindo sua voz no fundo dos pensamentos, Flávio virou a cabeça para o lado e viu a claridade através das pálpebras. Tentou pensar sobre onde estava. Tinha muita dor no pescoço, no corpo todo. Os braços, ele nem sentia mais. Quando notou estar na sala, sentado no carpete e com os bebês no colo, sentiu-se humilhado.

Abriu os olhos e viu Madalena agachada ao seu lado, pegando um dos meninos, que estava com a cabeça repousada na sua calça jeans. O outro ainda estava em seu peito. Não entendia como tinha deixado que aquilo acontecesse mais uma vez. Eles poderiam ter caído. Ficou embaraçado com a situação, com vergonha da mulher que estava presenciando sua decadência emocional.

Madalena levou os dois pequenos até o quarto sem dizer nada. Era a segunda vez que via aquela cena em poucos meses. Flávio cobriu os ouvidos com as duas mãos, esfregou o rosto áspero e, com muito esforço, ergueu-se do chão. Aquele seria um dia duro. Apenas mais um.

Ele caminhou até o chuveiro e tomou uma ducha o mais rápido que pôde. Pelo que vira no relógio ao lado da cama, já estava atrasado. Colocou uma roupa. Não fez a barba. Não tomou café. Beijou os filhos sentados nas cadeiras de refeição quando passou pela cozinha.

— Obrigado, dona Madalena. Eu, eu...

— Deixa estar, seu Flávio. Vá, vá! O senhor já está atrasado. Ande.

Madalena não queria deixá-lo mais constrangido. Sabia o quanto tentava ser um bom pai e que o ocorrido o deixaria chateado por dias, então era melhor não tocar no assunto. Ela não fazia ideia de quanto tempo ele aguentaria. Precisava de ajuda, de uma esposa. Precisava da família. Não podia continuar agindo daquela maneira, lutando sozinho.

Ele bateu a porta do carro e respirou um pouco. Pensou no quanto era grato por ter Madalena ali. Podia ir trabalhar tranquilo sabendo que os meninos estavam bem. Ele venceria o cansaço e essa fase passaria logo. Conseguiria superar tudo isso com o tempo e com força de vontade. Parou no primeiro posto de serviços para comprar um energético.

— Tudo vai dar certo – sussurrou para acalmar a si mesmo.

Flávio pegou um copo de café no caminho até sua mesa. Organizou sua área de trabalho, que parecia tão bagunçada quanto a sua casa. O telefone vibrou sobre a bancada, andando alguns milímetros. “Consultório do doutor Emmet”, anunciava o aparelho. Por breves segundos ele sentiu o nervosismo atravessar seu corpo. Teria se esquecido de alguma consulta médica naquela manhã? Não se lembrava de ter marcado nada, mas sabia que confiar em sua cabeça necessitada de sono era arriscado.

— Bom dia, senhor Schmidt – disse uma voz feminina.

Flávio desconfiou que a formalidade de Louise fosse pela presença de algum paciente na sala de espera.

— Bom dia, Lou.

— O doutor Emmet pediu-me que ligasse para marcar uma consulta aos gêmeos. Parece que não os vemos há algumas semanas.

De fato, Flávio não encontrava tempo e disposição para levá-los ao médico. Não podia cobrar mais essa tarefa de Madalena.

— Claro. Deixe-me ver, podemos marcar um dia no final da tarde?

— Como sempre, não há problema.

Ele desligou e emendou outra chamada, agora para Madalena. Precisava fazer essa ligação antes que esquecesse.

— Olá, Madalena. Tudo bem por aí?

— Sim, senhor. Não se preocupe com os meninos, está tudo bem com eles e...

— Claro, mas nem é isso. Na verdade, a Louise ligou e marcamos uma consulta para amanhã. Seis horas. Escuta. A senhora pode ir conosco? Sei que é tarde e tudo mais... Posso levá-la para casa depois.

Cada apelo era um constrangimento. Um pouco do orgulho que ele engolia e digeriria aos poucos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não tem problema, senhor Flávio. Problema nenhum. Vou aprontar os garotos um pouco antes e aguardamos pelo senhor.

Ele pôde ouvir os gritinhos de alegria de um dos dois quando desligou. Era incrível quanta vontade ele tinha de voltar para o meio daquela baderna no momento em que chegava ao trabalho. Podia sentir o cheiro daquelas cabecinhas.

— Catarina – Flávio pegou a foto em cima da mesa e tocou no rosto impresso no retrato. —, você não faz ideia de como tudo isso vale a pena.

O doutor Emmet costumava fazer isso, pedir para que Louise controlasse as consultas. Pelo menos assim podia aliviar um pouco do fardo daquele pobre pai. Flávio tinha certeza de que ele sentia pena da situação daquela jovem família. O médico sabia que ele só procuraria ajuda em caso de urgência.

Madalena correu durante o dia todo, como sempre. Os bebês eram bonzinhos, mas eram dois. Além de tomar conta deles, ela organizava a casa e passava as roupas. Quando podia, deixava um prato de comida para o jantar de Flávio. Caso não conseguisse, sabia que encontraria caixas de pizza na bancada da cozinha no dia seguinte, ou não encontraria nada.

Ele era um jovem bonito. Ela pensava em todas as moças que conhecia e que se casariam com ele num estalar de dedos. Mas era um homem que não teria muito assunto com as garotas que ela poderia apresentar. Inteligente demais — talvez seja isso que o afasta das mulheres; não, são os meninos, ela percebeu. Quem iria querer um pai de dois bebês? Mesmo atraente, esforçado e tudo o mais, era um tanto de trabalho.

Noah colocou uma caixa de brinquedos perto da cerca instalada na sala de estar e pulou, fugindo da sua área de proteção. Madalena correu até lá com o prato de purê de maçã nas mãos.

— Ai, menino! Cinco minutos para Madá fazer o seu lanche. Só isso que peço.

Noah abraçou os joelhos carnudos da babá enquanto ela colocava Theo no assento para dar-lhe a papa de fruta. Depois, Madalena o desprendeu de suas pernas e fez o mesmo com ele. Com certa dificuldade, sentou-se sobre o tapete e deu-lhes de comer.

— E vejam bem, tão logo terminamos aqui, vamos descansar. Espero que hoje vocês se comportem à noite.

Depois do sono da tarde, Madalena dava-lhes um banho, além de uma mamadeira para cada um. Gostava de entregá-los limpinhos e cheirosos para que o pai tivesse menos a fazer durante a noite, mas sabia que o trabalho seria árduo de qualquer maneira.

Ela espreitou através da fresta da porta para garantir que ambos dormiam um sono profundo e já começou a pensar nos serviços domésticos que ainda tinha a fazer. Pegou a roupa já limpa e seca e começou a passá-la. Cada movimento era feito com cuidado para que o sono durasse o tempo necessário para organizar tudo.

Colocou as camisas nos cabides do armário de Flávio. O quarto, quase todo branco e cinza, ansiava por mais vida — talvez algumas flores da vizinhança. Olhou para a foto sob a televisão: o nascimento dos gêmeos. Os sorrisos e os bebês enrolados em pequenas trouxinhas.

— Como seria a vida se Catarina estivesse aqui? — perguntou-se Madalena.

De vez em quando, encontrava algum objeto do passado pela casa. Um par de sapatos debaixo de algum armário, uma blusa feminina misturada com as de Flávio. Um anel sob um tapete. Tudo que achava causava-lhe um ardor no peito. Cada item trazia de volta a recordação do dia em que encontrara a carta de despedida no quarto dos meninos, logo nos primeiros dias em que começara a trabalhar ali.

Madalena não tivera a oportunidade de presenciar como era a vida dos pequenos que tanto amava com a família completa. Via nas fotos o sorriso perfeito, os olhos verdes iguais aos dos meninos, o cabelo loiro escuro sempre solto. Ela parecia feliz. Parecia perfeita. Parecia ter amor. Por que partira? Madalena sacudiu a cabeça para afugentar os pensamentos e tratou de cuidar das suas tarefas.

Minutos depois de falar com Madalena, o telefone de Flávio voltou a vibrar. Sua cabeça estremecia da mesma maneira que o aparelho. Tudo que ocorria ao seu redor ganhava proporção exagerada, como se ele houvesse bebido na noite anterior – mas não poderia sequer recordar a última vez em que fizera isso.

Olhou para o visor, que mostrava “Mãe”.

— Oi, meu amor. Como você está?

Ele sentiu o contrair dos ombros ao ouvir a voz dela. Todo o amor que sentia

versus as cobranças de uma avó distante.

— Tudo bem, mãe.

— Nada de tudo bem. Quero saber de verdade como você está. Meu coração de mãe sentiu que precisava te ligar hoje.

Como fugir da pressão, da ansiedade de quem não pode ver ou ajudar o filho?

— Olha, estou trabalhando, sabe? Pode ficar tranquila. Os garotos estão bem, eu também. Tudo na rotina.

— Sei. Liguei para Madalena e os meninos estão bem, ela me disse. Mas estou preocupada com você, aí sozinho.

Cada palavra gerava receio. Medo de mais cobranças.

— Por quê? A Madalena falou alguma coisa?

— Deveria?

Quando a mãe ligava pouco depois de alguma situação difícil em casa, Flávio sempre desconfiava de Madalena. Duvidava que de fato a mulher fosse comentar a intimidade da casa dele com alguém, mas percebia a sua preocupação crescente. Isso, junto da intuição da sua mãe, sempre resultava em telefonemas.

— Claro que não, mas ela é tipo mãe, fica preocupada com bobagens. Nada de mais. Madalena acha que tenho que comer comida de verdade, fazer exercícios e arrumar uma namorada.

— E ela tem razão. Uma namorada seria excelente.

Era hora de tentar fugir outra vez dos assuntos íntimos expostos à assembleia familiar.

— Mãe, não dá para falar de namoradas na hora do trabalho, ok?

— Ok. Está bem. Eu liguei só para dizer que estou vendo umas passagens. Pensei em ficar um mês ou dois aí com vocês, te ajudar um pouco. A Mariane, sua prima, disse que cuida da loja para que eu possa ir. Algo como estar aí em duas semanas.

Flávio ficou em silêncio tempo suficiente para que a mãe notasse o desconforto do próprio convite. Ele respirou fundo antes de responder, o ar fazendo barulho ao sair.

— Eu adoraria ter você aqui, mãe, mas não está muito perto? Não vai ser

muito caro?

Qualquer desculpa servia. Como não ser rude com quem se ama? Como recusar o carinho de quem quer ajudar? Como impedi-la de ver com os próprios olhos o sofrimento do filho? Flávio conhecia a sua realidade, e o que menos desejava era alguém que o alertasse sobre ela.

— Não se preocupe com isso. Tenho uns pontos também. Só queria confirmar com você antes.

Flávio percebeu que não conseguiria fugir. A mãe viria de qualquer maneira.

— Bom, tente algo para daqui a um mês então, sei lá.

— Você acha que vai poder esconder a sujeira debaixo do tapete ganhando duas semanas?

Ela sabia.

— Claro que não. Ah! Deixa para lá. Ok, mãe, só me avisa a data e tudo mais para poder te buscar.

— Certo, meu filho. Te amo.

Ele reconhecia que ter a mãe ali poderia ser muito bom. Algo como férias. Fazer coisas de adulto, ir ao mercado sozinho. Comprar umas cervejas em vez de ir à farmácia ou ao parquinho. Beber sem ter medo de acordar com um choro noturno. Quem sabe até conhecer alguém?

Na última visita da avó, os garotos estavam fazendo um ano. A dor da solidão fez aniversário junto. Flávio não teve ânimo de aproveitar a presença da mãe ali para viver um pouco. Fingiu o máximo que pôde, saiu algumas noites. Estacionava o carro num posto de serviço, reclinava o banco e adormecia. Voltava com um sorriso no rosto para não a assustar.

Flávio fingiria mais uma vez se fosse preciso. Mas agora Theo e Noah poderiam dar um tempo com a vovó. Estavam maiores. Ele tentaria, ao menos. O fato era que, se a mãe notasse as dificuldades pelas quais eles passavam sozinhos, ela insistiria para que retornassem ao Brasil. E ele não tinha intenção nenhuma de voltar.

Era uma fase, sabia disso. Estar sem uma companheira para ajudar dava um peso extra, mas nada que fosse impossível. Só que as mulheres são assim. Querem consertar tudo que acreditam estar errado. Sua mãe não seria diferente se o visse chorando abraçado aos bebês em alguma madrugada.

Teria mais uma pessoa para administrar em poucos dias e sentia que seu castelo poderia desmoronar a qualquer momento.

Na mesma noite, ele foi obrigado a colocar o colchão entre os berços e dormir ali. Não gostava dessa ideia. Pensava que, apesar do choro incessante e das pequenas birras que iniciavam com um menino e continuavam com outro, cada qual devia ter seu espaço. Bebês em seus berços, pais em sua cama. Pai.

Mesmo assim, decidido, sofria durante as madrugadas. Theo e Noah agiam como se apenas um colo de mãe pudesse acalmá-los, algo que Flávio não podia dar. Fazia o seu melhor, mas eles sentiam faltar alguma coisa, principalmente a felicidade do pai.

No dia seguinte, ao chegar do trabalho, encontrou-os na frente da casa. Sentiu da porta o perfume de flores e comida. Madalena era demais — um presente de recompensa pelo que haviam perdido. Sentiu-se culpado ao pensar que preferia ter a esposa de volta, mesmo tendo sido a senhora quem permanecera ao seu lado.

Ela estava colocando a comida em potes quando o viu. Terminava de deixar tudo tão perfeito quando podia.

— Boa noite, seu Flávio. Os bebês estão prontinhos e cheirosos. Acabei de dar o jantar e estou guardando o que sobrou. Esquente um pouco para o senhor depois, está bem? Já estou indo.

— Obrigado, Madá. Obrigado mesmo. — Ele largou a mochila em uma cadeira.

Theo abandonou o brinquedo quando viu o pai e levantou-se usando o cercado como apoio. Estendeu os braços e deu pulinhos. Noah tirou os olhos da mesa de atividades e em seguida imitou o irmão. Flávio abriu dois botões da camisa e pegou cada bebê em um braço, como todos os dias. Cheirou com intensidade seus delicados pescoços e beijou-os.

Colocou-os no sofá e, por minutos, fez cócegas até que mal pudessem respirar. Precisava tomar um banho e descansar. Enquanto caminhava até seu quarto, sentiu os bracinhos agarrando seus joelhos por trás e quase perdeu o equilíbrio. Os meninos seguiram o pai. Flávio deixou a televisão ligada para tentar tomar uma ducha.

Todo o espaço da casa havia sido reorganizado de maneira que eles não

alcançassem nada que os ferisse. Flávio ainda ficava nervoso com a cama. Tinha medo de que caíssem dali. Instalou um segundo cercado para mantê-los sob controle no chão do cômodo.

Começou a tirar a roupa por três vezes. Foi interrompido pela saudade de um abraço na primeira vez. Na segunda, por uma pequena briga por um brinquedo. Na terceira foi pela tentativa de fuga do cercado. Quando eles por fim notaram as cores e a música vindas do televisor, ele conseguiu ligar o chuveiro.

Deixou a porta aberta para que pudesse ouvi-los. Precisava ser rápido. Entrou na água quase fria e passou o xampu, quando ouviu o choro agudo. Saiu correndo e escorregou ao colocar o pé fora da banheira.

Ao se ver sozinho com os pequenos, Flávio reformara o banheiro. Precisava trocar as cores daquele lugar, mudá-lo completamente. Mandou instalar um box de vidro na área de banho, pois odiava as clássicas cortinas americanas. Tentou se segurar na porta de vidro e tirou-a do lugar com seu peso. Puxou a toalha e não conseguiu enrolar-se nela até chegar no quarto. Deixou-a no chão pelo caminho.

Noah gritava. Em seu rosto, um retângulo vermelho. Theo chupava uma peça longa de um brinquedo — havia testado sua força no irmão. Flávio pegou o bebê que chorava, molhando toda sua roupinha.

— Ei! Theo, você não pode fazer isso, cara. Larga, você vai engolir. Shiuuu, shiuuu. Passou. Passou. O pai está aqui, Noah.

Ele tirou o brinquedo da mão de Theo e o menino entrou no ritmo dos gritos do irmão.

— Ai! Meu olho. Caramba! Entrou sabão no meu olho.

Flávio soltou Noah no cercado mais uma vez, pegou a toalha largada no chão e a esfregou nos olhos. Como não sentiu alívio, voltou para o chuveiro, que aguardava, jorrando água. Tateou pelo caminho e bateu na porta de vidro que estava solta, derrubando-a.

O estrondo gerou gritos mais altos. Ele conseguiu entrar na banheira e lavar os olhos. Pisou em um caco de vidro antes de conseguir voltar a enxergar e a dor percorreu-o como uma raiz tentando crescer por baixo de sua pele. Quando abriu os olhos, viu o sangue misturado com a água, ambos pintando a banheira com a cor do vinho.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 2

Ele tirou o que pôde do xampu e desligou o chuveiro. Os gritos permaneciam, mas a dor o ensurdecera. Secou o excesso de água e tentou analisar a gravidade do corte, e o sangue era tanto que não foi possível encontrá-lo com facilidade. Ficou muito irritado quando chegou à conclusão de que precisaria de pontos.

Saiu do banheiro com cuidado para não se cortar mais uma vez e tentou pensar no que fazer. Não poderia chamar uma ambulância por causa de um corte, muito menos estando sozinho com dois bebês. Lembrou-se dos bebês. Colocou-os sobre a cama com ele para ver se paravam de chorar. Sentia muita dor e queria chorar também.

Não teria coragem de chamar Madalena de novo. Ela nem devia ter chegado em casa àquela altura. Pensava se conseguiria dirigir até o hospital.

— Meu Deus, me ajude! Eu só quero uma noite boa. Me dá uma noite de paz. O que eu faço?

Flávio pegou o celular no bolso da calça.

— Consultório do doutor Emmet, Louise, boa noite.

— Louise. Ah! Que bom. Boa noite, Lou. Olha, é o Flávio. Schmidt. Eu... ahn... o doutor Emmet está aí ainda?

— Flávio, tudo bem? Aconteceu alguma coisa com os meninos? Ele está saindo, na verdade já deve estar no elevador, mas posso chamá-lo.

— Os meninos estão bem. Eu me cortei. Cortei o pé e não sei o que fazer.

— Oh! Vamos fazer assim. Eu chamo o doutor de volta e peço um táxi para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

você. Pode ser? Acha que consegue chegar até aqui com os bebês dessa maneira?

— Ah! Louise, você é demais. Eu consigo sim. Muito obrigado.

Flávio viu abrandar a tempestade dentro do peito. Alguém que decidisse as coisas simples da vida era do que ele mais sentia falta. Mais do que abraços, companhia, ajuda nas tarefas. Ele precisava apenas do “vamos fazer desta forma”.

Emmet já estava dentro do carro, mas voltara de imediato quando Louise pedira. Minutos depois da chegada de Flávio, o médico demonstrava o pesar que sentia por ele. Conhecía sua história e o quanto seria difícil cumprir o pedido feito para a boa recuperação.

— Você não vai poder colocar o pé no chão por dois dias, Flávio. Sinto muito.

Flávio não respondeu. A cabeça já estava longe. Tinha que avisar a área de recursos humanos da empresa, organizar o trabalho remoto, descobrir como faria para esquentar as mamadeiras durante a ausência de Madalena.

Louise brincava com os garotos na recepção. Ficara muito assustada quando o recebera com a toalha cheia de sangue e dois bebês no colo. Era noite, não havia mais pacientes e já era sua hora de estar em casa, mas não se importava de estar ali e fazer aquilo por Flávio.

Louise ainda tinha medo que o doutor Emmet descobrisse que ela e Flávio saíram algumas vezes, na época em que ela sentia o coração bater mais forte a cada consulta em que o pai dos gêmeos aparecia.

Seis meses antes, Louise ganhara confiança ao ver que Flávio não estava tão atrapalhado quanto de costume. Fora direta ao fazer o convite para sair e o deixara sem palavras. Madalena retornara do banheiro carregando Theo. Flávio não tivera tempo de responder nada que não provocasse suspeitas. Apenas guardara no bolso o papel com o número do telefone dela.

Foram poucos encontros. Uma situação atropelada demais, onde antes do namoro já tinham filhos e responsabilidades. Nunca conseguiram sair sozinhos, pois Flávio não suportava a ideia de passar o dia todo longe e ainda por cima deixar os meninos com uma babá durante a noite ou nos finais de semana.

Comiam pizza na sala, trocavam muitas fraldas e poucos beijos. Flávio perdia

para o cansaço e dormia no começo de um filme. Acordava assustado, procurando por Noah e Theo. Chegaram à conclusão de que seria melhor cada um seguir o seu caminho. Louise ainda o ajudava o quanto podia em relação às consultas e emergências, mas já seguia a sua própria vida.

Emmet deu uma batidinha no joelho de Flávio.

— Oito pontos e aqui está. Preciso que venha daqui a uma semana para tirá-los.

O médico terminou de fechar as ataduras do ferimento e estendeu a mão para ajudar Flávio a descer da maca.

— Deixamos a consulta dos garotos para esse dia, assim não precisa vir me visitar três vezes em tão pouco tempo. Sei que é difícil para você, mais ainda com o pé desse jeito.

— Está bem. Não posso me esquecer de avisar a Madalena. Bom, basta olhar para o meu pé que vou lembrar, não é? — Flávio falou com ressentimento e o médico fingiu não ouvir.

— Posso deixar vocês em casa, vou levar a Louise também.

— Desculpe causar todo este transtorno. Foi uma grande baderna, esta que eu fiz.

— Flávio, eu já falei, pode contar conosco sempre. Não é incômodo algum, estamos aqui para te ajudar, certo? E como vão lá aqueles seus computadores?

— Tudo bem. Sistemas para fazer, clientes para agradar, pouco tempo para terminar. Aquela coisa de sempre, mas nada grave.

— Que bom, que bom. Então estamos prontos. Podemos ir.

Flávio recebeu o auxílio do médico para sentar em uma cadeira de rodas. Louise colocou a bolsa dos bebês sobre as pernas do pai e pegou-os no colo. Desligaram tudo e partiram.

Quando chegou em casa, Flávio não conseguiu esquivar-se de ser ajudado mais um pouco. Com um pé só, não podia abrir a porta e carregar os garotos, que dormiam no colo de Louise. Ela os deixou no berço. O doutor Emmet trouxe as coisas e ajudou Flávio a chegar até o quarto dos meninos.

— Flávio, como você vai fazer à noite? Se eles chorarem? — Louise sussurrou.

— Não sei, Lou.

— Doutor Emmet, vamos trazer o colchão do senhor Schmidt. Assim ele pode ficar perto dos garotos e não precisa caminhar. Podemos deixar duas mamadeiras aqui na bolsa térmica e umas fraldas também. Pelo menos até Madalena chegar ele não precisará fazer muita força.

Flávio assistiu, não sem um tanto de vergonha, aos dois carregando seu colchão pesado até lá. A sensação de impotência da qual ele tanto tentava fugir só aumentava. Rezou para que eles não entrassem no banheiro e inventassem de limpar a bagunça. Já era muito tarde e havia tomado muito do tempo deles.

— Flávio, seu quarto está um caos. Você quer que eu fique? Eu posso limpar para você — Louise cochichou ao ouvido dele.

Nada do que desejava acontecia.

— Imagina, a Madalena cuida disso amanhã. Obrigado. Vocês já fizeram demais.

Despediram-se, deixando-o deitado no colchão disposto no meio do quarto amarelo, com o pé sobre uma almofada. Ele adormeceu logo e sonhou com hospitais, sangue nas paredes do banheiro e um choro incessante.

Flávio acordou apenas uma vez por causa do pé latejando. O doutor Emmet deixara remédios para a dor e algo para ajudá-lo a adormecer, mas ele tinha receio de não poder atender aos garotos e não tomou nenhum dos dois.

Sentiu o pulsar do coração ao redor do corte e abriu os olhos. Com a claridade da lua, pôde ver Theo sentado em seu berço, brincando com a própria meia. Tinha de colocá-lo ao seu lado, antes que chorasse e acordasse Noah.

Sentou-se com dificuldade, usou o berço de apoio e conseguiu se levantar apenas com o pé bom tocando o chão. Colocou Theo ao seu lado e beijou o garoto. A tática não funcionou tão bem quanto ele gostaria. Noah começou a mexer as mãozinhas e logo depois acordou, mas sem chorar.

Fez a mesma coisa com o outro menino e ficou ali, deitado com os dois, por um tempo. Pegou as mamadeiras que Louise deixara na bolsa ao lado do seu travesseiro e entregou uma para cada um. Em poucos minutos estavam dormindo ao seu lado.

Conseguiu deixar o quarto deles sem fazer muito barulho e foi até o seu para
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pegar algo que cobrisse os três. Acendeu a luz e o pescoço se contraiu, como que preso em mãos invisíveis. Por instinto, colocou o pé no chão. Os pontos seguraram a carne, que queria se romper outra vez. Apertou a porta com força, até os dedos perderem a cor.

Todo aquele sangue. Colocou a mão na frente da boca, para conter o gemido que pulou para fora de sua garganta. O acaso podia ser tão ruim assim com ele? Passou a mão nos cabelos espessos. Ficou ali, com o ombro apoiado no marco da porta, abraçado a si mesmo.

— Não vou desistir como você, Catarina – sussurrou.

Ele não se abateria. O que quer que estivesse acontecendo, não deixaria que o vencesse. Seria forte. Precisava ser. Não desistiria dos filhos, nunca. E não aceitaria sofrer para sempre, aquilo tinha que acabar. Não choraria nem uma lágrima a mais.

Ao chegar de manhã, Madalena percebeu que, pelo segundo dia consecutivo, o patrão não estava à sua espera na cozinha. A comida permanecia intacta na geladeira, deixando-a frustrada. Havia feito com muito amor. A sala estava como na noite anterior e a organização deixou-a apreensiva.

Entrou no quarto dos bebês e viu Flávio dormindo em um colchão no espaço entre os berços vazios. Os meninos repousavam enroscados no pai. Ela notou as ataduras no pé dele. Saiu dali e fechou a porta em silêncio para não os acordar. Não sabia se começava suas tarefas, pois não queria fazer barulho.

Pensou que, como tudo estava igual ao que deixara, não devia ter tanto a fazer. Desejava saber se eles haviam saído e por isso não desarrumaram a casa e nem jantaram, mas era algo tão raro que Madalena logo relacionou ao curativo no pé de Flávio.

Afastou as perguntas e pensou em adiantar o almoço e lavar as roupas, tarefas de todos os dias. Entrou no quarto de Flávio e viu a armação da cama. Notou as manchas de cor marrom-escura no carpete, que aumentavam conforme ela caminhava até o banheiro.

— Oh! Santa Madre! O que aconteceu aqui?

Ficou em choque com o espaço, que parecia ter sido palco de uma luta. Cacos enormes de vidro, sangue, toalhas jogadas e um grande pedaço do que havia sobrado da porta do chuveiro repousando apoiado na banheira. Ela deu um pulo e colocou a mão no peito quando ouviu a voz de Flávio:

— Que bagunça, hein? A cada dia que passa eu me supero, não é verdade? Olha, deixa tudo aí, ok? Vou chamar alguém para recolher esse vidro. Não queremos mais gente ferida por aqui.

— Mas o que se passou, seu Flávio?

— Ah, Madalena, você não me conhece? Marquei bobeira. Deixei os meninos ali no cercado e fui tomar banho. O resultado está aí.

— Ai! Seu Flávio, quem sabe a partir de agora eu fico um pouco mais para dar tempo do senhor tomar banho?

— Imagina. Eu me viro.

— Homem teimoso. Vai se quebrar de novo. – Madalena não disfarçou a irritação e saiu falando sozinha.

Flávio foi até a porta pulando em um pé só e gritou para ela, que já estava na sala.

— Vou ficar em casa por dois dias. Ah! A consulta com o doutor Emmet vai ser semana que vem.

Madalena previu que os dois dias em que teria que lidar com mais um homem para cuidar não seriam razoáveis com ela. O mais velho era o pior, sem dúvidas. Não lhe pedia nada e tentava fazer tudo por conta própria. Turrão. Teimoso. Era o que achava dele. Talvez até merecia ter sido abandonado. Sabia que Flávio não aceitava ajuda e muito menos pediria por ela.

Vigiava o homem o tempo todo para que não tentasse andar. Ele ficou no escritório, trabalhando na maior parte do tempo, mas ela o encontrava na cozinha às vezes, ou pegando um dos garotos quando choravam.

Dois homens apareceram à tarde e limparam a cena do acidente. Ela observou da porta. Sabia que o patrão havia sofrido não apenas a dor física com aquele acontecimento. Não era possível tanto azar.

Madalena pensou bastante se devia ligar para a mãe de Flávio e contar sobre o ocorrido. Tinha medo de que ele voltasse a ficar abatido com a situação. Encontrou remédios para dormir no quarto dele e ficou preocupada.

Mais cedo ou mais tarde, sabia que a avó dos meninos ligaria, e ela não conseguiria mentir. Rezou para que ela falasse com o filho antes de ligar para a casa, assim saberia por ele. Ou não. Talvez ele nem falasse nada.

Aquela situação deixava Madalena preocupada, aflita. Em casa, o marido reclamava. O tempo inteiro ela desejava saber dos bebês. Quis se oferecer para passar algumas noites na casa de Flávio, mas o marido vetou por completo o pensamento. Não sabia mais o que fazer para melhorar a vida dos três.

Quem ligou foi a outra avó. Madalena não sentiu tanta culpa, no fim das contas, não era a mãe de Flávio. Tentou ouvir um pouco da conversa dos dois logo após entregar-lhe o telefone, mas não conseguiu, pois teve que atender Noah.

— Tudo bem sim, dona Ruth. E a senhora?

— Tudo bem também. Na medida do possível, não é? Algum feriado por aí?

— Não. Dia normal. Trabalhando em casa hoje. — Flávio começou a girar na cadeira sem perceber.

— Mas aconteceu alguma coisa?

Flávio não queria falar sobre o ocorrido. Já há uns dias ela não ligava e desejou não ter sido bem nesse momento. Respirou fundo e respondeu.

— Eu cortei o pé. Nada grave. Só preciso evitar colocá-lo no chão por uns dias.

— Oh! Meu Deus! E como você está se virando? Com os dois pés já é difícil... Queria tanto poder estar aí e te ajudar. Na verdade, queria que vocês estivessem aqui, perto de nós.

Flávio jogou a cabeça para trás e fixou o olhar na sombra que a árvore do jardim projetava no teto. Tirou o telefone do ouvido por uns segundos e respirou fundo mais uma vez antes de falar. Não queria, por nada do mundo, ter aquela conversa de novo e de novo.

— Estamos indo bem. Madalena está nos ajudando e, também, como eu disse, não foi nada sério.

— Hmmm. Certo. Olha, eu vou tirar férias em junho. Nem sabia, meu chefe avisou há pouco. Queria ver os meninos, só que assim em cima da hora a passagem é muito cara, não é? Fico triste de perder a oportunidade, mas queria que soubesse que não há nada no mundo que eu quisesse mais.

Flávio lutou contra a vontade de responder que era uma pena, mas sabia que ela não tinha uma condição financeira muito boa e, no fim das contas, era a

avó. Sofreu na mudança para Orlando, sofreu mais ainda no anúncio da gravidez. Nunca pôde participar da história da família e não viu os netos tanto quanto gostaria.

Visitou-os logo que os três ficaram sozinhos, uma sensação terrível em um ambiente carregado de vergonha e pena. Um misto entre querer ficar e ao mesmo tempo desejar ir embora. Não pôde mais voltar desde então.

— Dona Ruth, vamos fazer assim, a senhora compra as passagens e eu transfiro o valor. Pode ser?

— Ah, Flávio, imagina. Eu não posso aceitar isso. É muito dinheiro.

— Não é tanto assim. E eu posso pagar. Quero que o Noah e o Theo fiquem um pouco com as avós também. Quero que tenham pelo menos algumas fotos com vocês.

Quando terminou de falar e percebeu o silêncio, Flávio notou ter dito uma grande bobagem. As duas avós colocavam nele a culpa por não terem os netos por perto, não aceitavam o fato de ele permanecer sozinho e sem ajuda em um país tão distante. Muitas vezes, mesmo sem se falar, ambas usavam a mesma frase em seus telefonemas: Não quero ser apenas uma fotografia para os meninos, já basta Catarina.

— Certo. Mas eu vou fazer o possível para te pagar, nem que seja aos poucos.

— A senhora sabe que não precisa, mas se isso vai deixá-la mais confortável, não tem problema.

Conversaram sobre os pequenos por mais alguns minutos e desligaram. Flávio sentia-se exausto pelas explicações e pelos sentimentos. Uma simples ligação que sugava toda a sua energia. A culpa velada.

Flávio alongou o pescoço e tentou focar no trabalho. Não conseguiu mais manter a concentração quando percebeu que teria as duas avós em sua casa ao mesmo tempo. E em duas semanas.

Capítulo 3

Seguiram em direção ao consultório para a retirada dos pontos. O comboio de sempre: Flávio, Madalena, Noah e Theo, mais as malas com mudas de roupas, mamadeiras e fraldas. O evento tomava algumas horas da tarde de Madalena. Ela arrumava os meninos e aguardava pelo pai deles.

A senhora percebeu, desde as primeiras vezes, que as consultas eram mais psicológicas do que pediátricas. O Doutor Emmet tirava o que podia de Flávio, e desta vez tinham um motivo real para a visita: o pé machucado. Agradecia todos os dias pela saúde dos garotos, sabia o fardo extra que seria caso fossem dos que sempre têm alguma virose. Ao menos nisso eram abençoados.

O médico avaliou e pesou os bebês com atenção, mas sem deixar o assunto com Flávio morrer. Falava de amenidades, esportes, tudo que lhe vinha à mente. Tinha certeza de que ele não tinha com quem conversar e que, apesar dos pequenos companheiros, era um homem solitário. Tentava identificar uma possível situação de risco, depressão ou cansaço extremo, mas Flávio poucas vezes demonstrava fraqueza.

Emmet ficara muito surpreso pelo pedido de ajuda quando ocorrera o acidente com o pé. Caso lhe perguntassem antes do ocorrido, diria que Flávio faria os próprios pontos, se possível. Via-o como um jovem lutando para manter a harmonia num lar que já sofrera tanto. Receava ser um grande teatro e que ele desabasse ao chegar em casa.

Na oportunidade da visita inesperada, o médico ficara aliviado por não

encontrar sinais de bebidas, drogas, sujeira ou desordem. Prescrevera um medicamento para ajudar no sono de Flávio, pois, como pai de três filhos, desconfiava que ele podia estar indo trabalhar muito cansado.

Emmet fingiu não saber que Louise andara envolvida com ele. Do fundo do coração torceu para que desse certo, mas notou que as trocas de olhares e as mensagens acabaram de repente.

Certa vez, ele e a esposa convidaram-no para um jantar em sua casa. A filha Amy levou uma amiga e a apresentou para Flávio, mas não funcionou, assim como com Louise. Emma não podia ter filhos e Amy pensou que seria uma grande oportunidade na tentativa de atender ao pedido do pai para que ajudasse a arrumar uma namorada para Flávio.

Ele tentou interagir, mas os gêmeos desviavam sua atenção a toda hora. Emma perguntou sobre a história dele, mas Flávio não parecia interessado em responder. Ela sabia de tudo, na verdade — ouvira dezenas de vezes pelos Emmet. Antes mesmo de receber o convite para jantar na casa deles, ela já havia ponderado se ele não seria um bom partido.

Flávio era muito mais do que Emma imaginara. Além de bom pai, era bonito. A pele um pouco bronzeada, moreno e com o cabelo no comprimento que o deixava sensual quando passava a mão. Ficou empolgada com a possibilidade de um encontro sozinha com ele.

A senhora Emmet se oferecera para cuidar dos bebês uma noite, assim eles poderiam sair para jantar. Voltaram mais cedo. Ele parecia desesperado de culpa. Pegou os bebês e partiu.

O médico nunca soube os detalhes do desastrado encontro que Emma tentou de tudo para tornar agradável. Durante o jantar, Flávio era ausência. Perguntava-se muitas vezes se os meninos estariam bem. Ela falava e ele sorria, mas não para Emma. Não de verdade. Ela tentou entender, pois sabia que ele nunca saía.

Apelou para a química ao entrarem no carro antes da sobremesa, quando ele estava ansioso para voltar e buscar os pequenos. Lá mesmo, no estacionamento escuro, ela o beijou, passou a mão por seu peito e abriu alguns botões da camisa, enfiando os dedos com delicadeza. Ele retribuiu. Ficou entusiasmada ao ser puxada para o banco de trás e, confiante, avançou. Afastou o pensamento de que podia estar sendo usada para aliviar algum tipo de peso.

Emma abriu parte do vestido preto e desabotoou a calça de Flávio. Enfiou o rosto em seu pescoço e sentiu o perfume amadeirado enquanto se movimentava conforme a música no rádio. Sentada em seu colo, surpreendeu-se com o abraço apertado e percebeu que ele precisava muito daquilo.

Então, Emma deixara as alças caírem por seus ombros, revelando um colar e a combinação que fazia com o cabelo loiro, solto ao redor do pescoço.

— Catarina. — A cruz sinuosa de brilhantes pendurada no peito nu de Emma prendera a atenção de Flávio.

Era isso que seus olhos viam. A mesma joia, os mesmos traços. Segurou a mulher pelos punhos e a afastou.

— Desculpa. Não consigo fazer isso. Sinto muito.

Retornaram até a casa dos Emmet e nunca mais conversaram.

Com o pé praticamente bom, Flávio tentou retomar a rotina. As noites estavam melhores agora que ele dormia no quarto dos filhos. Já havia pensado nessa possibilidade, porém, os sites em que pesquisava sobre crianças e o próprio doutor Emmet recomendavam que os bebês dormissem sozinhos em seu próprio quarto, em seus berços, e ele tentou fazer da maneira indicada. Nos últimos tempos, andava pensando que o jeito certo de fazer as coisas era o que mantivesse os meninos sem chorar.

As coisas estavam indo bem em casa e, no trabalho, atuava em um projeto de um grande cliente. A única coisa de que ele tinha medo quando era colocado em ótimas oportunidades como essa era a possibilidade de ter que viajar.

Aconteceu apenas duas vezes, mas o quebra-cabeça que teve de montar para gerenciar a casa tirou-lhe muitas noites de sono. Na verdade, em algumas delas ele já estava acordado, tomando conta de um ou outro bebê.

Na ocasião em que o cliente solicitou sua presença uma vez por semana em Miami, ele pagou horas extras para Madalena e ia e voltava no mesmo dia. Saía para trabalhar de táxi nos turnos após o retorno, com receio de dormir na direção. Tinha um medo absurdo de morrer e deixar os pequenos sem ninguém na América.

Na segunda ocasião, ele precisou passar cinco dias em Nova York. Ficou com dor de estômago por vários dias até ter coragem de pedir para Madalena ir junto com ele e os garotos. Ela usou da boa quantia a receber para

convencer o marido, dividiu um quarto com os gêmeos e tentou aproveitar o máximo que pôde. Levou-os para passear na Quinta Avenida e comprou-lhes roupas novas de inverno para a ocasião, pois eram desnecessárias na Flórida. Achava que Flávio fazia drama demais para sair com os dois, mas entendia. Era homem.

Apesar de tudo ter dado certo nas duas situações, ele esperava poder continuar em sua rotina de casa-trabalho na cidade por um bom tempo. Repensou isso quando se lembrou das avós que estavam chegando, a mãe dele em algumas horas, a ex-sogra dali a dois dias. Talvez fosse bom ter de viajar e deixá-las cuidando dos netos.

Lúcia chorou quando viu Flávio, ainda na área de desembarque. Ele aguardava atrás do carrinho duplo de bebê, as mãos nos bolsos da calça jeans. Ela soltou as malas e colocou a mão na frente da boca, a represa de lágrimas rompida desde que o filho partira. Respirou fundo e segurou nas alças da bagagem outra vez, cruzando as faixas elásticas que separavam os ambientes, e caminhou o mais rápido que pôde sobre o carpete cinza, como se aqueles segundos fossem compensar os meses da ausência dele.

Abraçou Flávio com força e o segurou pelo rosto. Procurava em seus olhos por um resquício de emoção. Tirou os meninos dos carrinhos e pegou-os com amor. Só os largou para colocá-los nas cadeirinhas de segurança do carro.

— Ah! Meu filho, como é bom estar com vocês. Eu não aguento essa distância. Fico tentando achar um jeito de passar mais tempo aqui, mas é tão complicado, com a loja, seu pai e tudo mais.

— Como está o pai? – Flávio não desviou o olhar da estrada.

— Está bem, na medida do possível. Ainda trabalhando bastante. Envia abraços e mandou dizer que te espera lá para uma visita.

— Ele precisa perder esse pavor de avião, mãe.

Lúcia fez algo que irritava Flávio profundamente, ignorou as suas palavras e seguiu no próprio assunto.

— Você podia ver com a Madalena, vai que ela aceita passar umas duas semanas no Brasil conosco?

Flávio pensou nas coisas que as pessoas se esforçavam para não entender. Pediu a si mesmo um pouco de paciência.

— Difícil, né, mãe?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vou conversar com ela durante este mês.

Um mês, ele pensou. Desde que chegara aos Estados Unidos, em outubro de 2014, ele perdera o costume de conviver com outras pessoas, aceitar as diferenças e opiniões de familiares.

As visitas anteriores da mãe foram terríveis. Não por causa dela, mas pela situação toda em que se encontravam. A primeira vinda fora logo após ter ficado sozinho com os filhos e a segunda fora no aniversário de Theo e Noah. A pequena comemoração deixara-o deprimido. Nada daquilo era o imaginado.

Madalena organizou tudo. Encomendou o bolo e comidas de festa em uma padaria brasileira, encheu balões e enfeitou a casa. Os cinco passaram a maior parte do tempo sozinhos. Louise apareceu no final, trazendo os presentes dela e do doutor Emmet.

Viu que aquele era o momento de tocar no assunto da sua ida ao Brasil, pois não queria que, com a proximidade da data, a mãe suspeitasse de que ele estivesse escondendo algo. Mesmo sendo a verdade.

— Talvez eu tenha que ir ao Brasil em outubro. Não sei bem ainda.

— Como assim? Por que você não sabe? – Lúcia surpreendeu-se por não saber nada da possível visita.

— Eu ouvi uns colegas comentando algo sobre o presidente ter mudado um decreto e que agora as renovações têm de acontecer presencialmente.

O visto de trabalho dele faria três anos e precisaria ser renovado.

— Ah! Isso seria ótimo.

Flávio teve medo de que a mãe insistisse na oportunidade de voltarem para ficar.

— Mas não tenho certeza, mãe. Teria que falar com o pessoal da empresa para confirmar.

— Os meninos iriam junto?

Flávio teve medo de falar aquelas palavras. Segurou-as na boca por alguns segundos, enquanto pensava no melhor jeito de explicar.

— Sim. Porque, caso a renovação fosse recusada, eu não poderia retornar. Não posso deixá-los. Além do mais, sou o único responsável legal e teria que fazer uma série de papéis para a Madalena. Tenho pensado em fazer isso de

qualquer maneira.

— Entendo. Bom, mesmo sabendo que vai te dar um trabalho e tanto, vou torcer para que eu possa encontrá-los lá.

A emissão dos vistos de trabalho dera-lhe tantas dores de cabeça que ele fez o esforço de não pensar em nada relativo a isso nos últimos anos. Precisava atualizar seus conhecimentos, conversar com a empresa e saber se de fato ocorreram alterações no processo. Sabia que eles tinham muito interesse em mantê-lo lá pelos próximos três anos e depois solicitar o cartão de residência permanente para ele. Queria que tudo corresse como desejava, e que a mãe não rezasse contra os seus desejos.

Sua mãe ficou tão feliz quando abraçou mais uma vez os bebês que não conseguiu chorar. Mas eles choraram, assustados com a quase desconhecida avó, e Madalena os acalmou, para frustração de Lúcia. Ela pretendia sair de lá com ambos chorando para que ela não fosse embora, e não os largaria até que se habituassem à sua presença.

— Vou aproveitar bem esses dias em que eles são só meus, logo chega a Ruth e tenho que dividir.

Flávio notou o ressentimento.

— Sinto muito, mãe. Eu nem me toquei que as duas viriam juntas.

Ela emitiu um ganido. Uma resposta à sua insatisfação.

— Ainda bem que são dois, não é? E iguaizinhos.

Flávio abraçou a mãe e a balançou. Encostou o queixo sobre a sua cabeça, tentando aproveitar um pouco do carinho que ela estava disposta a dar. Tinha necessidade de provar estar bem, mas lutava com a carência.

Como qualquer mãe, ela fez uma revista na casa para verificar se tudo estava em ordem. Flávio havia pedido ajuda à Madalena para colocar o colchão de volta em seu quarto. Não tinha ideia de como faria durante a noite, mas, se a mãe visse o quarto naquele estado, ficaria preocupada por ele ter dormido lá nos últimos tempos. Provavelmente ela ficaria acordada, esperando um menino chorar para poder atendê-lo, então era preocupação à toa da parte dele.

Ela não encontrou nada que lhe chamasse a atenção — e bem que revirou. Queria motivos para insistir no retorno da família ao Brasil. Não aguentava mais lidar com a dor, com a saudade. Não entendia o motivo daquela

insistência. Flávio quis estudar fora, influenciado pelo pai, mas desistiu quando começou a namorar e voltou com a ideia logo depois do casamento. Só que queria ir para ficar.

Lúcia sonhara com a desistência. Menos de seis meses após a chegada aos Estados Unidos, recebera a notícia de que seria avó. Ela viu o filho às voltas de uma esposa em pânico, que desejava mais do que tudo voltar para perto da família, mas ele não cedeu. O tempo cura, Flávio dizia.

Lúcia sabia que o filho sentia muita culpa por isso. Sabia que ele se perguntava todos os dias se, caso tivessem voltado, ainda teria companhia. Talvez por isso ele insistisse cada vez mais em ficar. Já era teimosia. Duas famílias sofrendo no Brasil e ele passando trabalho no exterior. Recusava-se a admitir, mas ninguém podia negar que um pai sozinho com gêmeos não era algo fácil. Lúcia colocava Madalena em suas orações todos os dias, abençoada mulher que Deus pôs no caminho de seu filho.

Já ambientada com a rotina da casa e com os garotos, Lúcia estava bem à vontade. Flávio aproveitou a oportunidade para dar uns dias de férias para Madalena, pois viu que a mãe se saía bem e logo chegaria a ex-sogra para ajudar.

Sua mãe insistiu que ele passeasse um pouco, vivesse, mas ele desviava. Era jovem, precisava falar com outros adultos sobre qualquer coisa que não fosse trabalho ou filhos. Tinha que conhecer outras pessoas, apesar de Lúcia temer que ele se apaixonasse por uma americana e que perdessem por completo a chance de tê-los de volta ao Brasil.

Já no trabalho, diante de Mike, que não acreditava no sim que tinha acabado de ouvir por achar que fosse uma brincadeira, Flávio confirmou:

— Eu vou.

Mike sempre o convidava para festas e happy hours, e mesmo recebendo negativas, ele não desistia.

— Ah! Cara, você está bem?

— Sim. Estou ótimo. Minha mãe está aqui. Vou aproveitar para sair agora ou nunca mais consigo. Assim você descobre que eu sou a pior companhia do mundo e para de me convidar.

Flávio ficou nervoso em deixar a mãe sozinha com Theo e Noah, mas precisava se divertir um pouco. Viver como adulto, como ela mesma dizia. A

temporada de fraldas acabaria logo, mas não custava aproveitar a oportunidade.

Saiu mais cedo, pois não queria ir direto com os colegas sem passar em casa e ver se estava tudo bem. Checou tudo, tomou um banho e partiu. Algumas pessoas já ocupavam as mesas da rua e ele viu os colegas ali.

— Cara, bebe um pouco. Está precisando. — Mal se sentou e ganhou uma bebida de Mike.

— Ainda bem que você é meu amigo.

— É que você é muito retraído, precisa curtir. Para começar, acho que só bêbado.

— Não vou chegar em casa bêbado, Mike. Minha mãe está lá. — Flávio empurrou o copo para longe.

— Ah! É verdade, mas umas bebidinhas vão te deixar mais à vontade quando a Karol vier falar com você — Mike falou alto, pois a música e as conversas atrapalhavam.

— O quê? Como assim? — Flávio puxou de volta o copo e bebeu.

Karol trabalhava na empresa havia seis meses. Uma morena com quase trinta anos que tinha acabado de passar por um divórcio. Flávio notou, logo que ela entrara na empresa, os olhares direcionados a ele. Nunca retribuiu e ela parou. Uma companhia deixaria Flávio um pouco mais leve, então Mike não perdeu a oportunidade de falar com ela. Avisou-a que ele estaria no bar naquela noite e que seria a sua chance.

Sabendo que ela viria, Flávio ficou nervoso e acabou bebendo um pouco mais do que havia planejado. Quando ela chegou, em um vestido tão curto que deixava as coxas à vista, ele já estava mais confiante. Ou apenas bêbado.

— Desde que entrei na empresa, eu não consigo tirar os olhos de você — ela falou no ouvido de Flávio.

— Eu notei. — Flávio testava se ainda era capaz de, apenas com o olhar, demonstrar o quanto achava uma mulher atraente.

— Quando o Mike me disse que não tinha chance, fiquei bem desanimada. Não saí com ninguém de lá, juro. Só queria você.

— Bom, sua chance chegou.

— Não vou perdê-la, pode ter certeza. Sonho com você e acordo louca. —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela colocou a mão na perna dele.

— Então hoje vamos realizar esse sonho.

Flávio sabia que não diria nada disso sóbrio. Mas estava cansado. Exausto de viver preso dentro do personagem perfeito, que não sofre, que não vive. Isento de emoções.

— Sério? Olha, eu não posso esperar mais nem um segundo. Eu moro aqui perto, podemos terminar nossos drinks no meu apartamento — ela foi direta.

— Karol, você sabe que eu sou um homem complicado, né?

— Eu não quero casar com você nem nada, ok? É só desejo. Provável que passe depois de hoje, mas eu preciso testar para ter certeza — ela disse sorrindo.

Flávio pensou nas diferenças. Analisou se poderia acontecer o mesmo que ocorrera com Emma. A tontura atrapalhou os pensamentos, mas lhe deu coragem para tentar.

— Certo. Então vamos.

Saíram separados para não chamar atenção. Flávio avisou Mike, que não conteve o sorriso. Em um lampejo de sobriedade, achou aquilo tudo ultrajante, sair com alguém só para passar a noite, mas estava disposto a não resistir.

No meio do caminho, Karol tirou os saltos, pois não aguentava mais os pés.

— Ai! Desculpa, preciso tirar isso. Estão me matando — ela falou, apoiando-se no ombro de Flávio.

Karol aproveitou a proximidade e o envolveu com os braços. Beijou-o. Para Flávio, outra boca com gosto de vazio. Ele fez força para não desistir. Pegou-a no colo e colocou-a sobre os ombros.

— Mas que vestido bem curto, mulher. Ainda bem que não tem ninguém na rua. — Flávio escondeu as pernas de Karol com as mãos.

— Era para te impressionar.

Ele ficou com pena. Não tinha certeza se um dia seria capaz de se deixar impressionar outra vez.

Quando chegaram, Flávio puxou-a para o colo e ela abriu a camisa dele.

— Karol, eu... eu não estava esperando por isso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Espera. – Karol beijou-o.

Ele acompanhou o caminhar dela. Os saltos ecoando no piso. Flávio observou como seu corpo era diferente, talvez conseguiria. Karol era maior, bronzeada, com longos cabelos negros. O total oposto da pele que ele havia se acostumado a tocar. A imagem tomou-lhe os pensamentos. O aroma frutado do pescoço que ele sentia falta de beijar. Flávio cedeu. Quando Karol retornou, percebeu que o interesse dele havia ido embora.

— Sinto muito — ele abraçou-a.

Flávio fez o que pode para contentá-la. Puxou-a pelo braço, colocando-a em seu colo. Teve vontade de chorar.

— Vai ser difícil não me atirar para você de novo depois de hoje, mas não precisa ficar preocupado que eu também não quero relacionamento.

— Você acabou de se divorciar, né? – Ele acariciou os cabelos dela.

— Sim. Meu ex está com as crianças. Tenho que aproveitar.

Flávio foi embora com uma sensação estranha. Apesar da noite agradável, outra vez não conseguiu tirar a imagem do passado da cabeça. Contudo, avançava. Talvez devesse permitir-se mais.

Quando chegou em casa e viu que tudo ia bem, que os meninos dormiam e a mãe via televisão, ele ficou aliviado. Decidiu soltar um pouco a pressão de estar eternamente sozinho e ser responsável por tudo. Pelo menos por uns dias.

Capítulo 4

A noite de Flávio e Karol foi a sensação da empresa no dia seguinte. Todos sabiam e ela deleitava-se como a conquistadora. Combinaram de evitar um ao outro por um tempo. Não conseguiriam conter os olhares e chamariam ainda mais a atenção dos colegas.

— E aí? Como foi? – Mike atacou Flávio quando o encontrou.

— Valeu a pena. – Flávio passou reto.

Mike foi atrás dele.

— Só isso? Valeu a pena? Óbvio que valeu a pena. Você saiu com a mais gata da empresa.

— Foi bom, cara, foi bom. Curtimos, conversamos.

— Ah, meu! Você foi para lá para namorar ou o quê?

Flávio parou na máquina de café e preparou um para si. Entregou outro na mão de Mike.

— Desculpa, mas não vou te dar detalhes sórdidos.

— Ah! Então eles existiram. Os detalhes sórdidos. — Sorria de orelha a orelha.

Flávio não respondeu.

— Pena que quer guardar só para você.

Flávio sentou-se e Mike não saiu diante dele.

— O que eu posso fazer se eu sou bonito, cara? Vocês não valem nada — complementou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ok, mas e esse negócio de conversar? Agora que começou já vai casar?

Flávio achou engraçada a preocupação do amigo.

— Não, claro que não. Ela está solteira há pouco, quer curtir. E eu não quero mais trabalho. Nós dois sabemos que quatro filhos não é uma tarefa fácil.

— É verdade, que bom. Você tem que aproveitar mais, você sabe né? Essa sua pinta de galã não dura para sempre. Vê se não vai esperar os meninos crescerem.

— É, tudo deu certo, quer dizer, eles ficaram bem. Minha mãe disse que não estranharam nem nada. Dormiram tranquilos. Talvez seja a época de arrumar uma babá noturna de vez em quando.

Mike partiu e deixou Flávio pensando sobre retomar a vida. Ele tinha mais algumas semanas para aproveitar sozinho até as avós dos meninos irem embora. Não pretendia fazer nada de excepcional, mas tentaria viver melhor. Um dia de cada vez.

Pensou que poderia fazer alguns passeios com os bebês também, sair com a ajuda de duas mulheres seria mais fácil. Já há um tempo queria levar os meninos nos parques. Desejava voltar. Tinha um pouco de receio pelos momentos felizes vividos lá, mas precisava superar. Dificilmente iria sozinho com os garotos nos próximos meses, então comprou os ingressos do Magic Kingdom pela internet antes que a ideia fosse embora.

Quando pegou a ex-sogra no aeroporto, Flávio percebeu a dificuldade da situação. A mãe queria vê-lo radiante, superando os problemas e vivendo de novo. Só que a presença da outra avó mudava todo o roteiro que ele vinha escrevendo desde que recebera a mãe.

Ela tinha mágoas. Sem colocar em palavras, culpava-o por tudo e não imaginava vê-lo feliz de verdade. Agora ele teria que treinar outro discurso. De preferência, conversar com as duas separadamente. Aproveitou a oportunidade de estar sozinho com ela no carro para demonstrar um pouco da tristeza que sinceramente ainda carregava.

— Como vão indo as coisas por lá, dona Ruth?

— Difíceis, Flávio. Muito difíceis.

— É. Eu imagino. Aqui também. – Percebeu ter usado as palavras erradas assim que as despejou.

— Não sei, mas acho que vocês deviam é voltar. Sentimos tanto a falta dos meninos... Eu queria ser uma boa avó, mas não tenho dinheiro para vir, nem para mandar presentes. Queria vê-los crescerem. — Como Flávio não respondeu, ela continuou. — Não é fácil para nós, com tudo que aconteceu, e ainda ter que ficar sem os netos... Não é fácil.

E foi aí que ele perdeu o controle. Sempre o perdia diante dos lamentos dela.

— Para mim também não é. Pode ter certeza. Não era esse o rumo que eu queria que as coisas tivessem tomado. Queria Catarina aqui comigo agora, com a senhora. Mas eu não posso desistir de tudo. Eu sonhei muito com isso, eu lutei, eu conquistei. Hoje tenho o emprego dos meus sonhos, comprei uma casa maravilhosa pra minha família, meus filhos nasceram em um país digno, têm saúde, educação, segurança. Terão um futuro brilhante.

Apertou o volante ao notar ter saído do trilho planejado para a conversa.

— Mas não terão a mãe.

A resposta encerrou o assunto. Flávio não queria um clima pesado em casa durante a visita dela. Falou com sua mãe e foi sincero como não era há muito tempo. Explicou que não podia parecer desesperado em ser feliz na frente da outra. Pediu ajuda para manter os ânimos equilibrados e as conversas racionais e sem mágoas.

Lúcia entendeu e fez o possível para que tudo corresse bem. Convidava a outra avó para passeios com os meninos e deixava-a sozinha com eles para que tivessem suas próprias memórias. Muitas vezes via a senhora, descuidada na aparência, chorando com Theo ou Noah no colo, relembrando os primeiros anos da vida que ela mesma gerara muito tempo atrás.

Flávio evitou sair depois que ela chegou. Ficou só com aquele gosto de que podia aproveitar. Karol convidou-o para uma nova visita e, com a negativa, ela não insistiu mais. Os dias eram iguais para ele, mas as noites eram estranhas. Sem Madalena, ele viu muitas coisas trocarem de lugar, as comidas eram diferentes e as conversas muitas vezes delicadas. A mãe ajudava a fugir de assuntos perigosos.

Ele gostava da parte de poder tomar banho e dormir em sua cama sem preocupações, apesar de levantar durante a noite e ir espiar os pequenos bagunceiros. Quando estavam acordados, sua mãe o mandava de volta para a cama. Ela daria conta do recado, dizia.

Flávio fez reserva em um restaurante e ficou com medo de que a ex-sogra pensasse que todos os seus dias eram assim, naquela vida boa. Comer fora, bom sono, tempo para ver televisão. Aquilo era surreal. Desde o dia do nascimento dos gêmeos, sua vida não passava de fraldas, falta de sono, falta de tempo, choro, trabalho e medo. Muito medo. Mas também era uma vida de amor. Ele não conseguia acreditar em como podia amar tanto aquelas cabecinhas loiras, como podia ficar tão ansioso por voltar para casa depois do trabalho sabendo que teria muitas fraldas para trocar.

No verão, a Flórida recebia mais visitantes do que o habitual, tornando cada metro quadrado concorrido. Andaram pelas quadras abarrotadas do Disney Springs e pararam para fazer parte do sorriso coletivo estampado em cada uma das pessoas que olhava fascinada para o balão de ar que se projetava ao céu.

O vulcão na entrada do restaurante expeliu seu magma e Flávio apontou a direção. Os meninos ficaram assustados na primeira vez que a chuva falsa aconteceu na floresta montada dentro do Rainforest Cafe, mas riram quando as avós se envolveram na dança dos animais em movimento. Os olhinhos, que refletiam a cor dos aquários, acompanhavam os peixes acesos como lâmpadas.

— Este era o local preferido da Cat para uma ocasião especial.

— A não ser pela meia luz, não há nada de romântico nele, meu filho.

— Eu sei, mas ela amava. Ficava encantada com a sensação de ter araras sobrevoando sua cabeça. Posso vê-la largar a bebida colorida ali, no momento da tempestade. — Flávio apontou para o bar, os bancos que eram a metade de um animal da floresta.

Lúcia afagou as costas do filho e estendeu para a outra avó um lenço de papel que tirou da bolsa. Era capaz de imaginar os momentos perfeitos que foram vividos ali, mas conseguia entender por que nada disso havia mantido a família unida. Há coisas que só um abraço cura e Flávio ainda não entendia isso.

— Nunca mais voltei aqui desde que Theo e Noah nasceram. Catarina não sairia de casa por nada no mundo, nem para ir ao seu restaurante preferido.

— Lembro-me da minha filha dizendo que eu tinha de vir visitá-la apenas para provar o doce em formato de vulcão. Não entendo como as coisas não feitas doem tanto dentro de nós.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Bom, não estamos aqui para sofrer, não é mesmo? Vamos pedir a sobremesa? – Lúcia interrompeu.

Minutos depois, o garçom, vestido com uma roupa cáqui típica de alguém que frequenta florestas nos desenhos animados, saiu da cozinha gritando “Volcano”. Foi acompanhado dos colegas e todo o restaurante gritou junto. O bolo de chocolate recheado com creme era enorme e vinha brilhando com sua vela explosiva no topo. Os garotos abriam a boca tão logo cada colherada de recheio ia embora.

Aquela havia sido a melhor noite desde que fora abandonado, Flávio tinha certeza. Já há muito tempo não se permitia viver daquela maneira. Precisava reaprender a ser feliz.

No dia seguinte, Flávio estava em automático ao organizar o necessário para pôr o plano em prática. Não sabia por que, mas estava motivado e queria aproveitar a presença das avós para levar os meninos ao Magic Kingdom. Viu a mãe e a ex-sogra revisarem as mochilas que ele montou com roupas, mamadeiras, frutas e tudo que julgava necessário para passar um dia lá. Não tinha bem certeza se aguentariam tanto, mas ia tentar.

Já com um ano e meio, os gêmeos não tinham a foto clássica na frente do castelo de princesa, apesar de morarem há menos de dez minutos dele. Era o dia de resolver isso. Cedo estavam de pé, pois queriam pegar a apresentação de abertura. Quando pensou nisso, ele desanimou.

— O que houve, meu filho? – Lúcia vestia Noah quando percebeu o sorriso de Flávio indo embora.

— Tenho medo, mãe. Medo de ver o rosto radiante da Catarina em cada canto daquele lugar.

Lúcia pegou o bebê no colo e pensou no que dizer sobre o fato de ele não sair mais, evitar muitos pontos em Orlando e diversas situações ligadas às memórias boas. A culpa que não o libertava para ser feliz outra vez.

— E se eu começar a chorar na frente das pessoas, pensando nela e em tudo que vivemos? Na maravilha que foi quando chegamos aqui e visitamos um por um dos lugares incríveis desta cidade?

Lúcia perdeu as palavras. Flávio nunca deixava que a mãe ouvisse seus lamentos, mesmo que ela soubesse que eles não lhe saíam da cabeça.

— Fomos tão felizes por um tempo que eu não entendo o motivo de ela ter

desistido de tudo.

Flávio apenas aceitara a depressão quando os médicos a vincularam ao nascimento dos garotos, mas no fundo ele sabia. Sabia que os três primeiros meses foram perfeitos. Sabia que, depois disso, o desânimo tomou conta.

— Sabe, pensamos que ter um bebê poderia deixá-la mais empolgada. O que não imaginamos na época é que seria tão rápido e que ganharíamos gêmeos.

Lúcia abraçou forte o neto. Não era capaz de imaginar a ausência deles.

— No quarto mês, Catarina não aguentava mais de saudade da família. Você sabe, o visto que recebeu não permitia que trabalhasse nem estudasse. Fez trabalho voluntário e ficou mais para baixo ainda. Sentia um misto de culpa e pesar. Tinha o que outras pessoas desejavam, mas não estava feliz. Sugeri que ela parasse por um tempo, que tentássemos um bebê, que ela voltasse a dar aulas de inglês pela internet.

Lúcia lembrava-se de tudo isso. A retomada de alguns alunos do Brasil com duas ou três aulas por dia e como isso não fora suficiente. Recordava também que o exame de gravidez positivo já na primeira tentativa não ajudara em nada no desânimo que se acentuava a cada dia.

— Naquele dia de abril, Catarina saiu do banheiro segurando o teste e correu até a nossa cama. Ajoelhou-se ao meu lado e falou: Flávio, meu Deus! Estou grávida, e agora?

Lúcia queria tapar os ouvidos. Não tinha certeza se aguentava compartilhar a dor do filho, mas daria a vida por tirar um pouco do peso que ele carregava.

— Eu não levei a sério. Eu ri. Brinquei sobre o que diríamos aos pais dela. Ela ficou braba, mãe. Confessou o medo. Assumiu que foi rápido demais. Eu também achei, o médico havia dito que poderia levar um ano. Contei com esse tempo para animá-la, mas quando eu disse que logo teríamos o nosso filho nos braços, ela ficou mais assustada ainda.

Flávio falava para a janela. Desabaria se dissesse tudo isso diante dos olhos marejados da mãe.

— Nesse dia eu a levei lá. No Magic Kingdom. Era o que eu podia fazer para deixá-la feliz. Comprei uns minutos de tranquilidade com uma maçã caramelada.

— Flávio, não vamos nos atrasar? – Eles ouviram a voz na porta.

— Sim, sim. Já estamos indo, Ruth.

Lúcia secou os olhos e entregou Noah para a outra avó. Abraçou Flávio e sorriu.

— Vamos ressignificar tudo isso. Não desista, meu filho. Ainda dá para ser feliz.

Com tudo e todos no carro, Flávio revisou mais uma vez se não estava deixando nada. Dirigiu até o portal de entrada colorido e notou que havia se esquecido do tumulto. Nada como um domingo de manhã em um parque temático de Orlando no verão. Theo e Noah resmungavam mais e mais a cada minuto parados.

Passaram pelo pórtico e procuraram uma vaga, anotando a localização no mar de veículos. Malévola os ajudaria a encontrar o deles na volta. Caminharam até o transporte que levava até a barca e, lá dentro, as avós ficaram fascinadas com a paisagem. Quando viram o castelo surgir no horizonte, deram gritinhos como adolescentes e o apontaram para os garotos.

Chegaram a tempo da apresentação de abertura. A dança, os personagens, tudo encantava. Com os portões liberados, eles adentraram no mundo mágico. No primeiro passo, Flávio lembrou-se de tudo, das incontáveis fotos que tinha naquele lugar que por tanto tempo fora um sonho.

Flávio sentou-se com Theo exatamente diante do castelo, mas na ponta extrema da rua. Lúcia o acompanhou enquanto viam Noah partir com a outra avó atrás de carrinhos de bebê.

— No dia em que descobrimos que seríamos pais, sentamos ali, no chão, e dividimos uma maçã. Catarina fez questão de evidenciar que continuava em desconforto com a notícia.

Lúcia olhou para o alto. Procurava por uma nuvem que a distraísse, que a levasse para longe da vontade de chorar. Mas era dia de céu azul.

— E sabe o que eu fiz quando ela falou que não estava pronta, mãe? Eu ri outra vez. Nossa, posso sentir o gosto da boca caramelada, os ombros magros que eu segurei enquanto ignorei a dor dela.

— Você não pode manter presa essa culpa, Flávio.

Noah voltava dentro do carrinho duplo empurrado pela avó.

— Ela só queria estar com a mãe dela. Pensava no quanto Ruth sofreria

quando soubesse. Sentia falta da família e implorou para voltar ao Brasil. Ela insistia no pedido e eu insistia na recusa. Tantos anos planejando, mãe. Como pensar em voltar depois de apenas seis meses? Nunca vou esquecer o que ela disse. Que às vezes temos que admitir que nossos sonhos não são tão bons quando eles viram realidade.

Flávio parou de falar quando Noah estava ao alcance de suas mãos. Lúcia sabia que o dia seria assim, cada cantinho daquele lugar estava carregado de memórias.

— Filho, não é ali a tal da foto com o Mickey que você quer que os meninos façam? — Lúcia apontou para o prédio ao lado deles.

— Ah! É sim, mãe, vamos lá.

Eles seguiram o passeio para mais fotos no castelo. Flávio aproveitava a oportunidade de criar memórias com as avós e fazer algo pelo qual esperava há meses. Não sabia quando levaria os meninos lá de novo e queria provar a eles que um dia estiveram ali. Pretendia não esperar tanto desta vez, mas contava apenas com Madalena para isso.

Os olhos das duas senhoras brilhavam a cada novo passo. Flávio via a ex-sogra tentando conter o sorriso. O medo de ser flagrada sendo feliz outra vez. Foram em algumas atrações e as preferidas dos meninos envolviam passeios por cenários coloridos e músicas que grudavam na cabeça como chiclete no sapato. As avós gostaram do pequeno cruzeiro pela selva, mas o que conquistou todo mundo foi mesmo a comida.

— Meu filho, se você me prometer um desses todos os dias, eu me mudo para cá. — Lúcia segurava o *funnel cake* e lambia os dedos sujos da geleia polvilhada com açúcar.

— Ah! Não seja por isso. Te dou toneladas.

— Tudo aqui parece um sonho.

— Mas é real, Ruth.

— Eu imagino que a minha Catarina gostava muito daqui.

— Sim. Muito. Ela era apaixonada por este lugar. — Flávio a abraçou pelos ombros espontaneamente pela primeira vez na vida.

A noite caiu e Felizes Para Sempre era o novo espetáculo de encerramento do parque. Flávio ficou aliviado em saber que o show de fogos já era outro.

Tinha certeza de que, se ouvisse a música do antigo, choraria ao se lembrar das tantas vezes que o assistira embriagado de alegria.

A música abafou as vozes e as luzes cortaram o céu. A emoção surgiu no ar, junto da voz do narrador. Flávio viu o castelo vestir outra roupa.

— Queria por tudo no mundo que ela estivesse aqui agora. Esse seria o meu Felizes Para Sempre.

Flávio entrou na canção. Cada palavra era dita para ele. As luzes estourando no ar, trazendo a magia de volta. Faça um pedido, a princesa Tiana ordenou. E ele pediu. Desejou que as palavras dela fossem verdade, que a magia estivesse no ar naquela noite.

Invejou a coragem e determinação de Moana e então ele aceitou. Por fim ele deu o primeiro passo.

— Por favor, me ajuda a ser feliz de novo. Me ajuda a devolver o meu coração ao seu lugar. Me perdoa, eu quero destruir essa maldição, restaurar a minha vida.

Flávio compreendeu o aviso de que uma jornada havia chegado ao fim, mas que a dele devia continuar, agarrar seus sonhos e torná-los realidade. Encontrar o seu felizes para sempre.

Vidrado no espetáculo, Flávio não viu a mãe desaparecer na multidão. Ao aviso de encerramento, ele procurou por ela e não a encontrou.

— Dona Ruth, onde foi minha mãe?

— Ela disse que precisava trocar o Theo, que não podia esperar e que já voltava.

— Mas como ela pensa que vai nos encontrar com tanta gente aqui?

— Vamos esperar um pouco.

Depois de dez minutos, ele ficou preocupado e organizou as coisas para ir até a área de informações. Imaginou que, perdida, a mãe procuraria ajuda lá. Ficou irritado por não ter insistido com ela sobre colocar uma linha no seu telefone. Lúcia achou desnecessário, pois não sairia sozinha. Agora ela devia estar confusa no parque lotado, sem conseguir se comunicar.

Andavam em direção à entrada principal quando viram Lúcia segurando Theo. Ao seu lado, uma jovem vestida com o uniforme do parque empurrava o carrinho do menino.

— Ah! Aqui estão vocês. — Lúcia devolveu o menino ao pai.

— Mãe, onde você estava? Eu fiquei muito preocupado.

— Faça-me o favor, meu filho! Eu sei me virar. Acabei me perdendo com tanta gente, mas encontrei essa garota linda com uma bandeirinha do Brasil e ela me ajudou.

Flávio olhou para a garota. Camiseta verde e bermuda cáqui, o uniforme que desfavorecia o seu corpo. Viu a bandeira do Brasil no broche com o nome de Anita. Ela sorria radiante, como que saída de um comercial. O cabelo castanho bem preso no topo da cabeça, os olhos extraordinários da cor do mel.

Anita sentiu a intensidade no olhar de Flávio e desviou o seu o mais rápido que pôde. Sentiu as mariposas na barriga. Ao levantar a cabeça, percebeu que ele ainda mantinha os olhos postos nela.

Flávio estendeu a mão para a garota e, quando os dedos se tocaram, ele foi preenchido pela vida ausente em cada um dos beijos que dera nos últimos meses. Anita colocou atrás da orelha um fio de cabelo imaginário, pois todos estavam dentro do penteado imaculado.

— Esse é meu filho, que eu te falei. O Flávio. E esse é meu outro neto — Lúcia falou, mostrando Noah.

— Mãe, ela não quer saber da sua família e precisa voltar ao trabalho. Obrigado, ahn... Anita. — Flávio sentiu vergonha da mãe.

— Deixe de ser mal-educado, meu filho. Nós conversamos bastante enquanto procurávamos por vocês. Ela é uma moça encantadora. É de Porto Alegre também.

Ele queria agarrar o coração galopante antes que Anita pudesse ouvi-lo em seu peito.

— Obrigado mais uma vez por ter achado minha velha e caduca mãe perdida por aí.

— Não há de quê. Espero que tenham tido um dia muito agradável. Foi um prazer conhecê-los. — Sorriu encabulada, como se ele fosse capaz de saber que ela de fato tinha gostado do breve encontro.

Flávio andou alguns metros e desistiu de brigar com a vontade de olhar para trás. Anita não havia nem tentado. Permanecia presa ao chão como uma

árvore. Ele tirou uma das mãos dos bolsos e acenou para ela, que olhou para os sapatos e sorriu. Foi chamada outra vez à imagem de Flávio e devolveu o cumprimento.

Através da noite abafada, o grupo voltou ao estacionamento, revivendo os detalhes das atrações inesquecíveis e ainda sentindo a energia do parque.

— Que dia maravilhoso encerrado com a presença mágica daquela personagem encantadora, a Anita.

Flávio quis esconder o sorriso ao ouvir as palavras da mãe, mas não conseguiu. Sentia qualquer coisa diferente dentro de si, por causa do lugar, ou de Anita. Não tinha bem certeza do motivo.

Capítulo 5

Flávio iniciou a semana feliz como há tempos não ficava. Sentia a vida outra vez, a tranquilidade de ter os garotos em casa com as avós. Agradeceu pelos momentos bons dos últimos dias, por tudo que agora funcionava bem. Ao pensar nisso, teve medo. Receio de que alguma nuvem negra surgisse para encobrir o sol, pois era assim que via as coisas acontecerem em sua vida.

— O que houve, meu filho? Estava sorrindo e de repente fechou a cara? — Lúcia perguntou do balcão da cozinha, onde preparava o almoço.

— Tenho medo da paz, mãe – Flávio confessou.

Lúcia largou a faca e limpou as mãos no avental. Sentou-se ao lado do filho.

— Tudo ia bem e ajustado com perfeição até a semana em que os gêmeos nasceram. De repente o mundo ruiu e, peça por peça, tudo se acabou. A Catarina começou a ficar aterrorizada com o parto uma semana antes de ele acontecer e, quando aconteceu, ela surtou.

Cada palavra colocada para fora doía na pele de Lúcia, mas ela precisava deixar que Flávio se libertasse dos detalhes da doença que dividira a sua família.

— Você sabe, desde o sétimo mês ela estava de repouso, com contrações leves. Os meninos precisavam de mais peso. Naquele período, o medo e a tristeza ganharam tamanho.

Com receio de interromper o fluxo de pensamentos, Lúcia não ousou falar nada.

— Achei que era apenas uma mistura de emoções e preocupações, mas era a sombra da grande depressão que se aproximava há meses. Quando ela achou espaço, ninguém mais conseguiu ajudar Catarina a controlar a mente.

Flávio apertou a mão de Lúcia com força, precisava do contato para manter-se no presente.

— Ela me pediu ajuda, mãe. Disse que tinha medo, que não ia conseguir e eu não entendi. Achei que falava sobre não ser capaz de suportar as dores do parto. Eu disse que não tínhamos muito o que fazer. Ela pediu pela mãe. Por você. Chorou diante de mim, molhando a imensa barriga com as lágrimas. Achei que eram medos de uma mãe de primeira viagem. Que passaria quando ela visse os bebês, que ficaria mais calma.

— Mas não foi o que aconteceu.

— Sinto muito. — Ele deitou a cabeça no ombro da mãe.

— Tudo bem, meu filho. Já passou. Ficou para trás. Está tudo bem agora.

Flávio acreditou nas palavras da mãe. Foi trabalhar tendo certeza de que tudo ia bem e voltou para casa ansioso por deixar para trás as dores que carregava. As duas senhoras estavam no jardim, rodeadas por brinquedos de verão e pelos garotos, que davam seus passinhos tortos pelo gramado quando Flávio chegou cantarolando. Lúcia percebia que as conversas estavam ajudando o filho.

— Como ele pode estar bem longe de Catarina?

— Ruth, ao menos disfarce o ressentimento. Quer outro pai depressivo para os seus netos?

Flávio atravessou o gramado e Lúcia o recebeu nos braços.

— Boa noite, meu filho. Como é bom te ver tão bem. Não sabe como acalma meu coração.

— Estou bem sim, mãe. Temos dias bons e ruins aqui, como qualquer pessoa.

— Eu sei, queria que todos os seus dias fossem bons. Você não merece mais sofrer. — Lúcia fitou a mulher ao seu lado, que olhava para o chão. — O que você acha de sairmos para passear esta noite? Você pode nos mostrar algum lugar legal, tem alguma ideia?

— Será, mãe? Durante a semana? Nunca saímos em dias de semana.

— Flávio, olha ao seu redor, meu filho! Aproveita que você tem ajuda, que

tem lugares maravilhosos para ir, filhos saudáveis. Pare de se culpar, pare de sofrer, pelo menos por hoje. Tenta fazer isso aos poucos, um dia de cada vez.

— Certo, mãe. Você tem razão. Eu sei um lugar muito legal. Você vai gostar, dona Ruth. A Cat amava ir lá. — Flávio percebeu-a forçando o sorriso.

Flávio levou-as ao Disney's Boardwalk, uma área cercada de hotéis da rede de parques temáticos. O lugar rodeava um pequeno lago com algumas lojas e restaurantes. Dali, também era possível enxergar parte dos fogos de encerramento dos parques.

— Catarina era viciada nos cupcakes daquele lugar. — Flávio apontou para a fachada de uma confeitaria. — Uma vez, quando estava grávida, ela acordou desejando o de Oreo. Como a loja não estava aberta àquela hora, eu não pude atender ao seu pedido. Ela passou o dia inteiro telefonando e ameaçando me deixar na rua caso aparecesse em casa sem o cupcake.

Pisando depois de tanto tempo naquele caminho de madeira, Flávio relembrou-se dos passeios da época sem filhos. De sentar nos bancos dispostos de frente para o lago ou nas mesas altas da confeitaria. Recordou não ter o medo que tinha agora. O receio de se emocionar pelo tempo passado.

— É incrível como sou capaz de sentir o cheiro da Cat aqui.

Caminhavam devagar, ao tempo dos passos de Theo e Noah. As duas mulheres estavam admiradas com o cenário, sentindo-se em um filme.

— Olhem! — Flávio apontou para o telão montado no gramado. — Hoje é dia de sessão de cinema ao ar livre. Podemos assistir com os meninos. Vimos muitos filmes aqui, eu a Cat.

— Posso imaginar o quanto minha filha gostava deste lugar. Ela era tão apaixonada pela América, não foi à toa que escolheu ser professora de inglês. Só não consigo entender como foi que, depois de chegar até aqui, ela acabou por ficar tão deprimida.

— Nós sonhamos tantas coisas, Ruth, mas não nos damos conta de que é importante estar perto da família, que pessoas são o nosso bem mais precioso — a mãe de Flávio falou.

— É, Lúcia, só depois que os perdemos é que damos valor.

— Podemos nos acomodar aqui com os garotos e vou até lá e trago os cupcakes. Mais tarde vemos os fogos da beira do lago.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Lúcia abriu a bolsa dos bebês e retirou a manta, que estendeu no chão para colocar os meninos e seus brinquedos. Noah correu até Flávio e agarrou as pernas do pai.

— Fique aqui com a vovó. Seu pai volta logo.

O menino gemeu. Deu indícios de que começaria a chorar.

— Tudo bem, Ruth. Eu levo Noah comigo. Fiquem aí com o Theo.

Flávio puxou a porta branca da confeitaria e viu que a fila para chegar até o balcão estava grande. Com velocidade, ela foi consumida pelas atendentes e sua vez chegou. Mal teve tempo de analisar o que queria quando conseguiu enfim ver os doces através do vidro. Colocou Noah no chão e decidiu pedir apenas o favorito de Catarina.

— Cinco cupcakes de Oreo!

— Oi, carinha! Lembra de mim? Hein? Quer dizer, não sei se era você, na verdade. Será que você não era você e você era seu irmão? Estou te confundindo, não é?

Flávio ouviu a voz doce em português e achou engraçado o que a jovem disse. Olhou para o chão e não viu Noah. Procurou à frente e, quando virou de costas, viu o bebê no colo de uma garota. Ele brincava com o colar dela, os olhos em seu peito. Ela olhava para suas mãozinhas e sorria.

— Ahn... desculpe, mas nos conhecemos? — Flávio fingiu não recordar.

— Ai! Me perdoa. Eu sou a Anita, lembra? — Ela ajeitou o menino no colo e estendeu a mão livre para Flávio.

— Anita? Não, sinto muito – ele mentiu. Reconheceria aquele olhar em qualquer lugar do mundo.

— Do parque. Achei sua mãe. Perdida. Trabalho lá.

Anita aguardava com a mão no ar.

— Ah! Claro. Não reconheci você. Flávio.

Ele apertou a mão da garota e confirmou que aquilo que havia sentido não fora ilusão, resquício da magia do parque. Podia sentir a névoa imaginária que os rodeava, formando uma conexão. Algo que vibrava no peito.

— Pudera, com aquela roupa e o penteado maravilhoso que eu uso quando estou trabalhando.

Ele riu. Riria de qualquer coisa saída daquela boca brilhante como pérola. Mas ela estava mesmo diferente. O cabelo castanho que ele não vira da primeira vez revelou-se longo e ondulado. A saia rodada e a blusa branca de alças permitiram que Flávio apreciasse os contornos do seu corpo. No pescoço, carregava um colar de couro com uma pedra que prendia a atenção de Noah.

— Olha, a verdade é que confundi os bebês, mas parece que o Noah gostou de você também.

— É, eu lembrei que ele tinha um gêmeo. A probabilidade de eu estar fazendo confusão era grande.

A atendente entregou a caixa com o pedido de Flávio e ele deu espaço para que Anita fizesse o seu.

— Um cupcake de Oreo, por favor.

Anita pegou o pequeno bolo e acompanhou Flávio de volta ao tablado do Boardwalk.

— Sei que tenho que te devolver o bebê, mas está tão bom. Vocês estão passeando? Eu não estou fazendo nada, só vim pegar o cupcake e ia voltar para o meu apartamento. Então, se não tiver problema, eu posso dar uma caminhada com vocês. Se não for incomodar, claro. Quer dizer, não sei se você está com alguém, então...

Nervosa, ela despejou as palavras. Antes que continuasse, Flávio interrompeu-a.

— Vamos assistir à sessão de cinema ao ar livre e depois ver os fogos. As avós estão no gramado com Theo. Noah não quis ficar. Você pode vir, se quiser.

Anita parou de andar.

— Claro. Você falou avós, uma é sua mãe, a outra seria a mãe da sua esposa? Não quero ser inconveniente.

— Ela é a mãe da Catarina sim, a mãe dos meninos, mas não estamos mais juntos.

Recomeçaram a andar devagar.

— Sinto muito. Viu? Já estou sendo inconveniente.

— De forma alguma.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vocês se separaram há muito tempo?

Flávio não tinha a resposta na ponta da língua. Esperou alguns passos para anunciar:

— Na verdade, ela morreu.

— Ah! Meu Deus! Que intrometida que sou. Desculpe, sério, desculpe. — Anita travou por alguns segundos no caminho outra vez.

— Não tem problema. Não falava muito sobre isso e agora que a minha mãe está aqui e tenho conversado com ela, percebo que pode ser o que estou precisando. Parece que ajuda a dar os próximos passos e retomar a minha vida.

— É, dizem que sim.

Flávio sentiu de novo aquela vontade de largar o passado lá atrás, no lugar dele, mudar de assunto e viver o agora.

— A noite está linda, né?

Ele ficou preso nas palavras, no sorriso de Anita. Queria acreditar ser o motivo dele, assim como ela era o motivo do seu.

Noah ainda brincava com o colar quando reencontraram as mulheres sentadas no chão verde, atrás das cadeiras dos hóspedes do resort.

— Anita? — Lúcia surpreendeu-se.

— Sim, dona Lúcia. E olha o que eu achei. — Ela apontou com a mão livre para o rostinho de Noah, concentrado com seu novo brinquedo.

Lúcia levantou-se com dificuldade e abraçou a jovem. O bebê entre as duas. Quando a soltou, olhou para Flávio e fez um sinal de positivo. Ele revirou os olhos.

Flávio queria afastar os pensamentos contrários, aqueles que diziam que a garota devia ter dez anos a menos do que ele, que não devia conhecer nada da vida e muito menos se envolveria com um pai solteiro cheio de problemas e filhos.

Queria focar apenas naquelas coisas que sentia ao ver Anita se sentar na toalha estendida e colocar Noah ao seu lado. Não eram desconhecidos, os sentimentos. Não. Eram aqueles mesmos que o perseguiram desde a primeira vez que botara os pés na aula de inglês e se apaixonara pelo olhar que agora podia ver replicado nos olhos dos filhos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Anita tirou o colar do pescoço e o colocou em Noah.

— Hey, baby boy! Aí está o garoto certo. Você se lembra de mim, não é? — ela perguntou a Theo. O bebê olhou em seus olhos e sorriu, mas em seguida voltou sua atenção ao cupcake dado pelo pai. — Ah! Flávio, não vale. Agora que íamos começar uma amizade, você entrega um doce para o menino? Sêrio? — Anita reclamou.

Aladdin surgiu na tela, diminuindo a visibilidade das estrelas no céu. Depois de quase uma hora, Anita olhou para o relógio e aproximou-se em silêncio de Flávio. Sussurrou em seu ouvido:

— Os fogos vão começar. Você não queria ver?

Ele olhou em direção ao lago, depois para os garotos. Por fim, falou baixinho para a mãe:

— Eu queria ver os fogos, mas os meninos estão bem aqui e, se sairmos todos, vamos atrapalhar a sessão.

— Vá, meu filho, vá. Ficamos aqui. Anda. Vá. Me entendo com a Ruth.

Flávio não pensou muito, pegou Anita pelo pulso. Saíram por baixo de uma árvore sem chamar a atenção. Quando chegaram à beira da água, riram até que os olhares encontrassem as mãos que não tiveram coragem de soltar.

Os fogos despontaram no céu e continuaram ali por alguns minutos mágicos, iluminando a noite como aquela garota que Flávio mal conhecia, mas que lhe dava esperança e que fazia com que ele sorrisse. Isso bastava.

Quando o show acabou, Anita levou-o para assistir a uma pequena apresentação de mágica e, ao voltarem para o gramado, o filme ainda passava. Flávio piscou para a mãe e ficou aliviado pela outra não ter desviado o olhar da tela.

Ele quis acreditar que ela não percebera a saída dos dois, mas ela havia visto, apenas fingira que não. Pensou que Lúcia estava certa, já era hora de as coisas andarem por ali. Também avaliou a possibilidade de Flávio se apaixonar por uma brasileira e decidir voltar, trazendo junto seus netos. Deus sabe de todas as coisas.

Flávio não conseguiu dormir de noite. Os bebês não choraram, mas ele não tirou Anita da cabeça. Trocaram os números de telefone e ele não cansava de olhar a foto dela do aplicativo de mensagens. O sorriso leve de boca fechada, o olhar sedutor, o cabelo caindo sobre os ombros e uma tiara de orelhas de

donuts com um laço no meio.

Perguntou-se como estaria a sua própria imagem. Há muito tempo não pensava nisso, mas naquele momento voltava a ser importante. Na foto, ele estava descontraído, o sorriso largo, com uma camisa jeans aberta por cima da camiseta branca. O cabelo escuro um pouco despenteado, a barba por fazer. Os olhos semicerrados por causa da claridade que não mostravam muito bem o azul do mar.

Procurou por outras fotografias e percebeu que há muito não as tirava. Achou uma da empresa, que precisou para um evento. Sério demais. Não queria que Anita o achasse um velho. Nas fotos dos últimos meses ele estava cansado, com olheiras. Abatido. Esse era ele agora? Era isso que andava fazendo com a sua vida? Sabia que não era infeliz, não queria isso para si e muito menos para os meninos, um pai com cara de derrota. Decidiu deixar a foto antiga.

Em seu quarto, Anita pegou o telefone e olhou para a imagem de Flávio no aplicativo por alguns segundos. Já pronta para dormir, ela enviou uma fotografia para ele desejando boa noite.

Flávio ouviu a notificação do telefone. Uma nova mensagem. Anita. Ele teve medo de perder aquilo que ainda não tinha vivido ao ver na foto a menina dentro dela. O vazio do peito foi preenchido. Não aos poucos, mas de uma única vez. Há quanto tempo ele não o sentia? Esse nervoso? A vontade de saber mais sobre uma pessoa especial? Ele tinha a resposta: cinco anos. Ainda podia ver a imagem, sentir o perfume da paixão entrando na sala de inglês, carregando alguns livros e um pequeno rádio. A sensação que se repetia pela primeira vez desde então.

Sofrera ao ouvir que uma professora não poderia sair com um aluno de forma alguma, mas ficara esperançoso com a confissão de que o interesse era correspondido. O namoro secreto que virou público ao final do semestre, quando Flávio deixou a escola para poder fazer o pedido de casamento.

Flávio: Bons sonhos!

Anita: Se forem com você, serão bons...

Flávio: Torcendo para que sejam. Quanto anos você tem?

Anita: Nossa! Que pergunta assim do nada. Por que a preocupação?

Flávio: Com medo de ser preso...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Anita: Não se preocupe. 21. Estamos flertando?

Flávio: Parece que sim.

Anita: Não vou conseguir dormir mais agora.

Flávio: Eu já não estava conseguindo.

Anita: Queria estar com você.

Flávio: Eu também queria estar com você. Qual seu horário de trabalho amanhã?

Anita: Começo às 3h.

Flávio: Vamos almoçar juntos?

Anita: Por que demorou para perguntar?

Flávio: Estava pensando se era a coisa certa a fazer.

Anita: Chegou à conclusão que era?

Flávio: Não. Só pensei que tinha que ser feito.

Anita: 12h no Shake Shack?

Flávio: Já estou contando os segundos.

Flávio queria continuar conversando com ela até o dia seguinte. Até a hora de encontrá-la. Rolou na cama de ansiedade. Adormeceu e acordou assustado. Levantou-se para tomar água e ficou na cozinha, com medo de sonhar outra vez.

— Flávio, o que houve, meu filho? – Lúcia surgiu, arrastando os chinelos.

— Sonhei com a Catarina, mãe. Ela estava sorrindo para mim e para Anita.

— E qual o problema nisso? – Lúcia se sentou ao lado de Flávio.

— Vou almoçar com ela amanhã. Quando ela sugeriu o lugar, eu pensei um pouco. A Cat amava aquele restaurante. Tenho medo de pensar nela o tempo inteiro enquanto estiver lá.

— Você não tem para onde fugir. Foram felizes em cada cantinho de Orlando.

— Na última vez em que estivemos lá, a Catarina estava enorme. Os gêmeos tentavam sair pelo umbigo. – Flávio sorriu e escondeu o rosto nas mãos. — Jantamos diante das luzes coloridas da roda-gigante e você sabe, ela não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

andava naquela coisa por nada do mundo. Morria de medo, mas a achava linda.

— Você não pode pensar nisso o tempo todo. Tenho certeza de que Anita vai fazer com que crie novas memórias desse lugar.

Flávio ignorou a tentativa de motivação da mãe.

— Ela pediu por ajuda outra vez e eu continuei ignorando. Estava com medo e eu respondi que era para ela não pensar nisso. Que em pouco tempo seríamos uma família feliz de quatro pessoas. Que tudo dá certo todos os dias para muitas famílias.

Flávio deixou que a mãe acariciasse suas costas. Precisava de carinho para falar aquelas palavras.

— Ela insistiu que não ia conseguir. Que não aguentava mais estar aqui, sem conversar com alguém de verdade, sem a mãe e as amigas. A Cat foi bem clara quando disse que estava sufocando, que estava em pânico e que não tinha capacidade de fazer aquilo sozinha.

— Vem. Vamos andar um pouco. — Lúcia puxou Flávio pela mão até o jardim.

— As mesmas coisas que você me diz eu disse para ela. Que era normal o medo, mas que logo tudo ficaria bem, bastava não pensar. Estávamos aqui há pouco mais de um ano e pensei que as mudanças da gravidez tivessem atrasado um pouco a adaptação.

— Eu não sei o que dizer, Flávio.

— Eu também não soube quando ela confessou que não conseguia fazer amigos, que estava frustrada por não poder trabalhar, por se sentir em uma gaiola, afastada da vida e das pessoas.

Ele deixou que uma mariposa pousasse em seu joelho, mas logo ela voou. Flávio apontou para o inseto.

— Eu a deixei partir assim quando disse que aquela discussão fazia parte do planejamento antes da gravidez, que não tínhamos mais o que conversar com dois bebês prontos para sair.

— Desculpa, meu filho, mas eu não posso concordar. Ela decidiu te deixar. Não foi você que permitiu isso.

— Eu não sei. Muitas vezes acho que não cuidei dela como devia. Disse

muitos ñãos. Não, você não pode ir para o Brasil grávida. Não, você não pode ter os bebês lá. Não, você não pode ficar na casa da sua mãe nas primeiras semanas.

— Você não imaginou que ela desistiria, Flávio. Pare de se culpar.

— Você não entende, mãe. Ela disse que estava com medo e eu a chamei de louca. Disse que estava maluca em querer desistir de uma oportunidade como essa, de ter nossos filhos aqui e desejar voltar para o Brasil.

Lúcia não sabia mais como ajudar o filho. Não fazia ideia de qual era o limite entre desabafar e alimentar a dor.

— Não desista, Flávio. É só o que eu posso pedir a você.

Capítulo 6

Flávio chegou ao restaurante sem ter dormido. Viu Anita lá, sentada na área externa e digitando no celular.

— Eu ia agora mesmo te mandar uma mensagem — ela falou, se levantando do banco.

— É? E o que dizia essa mensagem, deixa eu ver?

Ele pegou o telefone da mão dela e leu em voz alta:

— Já cheguei, bonitão, te esperando para mostrar do que sou capaz. Bonitão?

— Sim. Muito. E agora eu vou te mostrar que não sou essa menininha que você anda pensando.

— É? Como?

— Vou comer mais do que você.

— Ah! Mas eu duvido.

— Duvida, é? Se eu comer mais, o que eu ganho? — Anita perguntou.

Flávio abriu a porta para ela.

— Hmmm... deixa eu ver, uns dois quilos?

Entraram no restaurante e ela deixou que ele fizesse o pedido primeiro. Pediu um maior em seguida.

— Sério. O que eu ganho?

— Te levo para uma festa.

— Jura? Adoro festa. Onde?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Na minha casa. — Flávio pegou o hambúrguer sobre o balcão.

— Nossa! Bonito e gosta de dar festas, adorei.

— Nada disso. É meu aniversário semana que vem. Dia doze. Pensei que você seria uma convidada bacana. Meus amigos vão me idolatrar.

— Ah! Deixa ver se eu entendi, eu ganho a aposta e você é quem vai me exhibir para os amigos. Hmmm... Ok. Eu aceito.

Flávio esperou que Anita se sentasse do outro lado da mesa. Olhou para o seu rosto feliz, os óculos prendendo os cabelos no alto da cabeça. Não acreditou ter feito o convite para o aniversário. No ano anterior não conseguira comemorar, mas neste a mãe e a ex-sogra estavam lá. Madalena ligara avisando que não importavam as férias, iria também. Pensou em convidar dois ou três colegas e fazer um pequeno churrasco. Visualizou a ex-sogra e temeu os comentários dela, mas ia arriscar.

Flávio estacionou diante do condomínio onde Anita disse que morava.

— Obrigada pelo almoço. Eu me diverti muito. E pela carona também.

— Foi muito bom. Não pensa que agora só vai me ver no dia doze.

— Eu não aguentaria de qualquer forma — Anita disse.

— Por quê? — Flávio queria muito ouvir a resposta.

— Eu daria um jeito de descobrir onde você mora e iria até lá.

— Por quê? — ele repetiu a pergunta não respondida. Precisava ter a certeza de que ela estava tão interessada quanto ele.

— Por causa disso. — Anita tocou o pescoço de Flávio e colocou os lábios nos dele.

Um beijo demorado, de bocas que, quando se desencostaram, permaneceram ali, imóveis, unidas. Testa com testa. A respiração compartilhada. Anita desceu do carro sem dizer nada, apenas sorrindo.

Flávio manteve toda a atenção em Anita no restaurante, mas, quando chegou ao trabalho e viu a fotografia sobre a mesa, seu peito apertou. Lembrou que depois daquela discussão na hamburgueria as coisas só pioraram. Não havia mais diálogo, discordavam de tudo.

Guardou a foto na gaveta e voltou ao trabalho. Fingiu, ao menos. Trouxe de volta aos pensamentos Anita e sua boca. A vontade que sentia em descobrir como seria beijar o restante do corpo dela.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Depois do jantar com a família, ele assistiu a um desenho com Noah. Theo brincava com as avós. Quando elas os puseram para dormir, ele foi tomar um banho. O telefone tocou assim que saiu do chuveiro.

— Oi, bonitão. Sabe, espero não estar sendo muito rápida, não quero te assustar, mas estou com saudades.

— Eu também. O que você está fazendo comigo, Anita?

— O mesmo que você está fazendo comigo — ela respondeu.

— Então estamos ferrados.

— Parece que sim.

— O que você está fazendo? Quer dar uma volta? — ele perguntou.

O coração batia acelerado com medo de receber um não.

— Agora?

— Sim.

— Ok.

Flávio jogou a camisa sobre o corpo e sussurrou no ouvido da mãe que estava saindo.

Quando Anita entrou no carro, antes de dizer qualquer coisa, ele precisava sentir o gosto dela outra vez. Flávio beijou a boca colorida dela com carinho.

— Pensei nisso o dia inteiro.

— Eu também.

Era real. Ele não estava imaginando ou sentindo tudo aquilo sozinho.

— Só de estar aqui com você me sinto diferente.

Anita sorriu e deitou a cabeça no ombro dele. Andaram pela cidade por uma hora. Em silêncio, apenas aproveitando a companhia um do outro. As mãos entrelaçadas.

— Me conta a sua história? Se quiser, claro – ela disse, por fim.

— Bom, eu já disse que não falo muito sobre ela, mas tenho visto que pode ser o que esteja faltando para curar minhas feridas.

— Você tem feridas? — ela perguntou. O olhar preocupado.

— Muitas. Isso te incomoda?

— Não sei. Vai depender.

— Do quê?

— Do que nós vamos viver ou não juntos.

Flávio parou o carro em uma rua deserta. Ganhou tempo pensando no que dizer. Mesmo assim não achou as palavras e, antes que desistisse, falou da maneira mais simples que conseguiu:

— Minha mulher se matou, Anita.

— Nossa, Flávio. Desculpa, sinto muito. Não imaginava. Não precisa falar se não quiser.

— Eu preciso, sabe? Acho que preciso mesmo.

Ficaram em silêncio por alguns minutos, então ele recomeçou:

— Pensando hoje, depois que tudo aconteceu, eu consigo ver que ela nunca quis se mudar para cá. Veio por mim. Eu sempre desejei isso, era minha meta. Deixei claro quando a conheci. Talvez ela pensasse como algo distante e, quando viu, estávamos tão ligados que ela teve que entrar nesse barco comigo.

Anita olhava para o carro em frente. Tinha medo de ver a dor nos olhos dele. Absorta, não mexia nenhuma parte de seu corpo.

— Ela comprou meu sonho, mas não gostava dele. Nos primeiros três meses, eu pensei que seria questão de tempo, adaptação. Não poder trabalhar jogou ela na escuridão. Ela era professora de inglês, sugeri que retomasse alguns alunos pela internet. Foi um fôlego. Quando ela ficou grávida, a tristeza voltou.

— Sério? Por quê? – Anita conseguiu entrar no assunto.

— Fomos ao médico antes e ele disse que poderia levar meses. Quando aconteceu na primeira tentativa, ela ficou assustada. Disse que não estava preparada ainda. Começou a falar em voltar, em ficar perto da mãe. Talvez eu tenha sido inflexível. Não sei. Não deixava o assunto se desenvolver. Dizia que não insistentemente. Ela ia definhando às escondidas, eu acho. Ou eu que não percebi. Quando soubemos que eram gêmeos, tivemos nossa primeira discussão. Ela chegou a fazer as malas. Desfez quando eu disse que a partir dali ela já era mãe e tinha que agir como tal. Precisava parar de bancar a menina mimada.

— Você acha que pegou pesado? Sente culpa por isso?

— Às vezes. Na maioria das vezes, para falar a verdade. Mas é difícil. Quem nunca viu a depressão perto de si não a reconhece. Acha que é uma crise, um momento ruim. Não imagina que vai chegar em casa um dia e os filhos estarão chorando há horas e que vai encontrar a esposa morta dentro da banheira.

Foi Flávio quem desviou o olhar.

— Oh! Meu Deus! — Anita cobriu a boca com ambas as mãos.

— Foi a pior coisa da minha vida, Ani. Encontrar ela lá. Eu não sabia o que fazer. Eu xingava, tentei tirar ela de lá, mas não dava mais. A água estava tão fria. Os médicos não puderam fazer nada. Ela havia cortado os pulsos e tomado remédios que não faço ideia de onde tirou. Eu a amava mais do que tudo. Nunca pensei que terminaria sozinho aqui, pai de dois filhos. Vivendo o American Dream viúvo.

— Não sei o que falar. Estou chocada.

— Acho que eu fui rápido demais desta vez.

— Não. Não. Eu só pensei que você fosse me dizer que havia perdido ela num acidente, sei lá.

— Você não precisa continuar me vendo se achar que é algo muito pesado para carregar. Eu entendo.

— Você não pode se culpar dessa maneira, Flávio.

— Eu sei, só que eu sinto que eu iniciei uma situação e Catarina terminou. Fizemos isso juntos.

— Olha, já te falei que eu sou forte. Não estou brincando. Não é por causa do meu jeito, da minha idade, que você tem que pensar que eu sou frágil. Eu estou curtindo muito ter te conhecido. Estas últimas vinte e quatro horas sem dormir, sem pensar em mais nada, eram tudo o que eu queria há muito tempo. Eu estou tão feliz. Tão agitada. Tão com sono.

Ele riu e a beijou. Envolveu-a com seus braços.

— Eu também estou me sentindo assim. Não tenho vontade nenhuma de sair de perto de você. Há tanto tempo não me sinto desta maneira... Fico com medo que acabe e então quero aproveitar cada segundo.

Flávio levou-a até em casa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Amanhã? — ele perguntou.

— Sem dúvida.

Dias depois, sem ter conseguido ver Anita novamente, Flávio pensava se havia feito a coisa certa. Se contar para ela sobre os seus problemas não teria afastado os dois.

Já deitado, Flávio olhava para o celular, concentrado na foto da jovem brasileira. Saltou da cama ao ouvir as batidas na janela. Viu os olhos enormes da garota através do vidro. Ela sorriu e transformou a noite dele em alegria.

— Quer me matar do coração? — Ele ergueu a janela e deu espaço para que Anita entrasse no quarto.

— Você não está tão velho assim, bonitão. E além do mais, não estamos no Brasil. Não precisa ficar tenso.

— O que você está fazendo aqui?

— Psiu! Fala baixo, não quero que a sua mãe me pegue aqui e pense que eu sou uma pervertida.

— E você é, Anita?

— Sim. — As mãos delicadas agarraram os cabelos dele e a boca roubou-lhe um beijo.

— Sério. O que você está fazendo aqui? Você está de pijama?

— Sim. — Ela colocou o corpo para fora da janela e puxou uma grande sacola de lona azul para dentro do quarto. — Vou dormir com você.

— Como chegou até aqui assim?

— Ah! Não interessa. O que importa é que agora estamos juntos. Chega de mensagens e vida virtual. Eu quero você de verdade.

Anita abraçou-o com carinho, como se não o visse há meses. Flávio sentia que algo havia mudado. Mesmo com o retrato ao lado da cama, não precisava fazer força para substituir os pensamentos. Anita invadia sua mente, seu corpo, tomava conta de todo o seu ser. Não conseguia mais nem se lembrar de quem era quando ela o tocava.

Após as tentativas fracassadas com Louise, Emma e Karol, chegara a pensar que nunca mais seria capaz de ficar com alguém. Anita quebrava aquela corrente que o prendia.

— Então, como você veio parar aqui? Não na minha cama, quero dizer. — Não consegui evitar o sorriso. — Aqui em Orlando.

— Eu estava um pouco entediada. Aí a Mariana, minha amiga, sugeriu que eu me inscrevesse no programa com ela. Disse que seria maravilhoso, que ficaríamos mais próximas. Uma grande oportunidade na vida. Eu achei que podia dar alguma emoção de fato, então há dois anos eu me inscrevi pela primeira vez.

— Hmmm! Você não era das apaixonadas, então?

— Eu não, mas a Mari sim. Ela me arrastou até uma palestra em São Paulo que explicava o funcionamento. Eu fui porque achei interessante passar uns dias lá com ela. Fizemos a entrevista no mesmo dia. Algumas perguntas básicas em inglês e foi isso. A Mariana fez meu currículo e uma carta que, sendo sincera, nem lembro o que dizia.

Flávio percebeu a diferença.

— Engraçado que eu quis tanto vir para cá e foi tão difícil, e você que não quis conseguiu assim, simples.

— Deve ser por isso né, desapego. Facilita às vezes. Não que eu não quisesse, mas nunca planejei. Não estava no roteiro. Depois eu me envolvi mais com a parte burocrática e tal. Comecei a me imaginar aqui e curti muito, mas não como a Mari, que sempre sonhou com isso.

— Imagino.

— Depois tivemos uma segunda entrevista. Perguntaram sobre a área em que eu gostaria mais de trabalhar e eu não fazia ideia. Acabei na parte de venda de lanches.

— E no fim você ficou apaixonada pela terra encantada e resolveu voltar.

— Quem não fica? Na verdade, a Mari saiu daqui com essa ideia fixa na cabeça. Então, no ano seguinte, refizemos o processo juntas. Por oração, força de vontade dela ou sei lá o quê, nós conseguimos de novo, e agora somos representantes culturais do Brasil.

— E o que vocês fazem especificamente?

— Nós recebemos e auxiliamos famílias latinas. Também ajudamos outros funcionários com tradução.

— E assim você achou minha querida mãe e ganhou de brinde este cara cheio

de problemas aqui — ele concluiu.

— E assim eu estou tão feliz que nem nos meus melhores sonhos poderia imaginar.

— Não vejo a hora de ficar mais à vontade com você aqui em casa, quando as avós forem embora.

— Pena que não posso te levar para o condomínio. Mesmo agora que divido o quarto com a Mari não dá.

— Você fica só naquele parque sempre?

— Na verdade, eu quase nunca fico lá. Trabalho num resort, mas algumas vezes podemos fazer hora extra nos parques. O que eu mais pego é extra de controlador de público em desfiles. Aí eu fico de olho nas pessoas, tipo aquele dia em que encontrei minha sogrinha e o baby boy.

— Ah! Sogrinha, é?

Flávio rolou o corpo de Anita sobre o dele.

— Muito cedo?

— Muito tarde. — Ele enfiou o rosto no pescoço dela. Queria guardar aquele perfume em um frasco.

Flávio acordou no dia do seu aniversário e contemplou Anita emaranhada nos lençóis. Aquele corpo tão diferente. Passou o dedo indicador desde o seu joelho até a base da coluna. Ela se remexeu na cama. Queria ficar mais tempo ali, admirando a beleza dela, sentindo o aroma que seu cabelo exalava.

— Bom dia, bonitão.

— Bom dia, minha linda. Achei que estivesse dormindo.

— Estava, percebi você me olhando e acordei. Tão bom ficar aqui sentindo seu cheiro no travesseiro.

— Eu queria muito ficar aqui o dia todo com você.

— Eu também, mas é melhor eu ir, né?

Anita deixou o quarto pela janela.

— Toma a chave, entra no carro e me espera lá. Deita no banco de trás — Flávio orientou do lado de dentro.

Com dificuldade na despedida, trocaram beijos e abraços pela abertura na parede. Flávio deixou o quarto e espiou os bebês no cômodo ao lado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oi, meu filho, está saindo para o trabalho?

— Sim, mãe.

— Bom dia então, meu amor, vá descansado.

Flávio não teve tempo de sair.

— Ah! Meu Deus! Volte aqui.

Lúcia se desvencilhou dos lençóis aos pontapés. Pulou do colchão instalado no meio do quarto como antes, quando Flávio estivera dormindo ali. Ela o abraçou com força.

— Feliz aniversário, meu filho. Que Deus te proteja sempre, te dê sabedoria para tomar as decisões certas e traga a felicidade de volta para a sua vida. Eu te amo muito e quero que saiba que pode contar comigo. Sempre.

— Obrigado, mãe. Te amo também.

Flávio nem tomou café. Saiu às pressas para não deixar Anita esperando por mais tempo depois do discurso da mãe. Quando entrou no carro, não conseguiu não sorrir ao vê-la deitada no piso do automóvel. Seu perfume dominava o ar.

— Quem dera entrar no carro todos os dias e encontrar você aí — ele disse.

— Olha, da minha parte, não desejo isso não. Você só se esqueceu de dizer que havia duas enormes cadeiras de bebê aqui.

— Desculpa. Esqueci mesmo. Vem para frente. Já saí da rua.

Anita pulou para o banco ao lado do dele e colocou o cinto de segurança. Ele apoiou a mão em sua coxa. Foram em silêncio até a metade do caminho, quando ela deu um grito que fez com que Flávio freasse e o carro de trás passasse buzinando por eles.

— O que houve? Tudo bem?

— Feliz aniversário! — ela falou.

— Anita, por pouco não morremos!

— Que nada. Eu quase esqueci. Ia me matar se você me deixasse em casa e eu não tivesse dado os parabéns.

Flávio não respondeu. Fechou o rosto, escondendo o sorriso. Ficou pensando na frase repetidas vezes. Ia me matar. Ia me matar. Ia me matar. Anita percebeu a bobagem que disse.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ah! Desculpa, amor. Foi o hábito. Nunca mais digo isso. Prometo.

— Você me chamou de amor?

— Sim. Não. Não sei. Ai! Estou tão atrapalhada.

— Chamou sim.

— É? Não podia?

— Podia. Devia. Obrigado, amor. Obrigado pelos parabéns, pela noite, por me deixar ser seu amor, por ter entrado na minha vida. Você é o presente mais maravilhoso que eu poderia receber, não teria imaginado isso nem nos meus melhores sonhos.

Outro carro ultrapassou-os buzinando e interrompeu o beijo. Flávio deixou Anita no apartamento, desejando ficar ao lado dela o dia inteiro.

— Te espero lá em casa hoje à noite — ele falou.

— Pode ter certeza.

Capítulo 7

— Cara, sério. Nunca pensei em vir numa festa na sua casa. Fiquei feliz mesmo com o convite. Valeu! — o colega de Flávio agradeceu.

— Imagina. Estou reestruturando a vida.

— É, depois da Karol eu percebi.

— Ah! Por favor, esqueça isso.

Flávio estava feliz, recebendo os amigos e colegas em sua casa. Assava o churrasco, sua mãe fez o bolo e os brigadeiros. Os meninos brincavam entre os convidados com seus brinquedos espalhados pelo gramado. O telefone de Flávio soou, anunciando uma nova mensagem de Anita.

Anita: Cheguei!

Ele não respondeu. Pediu para Mike cuidar do churrasco e foi até a entrada da casa. Anita aguardava no caminho de concreto em frente à porta. De tênis e vestido listrado, carregava uma sacola de papel e um balão amarelo de parabéns.

— Feliz aniversário! — ela disse, pulando em seu pescoço. — Olha, não sabia o que te dar, então espero que goste.

— Você não precisava dar nada. Já falei que meu presente foi ter acordado ao seu lado.

— Flávio, abre aí de uma vez.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele abriu a sacola e desembalhou o porta-retratos. A Anita da foto mordida uma maçã do amor em frente ao castelo da princesa.

— Vai ter que me olhar o tempo todo agora, não quero nem saber. Gostou?

— Eu amei. Eu... eu nossa, eu estou tão feliz nessas últimas horas, nesses últimos dias, que tenho até medo. A última vez que me senti tão feliz... enfim...

— Ei! Estamos bem. Esquece o resto. Olha, eu estou tão feliz quanto você e vamos continuar assim, certo?

— Certo. Agora vamos lá que eu quero te apresentar para todo mundo. Senhora Schmidt.

Flávio conduziu Anita com a mão em suas costas, mas ela fincou o pé no gramado ao ouvir aquilo.

— Ei! Nem sabia que esse era seu sobrenome. Você sabe o meu?

— Não. Precisamos de um curso intensivo um do outro.

Flávio guardou a foto e pegou o balão. Segurou firme na mão de Anita e olhou em seus olhos. Relaxou os ombros e puxou-a em direção aos fundos da casa. Quando foram avistados, as vozes desapareceram. A música tocava sozinha.

— Ah! Meu Deus! Que coisa maravilhosa. Que bom ver você aqui, Anita. — A mãe de Flávio foi até a jovem com os braços abertos e a abraçou com força.

— Olá, Anita, tudo bem? — Flávio viu a outra avó franzir a boca antes de cumprimentá-la.

— Tudo bem, dona Ruth. — Anita colocou o cabelo atrás da orelha e fitou os pés.

— Olá, boys. Eu estava com saudades de vocês.

— Pois devia ter ido vê-los durante a noite então.

— Dona Ruth, eu... — Anita perdeu as palavras.

— Olha aqui a Ani, meninos. — Lúcia trouxe os gêmeos até a moça, interrompendo a conversa das duas.

Noah estendia os bracinhos para ela, então o pegou no colo. Deu a mão a Theo e seguiu atrás do pai deles. Não sem antes olhar para trás e constatar

que ainda estava sendo observada.

Madalena surgiu da cozinha, carregando um pudim de leite condensado caramelizado, a sobremesa favorita de Flávio. Não conseguiu dar mais nenhum passo quando viu aquela cena. A moça linda de cabelos castanhos junto de seus bebês e o sorriso que o patrão estampava por estar ao lado dela.

— Madá! Quero te apresentar uma pessoa — Flávio falou.

— Santa Madre! — Madalena entregou o pudim à Lúcia, que riu. Limpou as mãos na barra do vestido rosa e correu para abraçar a garota.

— Calma, Madalena, vai assustar ela!

— Ah! Me desculpe, por favor, me desculpe. Não me aguentei de emoção em ver seu Flávio assim tão feliz.

Não havia ninguém ali que não tivesse notado a alegria a que a senhora se referia. Era palpável.

— Prazer em conhecê-la, dona Madalena. O Flávio fala muito na senhora.

— Ah! Deixe disso menina, sou apenas Madá para você — a mulher disse, abraçando Anita mais uma vez. Então pegou seu pudim de volta. — Saiba que seu Flávio gosta muito desse doce, é seu favorito. Vou lhe ensinar a fazer.

— Obrigada, Madá, quero conquistar esse homem.

Anita segurou a mão que enlaçava sua cintura.

— Você já me conquistou, Anita, desde o primeiro dia — Flávio falou para que todos ouvissem.

— Ah! Mas eu não poderia estar mais feliz em ter encontrado essa nora para mim.

— Obrigado, mãe. Você vai deixar um presente e tanto na minha vida.

Jantar compartilhado, risadas, conversas intermináveis. Há muito que Flávio não participava disso. Sua última lembrança de algo parecido fora na despedida do Brasil.

Sentia a brisa do vento favorável que soprava depois de uma temporada ruim. Desejou que continuasse assim ao olhar para Anita, sentada no gramado sobre as pernas dobradas e brincando com as crianças.

— Eu não sabia que você estava namorando. Que gata. E novinha, hein! Com

todo respeito, claro. Onde você achou essa garota? Tem mais? — Mike perguntou.

— Ela tem vinte e um, ok? Minha mãe se perdeu no parque temático e a Anita a ajudou.

Flávio ficou irritado com a expressão do amigo, o sorriso e as sobrancelhas erguidas. Mike escondeu o rosto no copo de plástico.

— Ah! Olha, Mike, ela trabalha lá, ok? Depois nos encontramos de novo. Ficamos juntos. Saímos algumas vezes desde então.

— Isso foi antes da Karol? Você não tinha me contado.

— Foi depois.

— Então faz poucos dias que saiu com Anita e já está sério assim?

— É. Nunca imaginei. Eu estou entregue.

— Apaixonado?

Flávio pensou. Tinha receio de abrir seu coração daquela maneira.

— Por completo.

— Dá para notar, cara. Até que enfim. Não aguentava mais seu mau humor.

Flávio deu de ombros e depois riu.

— Me rendi. Só senti aquilo com a Cat. Quero essa mulher para mim.

— Não perde tempo então.

— Verdade, vou lá ficar um pouco com ela.

Flávio sentou-se ao lado de Anita e beijou seu pescoço. Ela colocava peças coloridas dentro de uma casinha junto com Noah.

— Sua sogra sabe — Anita falou, sem olhar para ele.

— Sabe o quê?

— Que eu passei a noite aqui.

— Ela não é minha sogra mais. Minha sogra é sua mãe.

Anita sustentou o olhar com irritação.

— Você nem sabe o nome da minha mãe. E a dona Ruth não gostou muito.

— Fazer o quê? Preciso seguir em frente, não é isso que todo mundo me diz? Ela vai embora ainda esta semana. Qual o nome?

— De quem? – Anita perguntou.

— Da sua mãe.

— Marta. Meu pai é Luiz. Monteiro.

— Anita Monteiro?

Anita concordou com a cabeça.

— Vai ficar bonito – Flávio disse.

— O quê?

— Seu nome.

— Ahn?

— Anita Monteiro Schmidt.

Anita largou as peças. Olhou para Flávio, que desviou o olhar e sorriu.

— Flávio, escuta, você não pode fazer isso, sabe?

— O quê?

— Me dar esperanças.

— Eu não estou.

— Está sim. Estou sonhando com coisas que nem imaginava há poucos dias. Vivendo uma vida que ganha promessas novas a cada meia hora. Promessas que não podem se cumprir assim. Eu vou sofrer quando essa brincadeira acabar. Você também, nós não precisamos disso. Você não precisa de mais sofrimento em sua vida.

Flávio segurou a garota pelos ombros com delicadeza.

— Anita, eu não estou brincando. Eu estou apaixonado. Eu quero ficar com você. Eu preciso de você.

— Mal nos conhecemos, Flávio.

— Nos conhecemos o suficiente para saber que quando estamos juntos é maravilhoso. Nada mais importa.

— Eu não sei nem quantos anos você tem – ela revelou.

— Trinta agora. Sou velho demais para você, é isso? Está com vergonha de me apresentar para as amigas?

— Não, seu bobo – ela disse, abraçando o pescoço dele e fazendo carinho em

seu rosto. – Eu estou louca para te apresentar para elas. Vão morrer de inveja. Anita derrubou Flávio no gramado e trouxe Noah para o meio. As portas do céu estavam abertas para eles.

As pessoas foram deixando a casa de Flávio aos poucos. Ruth e Lúcia entraram para organizar os banhos dos meninos e colocá-los na cama. Quando Madalena partiu, o novo casal ficou sozinho no jardim. Sentados em um balanço de madeira, eles trocaram olhares apaixonados e sorrisos tímidos. Flávio pegou na mão de Anita.

— Você podia passar a noite aqui comigo de novo, né? Publicamente agora.

— Eu não quero passar dos limites. Sua mãe e a mãe da Catarina não vão gostar.

— Elas vão embora em poucos dias. Você vai ficar. Você tem que gostar.

Anita olhava para a mão que segurava a dele. Levantou a cabeça e ficou em silêncio por alguns segundos.

— O que foi? Não quer ficar? – ele perguntou.

— Quero. Claro. Só não quero atrapalhar. Não trouxe meu pijama também. Amanhã tenho um grupo a receber cedo no resort.

— Parece que não são exigidos pijamas aqui.

Anita desfez a ruga no meio da testa e sorriu.

— Prometo que te deixo cedinho no seu apartamento.

— Ok. Está bem. Só porque eu sei que vou chegar em casa e ficar pensando em você o tempo todo e não vou dormir mesmo. Pelo menos eu não durmo com você ao meu lado.

— Vem, vamos entrar.

Flávio puxou-a pela mão. Quando chegaram à cozinha, as duas avós davam de comer a Noah e Theo, que praticamente dormiam de olhos abertos.

— Mãe, eles estão caindo de sono.

— Eu sei, eu sei. Já demos banho e vamos colocá-los para dormir agora mesmo. Não se preocupe.

— A Anita vai dormir aqui esta noite.

Anita percebeu o olhar sobre ela. Constrangida, fitou o chão.

— Claro, Flávio. Não queremos atrapalhar a sua vida. É a sua casa, meu filho, sua namorada.

— Na verdade, eu não sou... — Anita começou a falar, mas foi interrompida por Flávio.

— Certo, mãe. Obrigado. Boa noite, garotos. Curtam bem essas vovós porque daqui a uns dias seremos só nós. E a Anita.

Flávio sentou-se na cama e sorriu para Anita. Viu que estava preocupada outra vez. A ruga reaparecera.

— Por um acaso você ia dizer para minha mãe que não era minha namorada?

— Hmmm... talvez.

— Acho que devemos formalizar isso, então? Não quero que aconteça mais uma vez.

— Será?

— Eu tenho certeza do que eu quero. Você não tem?

— Tenho.

Flávio indicou a cama para que Anita sentasse ao seu lado. Com as duas mãos, segurou as da garota.

— É provável que eu esteja fazendo isso da maneira errada. Talvez precisasse de um jantar, uma roupa bonita, um presente, mas tenho pressa. Posso fazer tudo isso depois. Posso fazer tudo isso todos os dias se você quiser, mas eu preciso terminar a noite de hoje com essa resposta.

— Qual é a pergunta?

— Anita, você quer ser minha namorada?

Anita franziu a boca. Esperou alguns segundos e enfim pulou no colo de Flávio, derrubando-o na cama.

— Sim! Sim! Sim! Essa é a resposta que você desejava para a pergunta que eu queria.

Flávio colocou atrás da orelha dela o cabelo castanho que lhe caía no rosto. Quando ela dormiu, ele se deitou de lado. Através da claridade que entrava pela janela, ele pôde analisar de novo cada pedacinho do rosto dela. Virou-se de costas e adormeceu.

— Catarina!

Anita sentou-se na cama após ser acordada por Flávio.

— O que houve, Flávio?

Ele sentou-se ao lado dela e esfregou os olhos.

— Tive um sonho estranho com a Catarina. E você.

— Eu?

— Sim. Ela estava na cozinha e apontava o dedo para você como se estivessem discutindo, mas eu não consegui entender as palavras.

Anita sentiu o coração acelerar e apertou os lábios.

— Ei, não fica preocupada. Foi só um sonho. – Ele a abraçou.

Flávio entrou primeiro na cozinha. Anita segurava sua mão e olhava para os pés. Sozinha, Lúcia preparava o café preto e sorriu radiante ao vê-los.

— Bom dia para esse casal tão lindo. Os cafés de vocês estão prontos. – Ela empurrou dois copos térmicos em direção a eles sobre a mesa. – Theo e Noah ainda estão dormindo. Ruth está com eles.

— Obrigado. Vou dar um beijo nos meninos mesmo assim.

Flávio deixou as duas sozinhas no cômodo. Lúcia contornou a mesa e segurou as mãos de Anita.

— Obrigada. Obrigada. Eu não o vejo tão feliz há meses.

— Eu não sei o que dizer. Não precisa agradecer. Eu estou tão feliz quanto ele.

— Eu vou torcer muito por vocês. Vai dar certo. Mesmo depois que você for embora. Tenho fé que ele vai voltar para o Brasil e vocês terão uma família feliz lá.

Anita apertou os dentes e desviou o olhar.

— Espero que sim, Lúcia. Espero que sim.

Flávio entrou no quarto dos gêmeos. Viu a poltrona de amamentação sendo usada depois de ter passado tantos meses vazia.

— Nas duas semanas que teve com os filhos, a Cat não conseguiu amamentar. Sentou-se aí umas duas ou três vezes. Acabou desistindo. Ficava nervosa e chorava mais ainda do que o normal, o que parecia impossível.

— Eu devia ter feito um esforço para estar aqui ao lado dela – Ruth disse,

pousando o livro no colo.

— Você me lembra muito ela. – Ele observou o cabelo loiro escuro, cortado à altura dos ombros. Altas e magras. O rosto marcante. O nariz e a boca pequenos. Os olhos verdes tão bonitos.

— E desde que me contaram sobre a mudança, eu carrego a mesma expressão de pesar que aparecera em Catarina nos últimos meses de vida, não é mesmo?

Flávio não respondeu. Apoiou-se no berço de Theo e viu que Noah estava ao seu lado. Dormiam de costas um para o outro.

— Temos colocado os dois para dormirem juntos. Parece que os acalma. O calor um do outro.

— Nunca pensei nisso. Obrigado. Vocês têm me ajudado tanto. Sinto como se estivesse de férias.

— Você precisa de ajuda, Flávio. Não pode lidar com tudo sozinho.

— Eu sei. Madalena me ajuda muito.

— Mas não tem sido suficiente, não é? Sua mãe e eu sabemos disso. Nos preocupamos com vocês.

— Eu sei. Nós vamos conseguir. É uma fase. Eles estão crescendo. Tudo está ficando mais fácil. Estou conseguindo retomar a minha vida.

Flávio ficou em silêncio, constrangido pelo que disse. Não queria que ela pensasse que estava fazendo uma substituição em seu coração.

— Flávio, não quero que você pense que sou contra o seu novo relacionamento. Eu não sou. Você precisa de alguém, só fico triste de não ser a minha Catarina. Não sei quem teve culpa pelo que aconteceu, só sei que pensar nisso não vai trazê-la de volta e agora temos esses meninos de quem precisamos cuidar. Só peço a você que aceite ajuda. Não vá além dos limites por um sonho quando ele pode interferir na vida de outras pessoas. Quando ele pode interferir na sua vida.

Flávio abraçou-a e agradeceu.

— Eu vou fazer o meu melhor. Estou aprendendo ainda. Não é fácil, mas eu vou conseguir. Não quero fazer ninguém sofrer, eu garanto.

— Eu sei. Essa é a parte mais difícil ao se construir uma família. Gerenciar os nossos desejos e as necessidades dos que amamos. Você está ganhando uma nova chance. Por favor, seja feliz e faça os meus netos felizes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Flávio chegou à empresa e soube que os colegas perguntavam para Mike o que o deixara tão animado nos últimos dias. Namorando, respondia o amigo. Feliz, com o peito estufado, como se fosse ele próprio quem estivesse com uma garota nova. Todos reparavam que Flávio flutuava pelos corredores.

Anita ligou perguntando se Flávio tinha algum compromisso à noite. Queria apresentá-lo aos amigos. Ele desejou saber se ela havia entendido que esses momentos de liberdade que viviam eram devido à visita das avós de Theo e Noah. Ficou preocupado com a possibilidade de que ela o deixasse quando tivesse que recusar aos seus convites. Ou quando, em vez de dormir ao lado dela, tivesse que acalantar os gêmeos em alguma madrugada.

Flávio ligou para a mãe e perguntou se não havia problemas. Sentia-se outra vez um adolescente precisando de autorização para sair e detestava isso. Ela garantiu que não tinha motivos para preocupação, podia ir direto do trabalho se quisesse. Teria muito tempo para passar com os meninos quando ela fosse embora.

Capítulo 8

Encontrou Anita em um bar depois do serviço. Procurou com os olhos ao chegar ao local e a notou em pé, ao lado de uma mesa alta, cheia de bebidas e rodeada de pessoas.

— Ah! Lá está ele! Meu namorado!

Flávio viu Anita apontando em sua direção e gritando para os amigos. Ela correu até ele e passou os braços por seu pescoço.

— Oi, namorado.

— Oi, namorada.

— Vem. Você tem que conhecer meus amigos. — Anita puxou-o pela mão até a mesa. Ela apontou um por um enquanto os nomeava. — Cláudia, Pedro, David, Liliana, Natália e, ahn... gente, onde está a Mariana?

— Estou aqui! — Flávio viu a garota de cabelos negros e volumosos vindo em sua direção com dois copos de cerveja. Ela era alta e bonita. Provavelmente a mais velha de todos. — Prazer, Mariana. E olha que é verdade o que a Anita disse, hein? Bonitão mesmo. — Sem largar as bebidas, ela o beijou no rosto.

— Mariana! Assim você me mata de vergonha.

— Mas é verdade, você que falou. É bonito mesmo. Eu estava duvidando, né. A Anita foi a única que não saiu com ninguém desde que chegou. Estava começando a achar que iríamos...

— Mariana! Acho que você já bebeu demais — Anita interrompeu.

Temia que Mariana terminasse a frase dizendo que achava que elas voltariam para casa e Anita não teria saído com ninguém. Ela ainda não havia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

encontrado coragem de contar a Flávio que seu programa acabaria em dois meses.

No começo, pensou que ele sabia. Quando conhecera Lúcia, elas conversaram por alguns minutos até o encontrarem e ela disse para a senhora que voltaria para o Brasil no final de agosto. Depois se deu conta de que a mulher não contara ao filho. Ela entrou no jogo e não falou nada também.

Teve medo de que ele não a quisesse, pensando que logo iria embora. Postergava a conversa sobre o término do programa de intercâmbio o máximo possível.

Anita puxou Flávio até um sofá de costas altas, atrás dos amigos. Mariana deixou suas bebidas com eles e saiu para buscar mais.

— Sua amiga falou que você não esteve com ninguém desde que chegou. É verdade? – ele perguntou.

Anita bebeu um gole da cerveja e concordou com a cabeça.

— Por quê?

— Não vim para isso. Queria curtir a magia dos parques.

— Acho que ninguém vem para isso. E todo mundo quer curtir a magia dos parques – ele disse, fazendo Anita sorrir.

— É verdade. Sei lá. Não rolou nada. E você?

Anita tentou tirar dela o foco da conversa.

— Eu o quê?

— Desde que a Catarina, você sabe...

Flávio pensou antes de responder. Tinha saído com Louise, Emma e Karol, mas nada além de beijos sem graça. Não queria que ela entendesse errado. Descobrir que ela nem ao menos esteve com alguém o deixou preocupado.

— Não saí com ninguém.

Alguns dias de relacionamento e as pequenas omissões encontravam os seus lugares, cada vez mais à vontade de ambos os lados.

— Deve ser difícil, né? Digo, sair com alguém depois de um casamento longo e feliz.

— É. Ainda mais quando ele não acabou porque você quis – ele disse.

— Apesar de que você não foi nada difícil de conquistar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ei! Está dizendo que eu sou fácil, é?

— Não. Estou dizendo que nos encaixamos por completo. Tão perfeitamente que em poucos dias virei sua namorada.

— É bom que assim não perdemos muito tempo. Só quero ser feliz daqui pra frente.

Anita forçou o sorriso. Mariana retornou e se sentou no meio dos dois, empurrando um para cada lado. Anita ficou tensa com o rumo que a conversa poderia tomar.

— Então, você trabalha com o quê? – Mariana perguntou a Flávio.

— Informática.

— Hmm... CDF. Estudou essas coisas de tecnologia.

— Engenharia de Computação, na verdade.

— Eu me formei em Marketing ano passado.

— E você, amor, ainda não me contou qual é a sua área – Flávio falou para Anita.

— Nossa! Mas vocês mal sabem um do outro – Mariana acusou.

— Mariana, dá um tempo. Eu sou da Publicidade e Propaganda – Anita disse.

— Se Deus quiser ela... — Mariana sentiu o beliscão da amiga na lateral da barriga e percebeu o olhar fechado de Anita.

— Se Deus quiser eu vou ser uma publicitária muito bem-sucedida um dia.

— Vamos ao banheiro, Ani? – Mariana convidou.

Mariana puxou a amiga pelo pulso e, assim que estavam distantes o suficiente de Flávio, ela questionou Anita sobre o que estava acontecendo:

— Ei! Qual é a sua? É a segunda vez que eu começo a falar e você me interrompe. Parece que seu namorado não sabe muito sobre você. Quer me contar o que está acontecendo?

— Mariana, você e essa sua boca grande. Ele não sabe que eu estou aqui temporariamente.

— Como assim? Você está louca?

— Eu falei para mãe dele, mas ela não falou nada. Ela está cheia de esperança que ele volte por minha causa, sabe? Sei lá, acho que ele entendeu

que eu sou funcionária, que vou morar aqui mais tempo. Fiquei com medo de contar que logo estou indo embora e ele não quer nada comigo.

— Você não pode fazer isso com ele, Anita. Com todo o sofrimento que você disse que ele passou. Não parece justo da sua parte.

— Eu sei, eu sei. Eu vou contar. Prometo. Mas primeiro preciso que tenhamos uma ligação mais forte, sabe? Precisamos nos aproximar mais.

— A ponto de deixar ele sem escolha quando você for embora.

Anita mordeu o lábio.

— Hmmm... é.

— Olha, isso não está certo.

— Fica tranquila. Vai ficar tudo bem, você vai ver. Só não abre mais essa sua boca para não me colocar numa enrascada. Eu estou gostando muito dele. Você sabe o quanto isso é raro e não quero deixar passar essa coisa tão boa que estamos vivendo.

— Está bem. Só porque já era hora de você arrumar alguém mesmo.

As duas voltaram, mas Mariana deixou os dois a sós. Ficou com medo de dar com a língua nos dentes, ainda mais depois de algumas cervejas.

Anita não passou a noite com Flávio. Sentia-se desconfortável omitindo seus planos futuros para ele. Seu visto era exclusivo para aquele fim. Poderia estendê-lo por quinze dias após o término do programa apenas, e já gastara os outros quinze dias antes de começá-lo.

Trancara a faculdade no primeiro semestre por aquela oportunidade, mas agora precisava voltar e concluir o curso ainda naquele ano. Só poderia retornar aos Estados Unidos no ano seguinte. Não gostava nem de pensar nisso. Ter que ficar longe daquele homem por tanto tempo.

Colocou a camisola e jogou-se na cama simples, sem cabeceira. A parede branca atrás era repleta de fotos e cartazes dos personagens favoritos de Anita. Perdeu-se no tempo, chorando abraçada ao travesseiro. Levou um susto quando Mariana abriu a porta e acendeu a luz. Tentou fingir que dormia, mas não conseguiu.

— Ei! Já brigou com o bonitão?

— Não – Anita respondeu.

— Então por que está nessa choradeira toda?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mariana sentou-se na cama com ela e lhe deu lenços de papel. Tirou o cabelo úmido de seu rosto e jogou-o para trás.

— Estou com medo, Mari. Depois da nossa conversa eu vi o tamanho do problema que eu estou criando. Falei para ele que não podia me dar expectativas e no fim eu que estou fazendo isso. Não é justo.

— É, amiga, não é justo mesmo. Esse cara já perdeu a garota dele uma vez, agora perder você não vai ser legal. Ele está apaixonado. Você não pode deixar isso ir mais longe do que já foi. Já pensou se a mãe dele conta antes de você?

— Ai! Nem fala isso, Mari. Acho que ele nunca mais olha na minha cara. Ele é tão bom, tão esforçado, não merece algo desse tipo. Logo a primeira pessoa com quem ele fica depois da morte da mulher vai e faz isso com ele?

— Ani, eu sei que não é fácil, mas agora vocês já estão conectados. De repente conversando ainda dá tempo de vocês se entenderem e isso passar batido.

— Você tem razão. Eu vou esperar a mãe e a sogra dele irem embora. Ele se preocupa muito em não demonstrar fraqueza na frente delas. Se discutirmos e ele ficar mal, eu vou deixá-lo justo na posição que ele mais odeia. Aí sim que não terei mais chance.

— Bom, pensa bem. Mas não demora muito.

Em casa, Flávio dançava em frente à televisão do seu quarto com Noah no colo. A mãe abriu a porta para Theo.

— Temos festa neste quarto, bebê. Vamos dançar com o papai – ela disse.

Os quatro dançaram até cansar. Sentaram-se no chão em uma roda, em volta dos brinquedos espalhados pelo quarto.

— Estou tão feliz, mãe.

— Não precisa me dizer, posso sentir. Desde que cheguei, estava muito preocupada com toda a tensão. Mas nos últimos dias só sinto a sua alegria, meu filho. Graças a Deus. Não sabe o quanto orei por isso.

— Obrigado, mãe, por todas as suas orações. Por acreditar em mim, por aceitar meus sonhos e o jeito como eu levo a minha vida e a da minha família. Parece que a recompensa por fim chegou. Eu creio que é ela, a peça que faltava.

— Sim. Eu também acho.

— Eu me sinto tão inquieto. Quero fazer tudo para ontem, quero viver tudo que tiver para viver logo. Compensar todo o tempo perdido, sofrido.

— Que o passado seja passado e que seu futuro seja lindo, meu filho, mas tenha paciência. Você sabe que um relacionamento não é fácil. No começo tudo é maravilhoso, depois as coisas se tornam normais e é aí que o amor vira a peça fundamental do jogo.

— Eu sei, mãe, estou louco para viver os dias normais com ela também. — Flávio balançou a mãe em um abraço.

Na sexta-feira, Anita chegou atrasada na casa de Flávio e perdeu a pizza. Já era tarde e os meninos dormiam.

— Desculpe, amor. Tive que ficar mais um pouco.

— O que importa é que estamos juntos agora. Vem. Vamos dar uma volta.

Saíram pela cidade com os vidros do carro abertos e as mãos unidas. Tanto a dizer um ao outro, a descobrir sobre suas personalidades, mas quase não falaram. Flávio acreditava que cada segundo era precioso, temia que as coisas mudassem quando ficasse sozinho com os filhos outra vez. Anita pensava nas poucas semanas que tinha em Orlando antes de partir. Cada um com seu silêncio, mas o medo do futuro era o mesmo.

— Vou levá-los aos parques amanhã e domingo. Ruth parte na segunda, quero que se divirta um pouco. Teremos todo o tempo do mundo para ficar em casa depois que nossas babás forem embora. — Flávio beijou a bochecha da namorada.

— Ok. Você sabe, finais de semana são lotados para mim. — Anita forçou o sorriso. A mente maquinava em busca da melhor maneira de explicar a ele sobre o seu retorno em breve.

Flávio chegou em casa e foi direto ao quarto dos gêmeos. Agradeceu por Noah e Theo estarem mais tranquilos. Queria saber se era a presença das avós ou se estariam sentindo pela primeira vez o que era ter um pai feliz. Talvez uma junção das duas coisas.

Anita voltou para passar a noite na casa de Flávio apenas no domingo. Ajudou Lúcia na manhã seguinte a alimentar e vestir os gêmeos.

— Vamos, menino. Temos que levar a sua outra avó ao aeroporto. — Lúcia

agarrou Noah, que tentava fugir de trocar a fralda. – Ruth começou a chorar ontem à tarde.

Anita amarrava os sapatinhos de Theo e apertou os lábios. Pensou na própria despedida, que aconteceria em breve. O quanto choraria. Abraçou Theo e fechou os olhos. Queria guardar aquele abraço para sempre.

No carro, em direção ao aeroporto, os soluços e ruídos constrangiam a todos. Os óculos escuros escondiam pouco e o lenço de papel não dava conta.

Lúcia não julgou, sabia que seria a próxima. Tão difíceis as despedidas... Tinha as esperanças renovadas, ao menos: que Anita trouxesse-lhe o filho de volta. Que, em nome do amor, ele retornasse. Que não insistisse no erro muitas vezes.

Flávio empurrou o carrinho cheio de malas através da fila imensa. Viu as lágrimas diminuírem de intensidade.

— Flávio, escute – Ruth falou, virando-se em direção a ele. – De novo: quero que saiba que eu estou bem por você. Por Anita. Quero que vocês sejam felizes. O que passou não tem conserto. Arrumemos o futuro então, que nos aguarda cheio de oportunidades. Não sei quando poderei voltar. O pai de Catarina sente muita falta dos netos e nós gostaríamos de fazer parte da vida de vocês. Não nos esqueça, por favor.

— Eu jamais me esqueceria de vocês. São os avós dos meus filhos. Você sabe o quanto eu quis isso, Ruth. O quanto batalhei para estar aqui. Acho que agora as coisas vão melhorar, tudo vai se encaminhar. Você vai ver.

— Espero que sim. Mas nunca abandone a possibilidade de voltar. Nunca esqueça o caminho de casa e que lá estão os que te amam – ela suplicou.

— Eu sei, não vou esquecer. Preciso de tempo. Vocês precisam entender que tudo tem seu momento. De organizar, de assentar. Catarina não conseguiu esperar para ver as coisas funcionando, infelizmente.

— Às vezes elas nunca funcionam da maneira que gostaríamos, Flávio. Talvez seja o momento de você admitir isso.

Flávio ficou em silêncio, abraçou-a e seguiram adiante na fila. O choro voltou na hora do embarque, quando ela não conseguiu soltar os meninos. Ela, por fim, entregou um a Flávio e o outro à Lúcia. Parou diante de Anita, segurou-a pelos ombros e a abraçou.

— Você é minha última esperança. Ame-o, por favor. Traga-o de volta. É um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

teimoso sem remédio. Seja forte, como a minha menina não conseguiu ser. E sejam felizes, pelo amor de Deus. Têm a minha benção — ela murmurou em seu ouvido.

— Obrigada, Ruth. Vou fazer o possível.

Anita sentiu a pressão nas têmporas. Queria Flávio. Desejava fazer parte daquela família, mas começava a entender que talvez não fosse tão simples assim e que a possibilidade de decepcionar todo mundo era imensa.

— Mais uns dias, só mais alguns dias – ela sussurrou.

Naquela semana, Madalena retornou das férias cheia de ânimo, esperançosa por ter Anita ali. Mimava a garota tanto quanto aos bebês.

As noites ficaram menos constrangedoras quando Flávio abandonou a necessidade de esconder a alegria. Assim que seu turno acabava, Anita seguia para a casa dele. A nova sogra a esperava para um café da tarde recheado de donuts, ou então para um chá gelado no jardim enquanto brincavam com os gêmeos.

Flávio observava da cozinha e via a recompensa de todo o sofrimento. A mãe ali, ajudando, feliz ao lado dos netos, uma linda mulher apaixonada, sua casa e seu trabalho tão sonhado na América.

Anita surgiu na porta e Madalena iniciou um interrogatório. Como Flávio, queria cuidar dela.

— E carnes? Quais suas favoritas? Madá prepara do jeito que você quiser e deixa pronto para de noite.

— Não precisa, Madá. Eu posso fazer isso.

— Madalena, que tanto de pergunta pra Anita! Até o sabonete favorito dela você quis saber – Flávio interrompeu.

— É para ela se sentir em casa, seu Flávio – a senhora justificou.

— Eu já me sinto, Madá, já me sinto. Até demais.

— Não, não. Eu vou cuidar de você como cuido do seu Flávio.

Lúcia entrou na cozinha carregando Noah no colo.

— Isso me faz voltar tranquila. Saber que a Madalena cuida dos meus meninos dessa maneira alivia tanto a minha dor – disse a mulher.

— Mãe, que tanto sofrimento. Nos vemos bastante, nos falamos quase todo

dia – Flávio reclamou.

— Ah! Mas não é a mesma coisa. Você imagina agora, se eu vou e levo o Noah e o Theo. Trago de volta só em dezembro. O que você acha?

Flávio abriu e fechou a boca. Não tinha resposta. Anita começou a rir com Madalena.

— Mãe, não é justa essa pergunta. Eles são bebês. Não é a mesma coisa.

— Filhos são filhos. Não têm idade para os pais. Nunca.

— Que insistência, nossa. Nunca pensei que vocês seriam assim. A família está aumentando por aqui, tenho a Madalena e a Anita agora. Não quero voltar.

Anita já sabia, mas dito assim em voz alta era assustador. Ele não tinha voltado pela esposa, iludiu-se em acreditar que faria isso por ela. Anita sentiu o chão amolecer. Flávio nunca a perdoaria por não contar.

Capítulo 9

Julho chegou, levando Lúcia de volta para casa. Uma partida como a outra. Choro, despedidas dolorosas, esperanças depositadas sobre Anita. A garota contava um mês e meio para o seu próprio retorno. Quando chegaram à casa de Flávio, sozinhos pela primeira vez com os gêmeos, ele anunciou:

— Agora começamos nossa realidade. Espero que você não fuja de volta para o Brasil – ele disse, rindo, mas ela não achou graça na brincadeira. – Ei! O que houve? Ficou tão séria.

— Eu preciso te falar uma coisa. Será que podemos conversar... — Um estrondo seguido pelo choro agudo interrompeu-a.

Anita entendeu como um sinal de que ainda não era o momento. Correram até a cozinha e acharam Noah sob uma cadeira. O menino puxara a própria bolsa para pegar a mamadeira e tudo desabara por cima dele.

— Ah! Meu filho! Vamos nos comportar por uns dias ao menos, hein? O que você acha? Só para impressionar a Ani?

Anita riu e pegou o menino no colo.

— Meu lindo, você vai ficar com um galo nessa testa, mas é charme, não se preocupe. — Ela beijou sua cabecinha.

Flávio viu Anita se levantar com ele no colo e, com a mão livre, pegar uma fôrma no congelador. Ele estendeu a bolsa de gelo com desenhos de bichinhos para ela. Cada vez que o objeto frio encostava à pele do bebê, ele o empurrava para longe. Anita e ele entraram em um jogo e riam sem parar.

Theo aproximou-se e entrou na brincadeira. Flávio não se intrometeu. Deixou os três criando seus próprios laços enquanto assistia àquela cena, que permeava seus sonhos desde que soubera que seria pai.

Anita entreteve-os até que ela mesma não aguentasse mais de tanto rir. Ela preparou a banheira com bichinhos de borracha e levou-os para dentro da água morna. Lavou-os enquanto divertiam-se, os três.

Quando Flávio lhe deu as toalhas, pensou sobre como o simples fato de ter uma pessoa para alcançar algo tornava tudo mais fácil. Não podia perder aquela companhia nunca mais, não podia arriscar. Daria todo o valor àquilo que estavam vivendo. Faria tudo que fosse necessário para tê-la ali para sempre. Nunca mais deixaria a vida levar um amor seu.

Um dia antes de completar um mês da data em que conhecera Anita, Flávio percebeu que tinha que comemorar o seu reencontro com a felicidade. Aquela que abandonara sua vida há um ano e meio. Um mês desde o dia em que Anita achara sua mãe perdida no parque. Ou, como sua mãe gostava de dizer, o dia em que ela trouxera a alegria de volta para o filho ao encontrar a garota.

Eles precisavam comemorar, mesmo sendo um dia complicado. Feriados representavam horários cheios para Anita. Teriam apenas algumas horas pela manhã, pois à noite a comemoração da Independência Americana tomaria a namorada dele até os últimos segundos do dia.

Flávio ligou para Madalena do trabalho. Queria saber se havia alguma possibilidade de ela ficar com os garotos naquela noite mesmo.

— Oi, Madá! Tudo certo por aí?

— Tudo nos conformes, seu Flávio. Que bom que o senhor ligou. Eu estava mesmo pensando no que fazer de jantar e queria saber se a Anita vem hoje.

— Não. Não precisa. Na verdade, eu que queria saber se você pode passar a noite com eles hoje. Eu sei que eu nunca peço isso e que foi muito em cima da hora. Por favor, não fique constrangida em recusar, mas eu precisava tentar. Queria comemorar com a Anita o nosso primeiro mês – Flávio explicou.

— Ah! Seu Flávio. O senhor não sabe como me faz feliz pedindo isso. Pode deixar que eu dou um jeito. Eu me entendo com o meu velhinho lá em casa e fico aqui com eles com toda certeza. Esperei tanto tempo por esse pedido! – Madalena sorriu junto ao telefone.

— Obrigado, Madá. Não conte nada para Anita se ela ligar ou se ela for aí, ok? É surpresa.

— Pode deixar. — Ela desligou o telefone e virou-se radiante para os garotos sentados no tapete da sala.

Madalena colocou as mãos nos joelhos e se abaixou. Falou com eles, como se lhe entendessem:

— Ei! Meninos, hoje vocês terão uma nova garota dormindo aqui. E vai ser a Madá. Vamos ter uma noite muito divertida. Vou ligar para o marido da Madá trazer o pijama e uns doces para nós. E uns para ele também, né? Porque aquele homem não vive sem a Madalena aqui, mas é bom ficar com saudade às vezes. E vocês sabem do que mais? O papai vai sair com a Ani e, logo, logo, ela que vai passar todas as noites aqui com vocês, eu garanto.

Madalena tratou de organizar tudo para que a noite corresse bem. Trocou o plano de preparar o jantar favorito de Anita por uma refeição que ela mesma gostasse.

Enquanto isso, Flávio ligava para todos os hotéis possíveis de Orlando. Mais de uma hora depois e ele não havia conseguido nada além de: ligaremos caso haja alguma desistência, senhor. Onde andava com a cabeça? Estavam no meio de um feriado prolongado. Não havia chance de conseguir um lugar para passar a noite com Anita.

Não ligou para os mais famosos e concorridos, mas, na atual circunstância, precisava tentar. Com cortesia, a funcionária da central telefônica da área de hotelaria atendeu-o.

— Boa tarde, sou Flávio Schmidt. Eu estou com um problema. Preciso muito de um quarto em Orlando para esta noite. Sei que é algo quase impossível, mas estou aceitando qualquer coisa. Minha namorada trabalha aí, mas quero fazer uma surpresa para ela.

Ao ouvir que poderia ajudar uma colega, a moça no outro lado da linha fez todo o possível para ajudá-lo. Pediu algumas vezes que aguardasse e retornava, solicitando alguma informação ou avisando que não estava conseguindo nada, mas que tentaria de novo.

Na quarta vez, ela anunciou o improvável: temos um cancelamento. E era no hotel em frente ao lago onde ele havia assistido aos fogos com Anita. Ele não podia acreditar naquilo. Ela amaria.

Ele finalizou a reserva e ligou para a namorada. Não conseguiria trabalhar mais naquele dia. Precisava estar com ela, sentir seu cheiro, tocar sua pele.

— Oi, bonito.

— Soube que você estaria livre à noite.

— Sim. Livre para você – ela disse.

— Então passo para te pegar daqui a uma hora. Tenho uma surpresa.

— Alguma orientação quanto ao que vestir? – ela perguntou.

— Não, na verdade espero que não vista muita coisa esta noite.

Anita desligou e correu até o seu armário. Colocou a camisa branca por dentro da saia rosa. Arrumou os cabelos e começou a maquiagem quando Mariana entrou.

— Aonde você vai?

— Não sei.

— Como assim?

— O Flávio vem me buscar daqui a pouco, mas é surpresa.

— Hmmm... o amor está vindo.

Anita guardou o batom e pegou o rímel. Não conseguia olhar para Mariana.

— Sabe, às vezes parece que você não gosta dele.

— Eu gosto. Eu não gosto dessa confusão toda que você está fazendo. Já falou para ele que vai embora daqui a um mês?

Anita parou de passar o rímel e olhou para a amiga através do espelho. Endireitou as costas e fechou o frasco da maquiagem, dando voltas com força.

— Não, Mariana. Não falei, mas eu vou falar. Não precisa se preocupar tanto assim com ele, ok?

— Não é com ele, Anita. É com você. Porque eu sei que nessa sua cabecinha de garota apaixonada você pensa que ele vai te entender, que ele vai te perdoar e vai continuar sendo seu namorado mesmo você voltando, mas ele não vai. Não é isso que ele quer, não é isso que ele espera e você sabe disso. Só está se enganando. Curtindo o momento. E a cada dia que passa isso vai ficando mais feio para você.

Anita jogou as coisas na bolsa e saiu batendo a porta do quarto que elas dividiam. Passou pelos outros dois colegas de apartamento e abriu a porta de acesso ao corredor. Desceu as escadas correndo, tentando controlar a vontade de chorar.

— Só mais uns dias. Só mais uns dias — sussurrou.

As coisas iam bem. Ele precisava de mais tempo. Mais tempo para se apaixonar e não desistir dela quando contasse. Caminhou até a portaria e esperou por ele ali, para não ter de encarar as verdades ditas por Mariana.

Flávio chegou e abriu a porta para ela. Deu-lhe um beijo suave e, quando ligou o carro, pediu:

— Agora quero que feche bem os olhos e só abra quando eu disser.

— Ai! Isso me deu um frio na barriga.

Não andaram muito e ele estacionou. Não permitiu que visse ainda. Conduziu-a pelo caminho e ela sentia as luzes e ouvia as vozes, ansiosa para saber onde jantariam.

— Pode abrir – ele disse, na recepção do hotel.

— Ah! Meu Deus! O que é isso, Flávio?

— Vamos passar a noite aqui. Só nós dois. Para comemorar. Amanhã, quando acordarmos, faremos um mês. Há trinta dias a minha vida vem se abrindo para receber a felicidade.

Anita lutou com as mãos que apertavam sua garganta. A vontade de ser sincera contra o desejo de continuar vivendo aquela ilusão.

— Você é quem trouxe felicidade para a minha vida. Não imagina como. – Ela abraçou-o pelo pescoço e o encheu de beijos.

Enquanto davam entrada no hotel, Flávio prestava atenção em todos os detalhes daquele lugar tão encantador. Não poderia ter tido maior sorte. Um dos mais lindos de Orlando, cada detalhe fazendo lembrar a costa leste americana dos anos quarenta.

Abriram a porta envidraçada da sacada diante do pequeno lago e o ar morno de julho invadiu o ambiente. Apoiados no balcão, encontraram o local onde partilharam seus primeiros momentos juntos. Flávio segurou a mão de Anita com força.

— Eu fui um tolo, sabe, Ani? Em algum momento eu passei a acreditar que o

tempo resolveria tudo. Que nada de mal poderia acontecer. Mas o tempo resolveu da maneira dele. Eu não posso mais ficar sem agir, esperando que tudo aconteça sem a minha ação. Eu quero você, Anita. Não quero saber do tempo e nem de como ele resolve as coisas. Eu te amo, Anita.

Anita baixou o rosto surpresa com a declaração.

— Eu te amo também, Flávio – ela disse, voltando a olhar em seus olhos. – Não quero que você aja com base no que aconteceu no passado. As coisas são diferentes. As pessoas são outras.

— Eu sei. Claro. Só quero que você saiba que vou fazer de tudo para que funcione. Não vou deixar que nada nos atrapalhe. Eu vou lutar por você.

— Como você acha que devia ter lutado por Catarina.

Foi a vez de Flávio encarar o chão.

— Talvez. E não é culpa. É medo de te perder. Eu ganhei na loteria, Anita. Encontrar você foi um grande prêmio, preciso cuidar bem dele. E meu histórico de cuidar de pessoas não é muito bom, não é verdade?

Anita não queria entrar naquele assunto. Acabaria tendo que confessar sua breve partida ou então diria mentiras. Não queria fazer nenhuma daquelas duas coisas em um momento tão especial.

Ela o puxou pela mão de volta para a recepção do hotel. Ainda era dia quando jantaram lagosta no restaurante mais badalado do local. Outro milagre que Flávio conseguira, pois as reservas eram muito concorridas. Cada segundo era mágico. O lugar era encantador e cheio de detalhes.

— Eu sei que já somos namorados, mas hoje seria o dia ideal para o pedido. Não tivemos oportunidade de fazer isso da maneira certa, mas estamos fazendo com algum tempo de atraso.

— O que importa é o nosso amor. Essas formalidades não me interessam – Anita disse.

— De qualquer forma, eu tenho um presente para você. Não precisa fazer essa cara de pânico que não é uma aliança. Ainda.

Anita tirou o guardanapo azul do colo, mas queria mesmo era usá-lo para esconder as mãos que tremiam.

— Eu não estava preparada para toda essa comemoração. Ao menos vim com uma roupa decente, senão nem entrava aqui.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você está sempre linda. Mesmo que não estivesse, eu ia te amar igualmente. Aqui está. — Flávio tirou do bolso a pequena caixa de veludo preta. — Como eu disse, ainda não é a sua aliança. Em breve será. Por enquanto, como não quero te assustar, é apenas um colar.

Ela abriu a embalagem ao meio e revelou uma corrente de ouro. O pingente era formado por três pequenos homenzinhos, o do meio maior que os das laterais.

— Você sabe, ganhou o pacote completo, não é?

— Ah! Meu amor! Eu sei sim, e amo isso.

Ela tirou o colar da caixa e observou seus detalhes mais de perto. Estendeu-o a Flávio para que o colocasse. Virou-se na cadeira e levantou os cabelos castanhos enquanto ele o fechava. Depois de pronto, ela endireitou-se e colocou o pingente no meio do peito. Beijou-o e sorriu.

— Assim. Os três perto do meu coração.

— Ani? — Flávio esticou a mão e tocou o pescoço da namorada por trás. — O que foi isso? Essa cicatriz no seu pescoço?

— Ah! Você não tinha visto ainda? — ela perguntou, sorrindo encabulada. — Nada grave. Acidente doméstico.

— Sério?

— Na verdade, foi obra do meu irmão.

— Eu não sabia que você tinha irmãos. Você nunca falou dele.

— Só um. Leonardo, o Chato.

Anita aos poucos se revelava.

— Vocês não se dão bem? — Flávio perguntou.

— Ah! Sim. Isso foi quando eu era pequena. Temos um ano de diferença. Muitas pessoas acham que somos gêmeos, olha. — Ela pegou o telefone e mostrou a foto do irmão. — Não é eu? De cabelos curtos?

— Verdade. Vocês são muito parecidos.

— Enfim. Crescer com um irmão mais velho me deu algumas cicatrizes. Aquela que você encontrou no meu joelho também foi com ele. Bicicleta. Essa do pescoço ele me puxou pelo pé na escada, e eu estava sentada em uma caixa. Podemos ver que não deu certo.

Anita entregava a saudade através de seus olhos.

— Você sente falta da sua família? Assim, que chega a doer?

Ela pensou e não conseguiu responder. Não podia deixar transparecer que não se preocupava muito com isso, pois voltaria logo para casa.

— Você também não chegou há muito, né? Vamos sentindo mais com o tempo. Em dezembro você vai estar louca de saudades – Flávio continuou.

— Eu sinto saudades, sim. Mas o Leo já não morava conosco. Ele é o filho perfeito: terminou a faculdade, casou com a única namorada em uma festa linda. Compraram um apartamento e moram em outra cidade. Ele é biólogo.

— Nossa! Tudo isso e tão novo.

— Viu, você vai entrar para o time do Leo perfeito. Isso que nem o conhece – Anita disse.

— Irmã ciumenta. Você também é perfeita. Seus pais não acham? Tudo isso que você conquistou. Estudou, está aqui. Vai ter um futuro brilhante na América.

Anita respirou fundo. Fingiu sorrir e pediu licença para ir ao banheiro. Lá, olhou-se no espelho. No que estava pensando? Que mundo estaria criando na mente daquele homem apaixonado? Não havia nada que ela pudesse fazer para permanecer ao lado dele por mais tempo. Ele ficaria louco quando descobrisse. Um homem tão bom. Ela tão má.

Após a sobremesa, passearam em volta do lago e assistiram ao pôr do sol em silêncio. Flávio sentiu o telefone vibrar e leu a mensagem de Madalena:

Madalena: Por aqui todos bem. Aproveite a noite sem nos ligar, por favor. Não atrapalhe nossa sessão de cinema.

— Ah, essa Madalena! Disse para eu não ligar para não atrapalhar o filme deles. Ela não existe.

— É verdade. Olha! Os fogos.

— Como naquela noite – ele disse.

— Sim. Eu te amo, Flávio Schmidt. Te amo – Anita falou, segurando o rosto dele com as mãos delicadas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu que te amo. Sou o cara mais feliz do mundo. – Flávio ergueu Anita do chão e enfiou o rosto em seu pescoço.

Na semana seguinte, Anita continuava tentando fugir de se aprofundar na rotina de Flávio, mas ele conseguia envolvê-la. Pediu que ela substituísse Madalena e o ajudasse a levar os meninos no doutor Emmet.

Atrapalhado, ele tentava segurar a porta do elevador para que Anita saísse com Noah. Theo esperneara e descera do colo do pai antes de chegarem ao andar. Assim que pôde, correu até o consultório e começou a bater com as mãozinhas no vidro.

— Theo! Volta já aqui! – Flávio ordenou.

Louise reconheceu o bebê e levantou-se sorridente de sua cadeira. Abriu a porta com delicadeza e pegou o pequeno no colo.

— Oi, Flávio! Tudo bem, querido? – Ela beijou a lateral do rosto dele antes de notar Anita no corredor.

— Tudo bem, Louise. Como vai?

Louise estranhou a formalidade dele. Quando não estavam na presença de ninguém, ele a chamava por Lou de uma maneira carinhosa. De repente, percebeu o motivo. Anita se levantou após colocar Noah em pé diante da porta. Ele correu até os brinquedos coloridos do consultório.

— Essa é Anita, minha namorada – Flávio completou.

— Ah! Muito prazer. Meu nome é Louise. Sou a secretária do doutor Emmet. Sem disfarçar o constrangimento, Louise soltou a criança para que brincasse com o irmão e voltou silenciosa até seu lugar. Não sem antes trocar olhares com Flávio, despertando a atenção de Anita.

Flávio parou no balcão de Louise, com os documentos de Noah e Theo. Anita ouvia os sussurros, mas não era capaz de entender o que diziam. Sentiu uma pontada de ciúmes da moça bonita que falava com a boca tão perto do seu namorado. A sensação aumentou quando, depois de ter Flávio outra vez ao seu lado, notou que a mulher a observava.

— Flávio! – Emmet surgiu diante da porta. – Como vão? Ah! Vejo que tem uma nova ajudante hoje!

— É Anita, minha namorada! – Flávio sorria ao falar.

— Fico contente por vocês. Já era hora. É brasileira?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sou sim – Anita respondeu.

— E mora aqui em Orlando? Desde quando?

Anita sentiu as pernas fraquejarem. Não podia seguir por aquele assunto. Teria problemas.

— Sim. – Nervosa, afirmou também com a cabeça. – Desde maio.

— Ah! Pouco tempo.

— Mas ela já esteve aqui antes, trabalhando. Agora voltou para outro cargo no mesmo lugar.

— Que maravilha! Temos que marcar um jantar lá em casa uma hora dessas.

— Sem dúvida. – Anita rezava para que isso não acontecesse tão cedo.

Emmet ocupou-se dos meninos, o que deixou Anita aliviada. Auxiliou com as bolsas, colocar e tirar de roupas, mas não se envolveu mais na conversa, com receio de ser lembrada outra vez.

Ao deixarem o consultório, notou a troca de olhares entre Louise e Flávio, e o sorriso dela para ele quando pensou que Anita não estivesse olhando. Saiu sem se despedir. Queria mesmo que pensasse que era mal-educada.

Depois de terem colocado os dois pequenos em seus lugares no carro, Flávio percebeu que Anita agia diferente. Dirigiu por alguns minutos até ter certeza, mas a falta de sorrisos e o silêncio dela confirmaram sua percepção.

— Está tudo bem, amor? – perguntou a uma Anita de braços cruzados que olhava ao longe.

— Sim.

— Não parece – Flávio rebateu.

— Você viu o jeito que ela olhava para você?

— Ah! Eu sabia. Tinha certeza de que não estava tudo bem. Por que vocês mulheres não falam o que sentem?

— Mas eu estou falando.

— Porque eu insisti. Você não ia falar.

Anita não respondeu. Continuava emburrada.

— A Louise é minha amiga, Ani. Conhece tudo pelo que passei. Tenta me ajudar da melhor maneira possível, me socorre quando preciso e cuida da

agenda médica dos meninos.

Anita queria pedir que ele deixasse aquilo tudo com ela a partir daquele momento. Gostaria de dizer que tomaria conta deles, socorreria quando necessário e que cuidaria da agenda médica de Theo e Noah. Mas não podia. Estaria fazendo uma promessa que não ia cumprir, pois logo iria embora. Tinha que aceitar que Louise continuaria ali, ajudando seus garotos.

— Sinto muito. Não quis ter uma crise de ciúmes. Mas é difícil quando se ama tanto alguém.

— É? – Flávio sorriu.

— É. Eu te amo. Tanto.

— Eu também, Ani. – Ele colocou a mão sobre a dela. – Tanto. Você é a minha garota. Não tenho como te dizer o quanto estou feliz e que você não precisa se preocupar com mais ninguém. Vou ficar ao seu lado para o resto da minha vida.

Anita encolheu por dentro e mirou o horizonte mais uma vez. Queria tirar os olhos da visão de Flávio. Temia que eles entregassem tudo.

Capítulo 10

Flávio organizava a mesa de jantar na cozinha, colocando quatro lugares. Esquentou a refeição e abriu uma garrafa de vinho. Os dois cadeirões acolchoados aninhavam os meninos, entretidos com a louça de plástico e a música que ela produzia.

O celular no balcão anunciou a mensagem que informava que o jantar seria a três e não mais com a quase família por completo. Flávio respirou fundo.

— Vamos lá, boys. A Ani não vai poder vir. Problemas com um grupo que chegou. Então vamos fazer nosso jantar ser bacana de qualquer forma, ok? Sem comida no chão, sem choro. Continuem na música.

Flávio não obteve resposta. Ainda não recuperara o hábito de falar e não ser respondido. Refletiu sobre o mês que havia passado voando.

Nas primeiras noites que esteve sozinho com eles, após a partida de sua mãe, Flávio pensou em voltar a colocar seu colchão no meio dos berços. Mas não foi necessário. O vento calmo ainda circulava por ali.

Quando Anita permanecia lá durante a noite, eles deixavam Theo e Noah em suas camas. Talvez pela alegria que estavam sentindo, quase sempre funcionava. Poucas vezes eles choravam.

Quando isso acontecia, Flávio acordava e percebia que já estava sozinho na cama. Ao entrar no quarto, encontrava Anita ocupada com os garotos. O sorriso sempre radiante aparecia através da claridade que adentrava a janela. Ela era a representação do amor. Trazia tranquilidade. Pela mudança que via em seus filhos, entendia que eles também sentiam isso.

Os dias e noites não mais se arrastavam e Madalena via a diferença nos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

homens da casa. Conseguia tirar até mais tempo para preparar as refeições preferidas de Anita. Quando Flávio ligava para saber dos garotos, ela avisava sobre o que os esperava no jantar e ele mandava uma mensagem avisando a namorada.

Esqueceu-se de guardar o quarto prato e os talheres que esperavam pela visitante. No meio do jantar, notou aquele lugar vazio e sentiu a depressão se apoderar do seu coração.

— O lugar que a mãe de vocês deveria estar ocupando agora, meninos. O lugar que, preenchido, teria tornado nossas vidas muito menos complexas. Mas não teria trazido Ani até nós.

— Ani – Noah falou.

— Ani? Você falou Ani, Noah? – Flávio levantou o menino da cadeira e ergueu-o ao alto. – Você falou Ani, Noah! Precisamos contar isso a ela.

— Ani.

— Isso mesmo. A nossa Ani.

Flávio beijou o filho por diversas vezes e se esqueceu da tristeza que antecederia esse momento inesperado. Desde que Anita chegara à vida deles, todas as vezes que a aflição abria uma fresta na porta e tentava entrar, acabava encontrando uma grande barreira.

Flávio pegou o telefone e repetiu o nome. Noah sorriu e falou “Ani” várias vezes ao notar que isso fazia com que seu pai sorrisse. Anita não atendeu e ele deixou uma mensagem na caixa postal.

— Amor, você não vai acreditar. Ouve isso.

— Ani. Ani. Ani.

— Viu que lindo? Foi o Noah falando o seu nome!

Ele pousou o celular sobre a mesa. Noah apontou para o aparelho com sua mãozinha rechonchuda.

— Ani!

Alheio aos acontecimentos ao seu redor, Theo permanecia envolvido com o seu jantar. O telefone vibrou com a ligação de Anita.

— Fala com ele, amor – Flávio pediu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Lindo da sua... Ani!

— Ani! – Noah falou outra vez.

— Amor, eu não vou conseguir passar aí hoje, mas amanhã posso almoçar com você, se puder.

— Vou sentir falta da sua perna sobre a minha à noite, mas te ver amanhã compensa.

Flávio começou a cantar baixinho assim que bloqueou a tela do celular. Tirou os gêmeos das cadeiras e colocou-os no chão, dando pequenos passos de dança sem ao menos notar. A música favorita não saía da sua cabeça. Cantou ao colocá-los para dormir e continuou até que ele mesmo adormecesse.

Julho acabou, levando com ele a temporada de alegrias. Flávio ligou para Madalena na primeira sexta-feira do mês, pedindo que ficasse mais um pouco com Theo e Noah. Ele passaria para pegar Anita para jantar com eles.

Parou o carro na entrada do condomínio e a viu, esperando por ele com o celular nas mãos. Linda, como sempre. Toda de preto e a camisa jeans por cima. Sua namorada. Inteligente, amorosa, disposta a ficar com ele apesar da sua história complicada.

Anita entrou no carro e o encheu de beijos. Não entendia como podia apaixonar-se cada dia mais. Queria saber como nenhuma mulher tinha aparecido na vida dele... Não era possível que fosse medo dos bebês. Ela via a família como um sonho. Os momentos que vivia naquela casa eram sempre de alegria. Voltava muitas vezes cansada, mas feliz.

— Pizza? – Anita perguntou.

— Pizza, bagunça, dois bebês e dormir no chão da sala vendo TV?

— Ah, sim!

Flávio dirigia quando a música foi interrompida pelo toque do telefone conectado via bluetooth. O visor do painel anunciava a ligação de Lúcia. Anita atendeu com um toque na tela.

— Oi, sogra!

— Oi, Ani. Meu Deus! Que saudades.

— Eu também estou.

— Como estão as coisas aí? Que maravilha ouvir a sua voz. Está com o Flávio?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oi, mãe. Estou dirigindo – Flávio disse.

— Bom, não quero atrapalhar. Eu ligo de novo mais tarde para saber como estão sendo esses últimos momentos curtindo a Anita. Vocês vão morrer de saudades um do outro, não é? Mas não se preocupe que eu vou cuidar dela direitinho aqui.

Anita sentiu o coração congelar. O contraste com os olhos de Flávio, que queimavam nela.

— Não vejo a hora de você chegar daqui a duas semanas, Ani.

Ela não acreditava que estava acontecendo daquela maneira. Só podia ser um pesadelo, não era possível. Baixou os pés, que estavam apoiados em cima do painel do carro, e arrumou a saia. Abriu a boca e voltou a fechar. Não falou nada.

— Ok, mãe. Tenho que desligar. Até mais – Flávio disse.

Flávio parou no acostamento. O telefone começou a tocar outra vez e ele não olhou para o monitor para ver quem era.

— Mas que droga, Anita! Que brincadeira é essa?

— Flávio, eu... deixa eu explicar, amor. Deixa eu...

— Explicar, Anita? Você vai ter que me fazer entender mesmo por que é que a minha mãe está te esperando lá no Brasil em duas semanas.

Ele socou a direção com força. A buzina soou, assustando Anita, que começou a chorar. O som da chamada tornava o ambiente mais tenso. A ligação esperava por ser atendida ao mesmo tempo que Flávio aguardava pela resposta.

— Mas que droga. – Flávio apertou o botão para atender a chamada, pensando ser a mãe mais uma vez. – Sim.

— Oi, Flávio, tudo bem? É a Karol. Queria saber se você está livre hoje. Para repetirmos aquela noite. Adoro ser levada para casa no colo, sabe? – A voz de Karol soou pastosa.

Flávio percebeu que Anita havia parado de tremer. As bochechas ficaram vermelhas. Karol passara as últimas semanas com um cliente na Califórnia, não a via há tempos. Com certeza ninguém tinha contado para ela sobre Anita.

— Ahn, Karol. Eu tenho um compromisso hoje. O fim de semana todo, na

verdade.

— Ah! Que pena. Segunda-feira conversamos no trabalho, então. Tchau.

Ele encerrou a chamada sem uma palavra de despedida. Ambos estavam enrascados, ninguém tinha coragem para falar nada. Cada um envolto pelo seu erro, o mundo mágico desabando. Com raiva, Anita parou de soluçar e abriu a porta do carro. Tentou sair, mas não conseguiu, atrapalhada com o salto do sapato que ficou preso no tapete. Arrancou-os e pulou para fora. Saiu batendo os pés no asfalto morno.

— Anita, volta aqui. Anita! O que você está fazendo? É perigoso. Entra no carro.

— Eu não vou entrar na porcaria do seu carro, Flávio. Ah, mas não vou mesmo! E você vá para o inferno.

Flávio saiu do carro e correu atrás dela. Segurou em seu pulso quando a alcançou. Virou-a em sua direção e viu o ódio em seu olhar pela primeira vez. Pensou em quanto tempo era necessário para que se conhecesse todos os aspectos de uma pessoa. Ela com certeza não conhecia muita coisa dele. O amor é a parte mais fácil de mostrar.

— Tira a mão de mim.

— Anita! Calma. Precisamos conversar. Não podemos fazer um escândalo aqui no meio da estrada.

— Você sugere ir para sua casa para conversarmos na frente dos seus filhos sobre as colegas que você levou para cama enquanto mentia que eu era única e especial?

— Anita, não é nada disso que você está pensando – Flávio disse.

— Você acha que eu sou idiota? É isso?

— Na verdade, eu penso que é você que acha isso, segundo a conversa que eu acabei de ter com a minha mãe.

Anita não respondeu. Olhou para o chão e desvencilhou o braço da mão de Flávio. Com a outra, segurava os sapatos e a bolsa. Também tinha suas dívidas e não podia fugir delas. Deu meia volta e entrou no carro.

— Mas que droga – Flávio falou, após se sentar no banco do motorista. – Há dez minutos estávamos no paraíso e agora fomos ao inferno. Como foi que isso aconteceu? Que maldito vento é esse que passa e destrói vidas em

segundos?

Anita não respondeu, balançava o pé impaciente. Flávio dirigiu até o Lago Eola. Estacionou e desconectou o celular do bluetooth. Não queria ouvir mais nada daquele alto-falante amaldiçoado. Ligou para Madalena e pediu para que ela aguardasse mais um pouco. Largou o telefone e encostou a testa no volante.

— O que foi isso, Anita? O que está acontecendo? Você pode me explicar? — ele perguntou.

— Por que eu tenho que me explicar primeiro? Por que não podemos começar pela sua história com a Karol? — ela despejou as palavras. A repulsa que sentia era clara. Os braços cruzados indicavam que não haveria abertura.

— Você quer que eu comece por aí? Tudo bem, eu começo. Não há nada aí. Foi uma coisa besta que eu fiz. Sim. Eu saí com outra pessoa uns dias antes de te conhecer e não te contei por medo de parecer um conquistador aceitando qualquer coisa que aparecesse. Você é especial, Ani. A única vez que eu tive isso na minha vida foi com a Catarina. A Karol não representou nada para mim.

— Ah, é? Por que você escondeu, então? Por que ela continua te ligando?

— Eu já disse. Tive medo que você não entendesse o espaço que tem no meu coração, na minha vida. Ela estava viajando. Tenho certeza que ainda não soube que estou com você. Eu não saí mais com ela depois daquele dia. Juro. Ela também não quer nada sério com ninguém.

— Não parece. Continua te procurando.

— Continua não, Anita. Foi a primeira vez que ela me ligou — Flávio explicou.

— Não sei se acredito em você. Quantas mais?

— Quantas o quê?

— Com quantas mulheres você saiu depois da Catarina? Quero saber.

Flávio teve medo de responder. Nada daquilo tinha importância perto de Anita.

— Três, com a Karol. Olha, que diferença isso faz?

— Diferença? Você disse que não tinha saído com nenhuma. Que eu era a primeira. Essa é a diferença. Você é um mentiroso. Eu não tenho nada de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

especial. Não passo de uma conquistista.

— Anita, isso não é verdade. Não houve nada de mais com as outras duas também. Apenas beijos vazios, sem vida. Eu não estava pronto para isso ainda.

— Sei. Aquela secretária do médico é uma delas, não é?

— A Lou? Do doutor Emmet? – Anita fez que sim com a cabeça. – Sim, Ani. Louise foi uma das três – Flávio entregou, frustrado.

— Eu sabia. Vi o jeito que ela olhava para você. Notei que me encarava de uma forma estranha.

— Mas também não importa. Não sei mais quem é você. Julgando minhas atitudes e escondendo algo tão grande quanto o que você escondeu. É verdade que você vai embora? Como minha mãe sabe disso?

— Eu não sei como isso começou, mas foi crescendo junto com a minha paixão por você. Tive medo que, caso soubesse do meu retorno, não quisesse nem tentar por receio de se apegar a alguém que iria embora em breve – ela justificou.

— Anita, desde quando você sabe que vai voltar para o Brasil? Desde quando, Anita? – ele gritou.

— Desde sempre – ela respondeu, entre soluços. – Desde antes de chegar aqui em Orlando.

— Eu não acredito nisso. Que idiota eu fui.

— Eu me deixei levar pela ideia que você criou na sua cabeça de que eu era uma funcionária permanente. Você nunca me perguntou nada em específico. No começo achei que sabia que era só um programa de três meses – Anita explicou.

Flávio colocou a mão na frente da boca. Pensou por alguns segundos.

— Três meses. Você entrou na minha casa, na minha vida, na vida da minha família, para mais um programa de férias? Para nos deixar para trás quando a sua brincadeira acabasse?

— Não! Flávio, isso não é verdade! Eu me apaixonei por você. Eu tive esperança de que pudéssemos continuar juntos depois.

— Eu não sou um amor de verão, Anita. Você sabe da minha solidão. Você conhece a minha rotina. O quanto eu já sofri e o quanto agradei por afinal ter

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alguém ao meu lado. Alguém para amar. Alguém com quem criar meus filhos.

— Eu não tenho o que dizer. Sei que errei e só posso pedir desculpas. A Mariana insistiu muito para que eu contasse. Ela me avisou que, quando você soubesse, não me perdoaria.

— Por isso você sempre evitou que conversássemos? Por isso que ela parecia não gostar de mim nas últimas vezes em que nos encontramos? Você a obrigou a entrar na sua mentira e a deixou desconfortável – Flávio a acusou.

— Isso não é verdade. Eu fui uma tola. Pensei que, apaixonado por mim, você não me deixaria ao partir.

— Você me usou, Anita.

— Não. Não diga isso, por favor.

— Desde quando minha mãe sabe?

— Desde o dia em que a encontrei perdida no parque.

— O quê? Por que ela não me disse? – ele questionou.

— Foi pura falta de comunicação. Eu juro que não pedi segredo. Ela estava muito esperançosa.

— Com o quê?

— Que você por fim aceitasse voltar por minha causa.

— Ah, mas eu não consigo acreditar. Até a minha mãe teve participação nisso tudo. E usou você como isca.

— Não é nada disso. Ela achou que você cederia. Ao menos desta vez.

— Sim. Elas não falam. Não são específicas, mas pensam que eu matei a Catarina ao recusar nossa volta ao Brasil tantas vezes. Agora ela estava achando que eu voltaria por medo de perder você também.

— Sim. É verdade, Flávio. Todos querem você lá. Todos te amam. Só isso. Você é teimoso. Não vê o que está na sua cara.

— Que dia? Que droga de dia você vai embora, Anita?

— Meu programa acaba semana que vem. Os dias além são os que tenho direito pelo visto. Já gastei alguns quando cheguei.

— Que burro que eu fui. Fiquei cego por completo. Você tem toda razão, não vejo o que está na minha frente. Vou te levar para casa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Foram em silêncio até o alojamento de Anita. Ao descer, ela olhou para ele por alguns segundos. Esperou por palavras de amor que não vieram. Um último sinal de perdão ou arrependimento, mas não houve. Flávio não se despediu, sequer desligou o carro. Apenas partiu em seguida.

Quando estava distante o suficiente, Flávio não aguentou mais. Não podia chegar em casa daquele jeito. Estacionou no *outlet* mais perto e chorou tudo o que pôde sobre o sentimento de medo e desamparo que o invadia. De novo estava sendo abandonado.

— O que eu fiz para que isso se repetisse? Sozinho com os meus filhos, as esperanças postas de lado, os sonhos, os planos. Acreditei que o passado foi um bom professor, mas não consegui enxergar por trás de uma mulher de novo. O que elas escondem em seu íntimo? O que pensam? Que podem ir e vir da vida das pessoas desse jeito? Anita é igual a Catarina. Mimada, egoísta, mentirosa.

Flávio só voltou para casa quando se sentiu seguro. Não podia desabar na frente de Madalena.

Anita cruzou a sala do apartamento chorando. Mariana e os outros dois colegas de quarto conversavam quando ela chegou.

— Ani! O que houve, Ani? – Mariana perguntou e não obteve resposta.

Anita entrou no quarto que dividia com a amiga e bateu a porta. Ela apareceu em seguida e a encontrou sentada no chão. As costas apoiadas na cama, sua bolsa e sapatos atirados na lateral do corpo. Soluçava sem parar. Mariana sentou-se ao seu lado, passando o braço por cima do ombro da amiga.

— Você contou para ele, é?

— Ele descobriu!

— Ah! Meu Deus, foi pior do que eu imaginei.

— É. Estávamos no carro e a mãe dele ligou e falou no meio da conversa algo sobre ele estar preparado para a minha partida – Anita explicou.

— E agora?

— E agora que não é só isso. Em seguida, uma mulher ligou. Acho que ele atendeu porque nem viu, pensou que fosse a mãe de novo, mas não era. Uma tal de Karol.

— Quem é essa?

— Uma colega do trabalho. Convidou ele para repetir “aquela noite”. Ali. No viva-voz, Mari. Tem noção? – Anita começou a chorar outra vez.

— Agora complicou de vez. Que justificativa ele deu?

— Ah! Falou umas bobagens sobre não ter sido nada demais e que não quis me falar detalhes para que eu não achasse o que estou pensando dele agora. Que ele usa o fato de ser um pai viúvo para conquistar as mulheres.

— Mas será, Ani? Será que ele não está falando a verdade? – Mariana perguntou.

— Agora ele aproveita que eu fiz uma coisa errada para me dar um pé na bunda.

— Mas você merece.

— Ai! Mariana, você também?

Mariana soltou Anita do abraço.

— Dá um tempo, Ani. Estamos quase indo embora. Temos tanto para curtir, nossas últimas festas, despedidas dos amigos. Vamos aproveitar para fazer o que ainda não fizemos. Foi um romance de verão. Não deu certo, bola para frente. Sabíamos que estava fadado ao fracasso desde o começo.

— Eu tinha esperança, Mari. – Anita olhou nos olhos da amiga. – Achei que a mãe dele podia ter razão. Que, se ele se apaixonasse de verdade, poderia voltar comigo.

— Ani, parece que ela te usou, sabe? Vai ver é tipo o filho.

— É. Você tem razão. Talvez ela tenha passado a própria esperança para mim, me fazendo acreditar numa possibilidade que nunca existiu.

— É o que parece – Mariana concluiu.

— Eu achei que era a única, que era especial. Nada disso é verdade e dói saber que fui só mais uma. Fiz planos, sonhei. – Anita apertou com força o pingente com os três homenzinhos que Flávio lhe dera de presente. – Mas você está certa. Eu vim para uma coisa e não vou deixá-lo estragar tudo isso. Vamos curtir nossos últimos momentos aqui e levar só o que é bom. Ai! Me dá aqui um abraço que eu estou precisando.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 11

Uma dor de cabeça de dois dias e o corpo dolorido. Era como se uma gripe se aproximasse, mas não passavam de sintomas psicológicos. Como se sentissem o que estava escondido no íntimo do pai, os meninos voltaram a chorar à noite. Aqueles dias de paz foram embora com Anita.

Ele levou com dificuldade o colchão pesado para o meio do quarto de Theo e Noah outra vez. Rolava de um lado para o outro, pegando em cada mãozinha que se movimentava durante a noite. Não tinha sono. Tentava encontrar formas de resolver aquela situação e não chegava à conclusão nenhuma. Pegou o telefone e caminhou até a janela da sala. As árvores da rua não balançavam.

— Flávio? O que houve? Que horas são aí? Tudo bem com os meninos? — Lúcia perguntou.

— Mãe — Flávio começou a chorar. —, eu nunca fiz isso, mãe, mas eu acho que preciso de ajuda.

— O que está acontecendo, meu filho? Eu parti há poucas semanas e estava tudo indo tão bem.

— Estava. Parece que tudo voltou a dar errado. Anita está indo embora.

— Ah! Meu filho, mas você sabia disso. Sabia que mais cedo ou mais tarde chegaria esse momento.

— Esse é o problema, mãe. Eu não fazia ideia. Soube aquele dia, quando você ligou.

— Ah! Meu Deus, Flávio. Eu, eu não sei o que dizer. Pensei que você soubesse desde o princípio. Acreditei que seria a oportunidade de você acabar voltando para nós.

— Eu fiquei chateado com você, mãe, mas sei que não teve culpa. Eu entendo agora. Ela mentiu para mim. Deixou que eu pensasse que as coisas seriam de uma maneira quando desde sempre ela soube que seriam de outra – ele lamentou.

— Flávio, você vai deixar essa menina ir embora assim? – Lúcia indagou.

— Mãe, você entendeu a gravidade disso tudo? Como eu posso confiar nela? Nem sei como posso confiar em você, que torce para que eu volte.

— O amor perdooa tudo, meu filho. Não deixe de ser feliz para ter razão. Nunca.

— E o que eu poderia fazer? Me ajuda. Eu me sinto uma criança pedindo ajuda para a mãe, mas estou desesperado. Não sei o que fazer. Não durmo há duas noites. Só penso nela. Nas crianças. Em mim. Tento achar uma resposta e não vejo nada na minha frente.

— Você precisa dar tempo ao tempo. Sei que você não costuma sair, assim como não costuma pedir ajuda. Mas deveria, como a vida já te mostrou. Sozinhos não vamos muito longe, Flávio. Saia com algum amigo, pense em outra coisa. Converse com alguém de fora da situação, imparcial, para que você não pense que eu estou te dando saídas pensando nos meus interesses. Não vou negar que tive muita esperança, tenho ainda. Eu e a Ruth temos muita esperança na Anita. Em vocês.

— Não consigo nem dormir, trabalhar, cuidar dos meninos, como vou sair?

— Convide o Mike para conversar depois do trabalho e pergunte o que ele faria. Não precisa falar da sua vida, fale de maneira hipotética, que seja, mas não tente resolver sozinho. Pelo amor de Deus, aceite a ajuda das pessoas que gostam de você.

Na sexta-feira, Flávio pediu que Madalena ficasse até mais tarde e convidou Mike para um happy hour. O colega ficou tão surpreso quanto na situação do convite para o aniversário de Flávio. Saíram mais cedo e foram ao mesmo bar na qual haviam ido da outra vez.

Alguns colegas estavam lá e, pouco tempo depois da segunda bebida, Karol chegou. Flávio ficou incomodado com a presença dela. Ainda não havia

ouvido a opinião de Mike para descobrir se ele tinha alguma ideia do que poderia ajudá-lo e ver Karol ali fez com que se lembrasse também dessa questão. Anita estava furiosa com ele. Acenaram para Karol e continuaram o assunto.

— Olha, sua oportunidade de afogar as mágoas chegou – Mike disse.

— Mike, fala sério, cara! Eu acabei de te falar da bagunça que a Karol fez na minha vida. Você acha mesmo que eu conseguiria fazer qualquer coisa com ela depois de tudo que aconteceu?

— Eu conseguiria.

Flávio fez uma careta para o amigo.

— Eu só quero a Ani de volta. Eu amo muito ela. Sou capaz de esquecer tudo o que aconteceu para ter ela do meu lado.

— Mas você não sabe se ela te aceitaria de volta.

— Mesmo que aceitasse. Eu não vou voltar para o Brasil. Como ficaríamos juntos com essa distância? Eu não quero um relacionamento assim, não funcionaria.

— Casa com ela.

— O quê?

— Casa com ela e ela vai ter o visto para ficar aqui com você – o amigo de Flávio sugeriu.

Os dois pararam a conversa quando viram Karol caminhando em sua direção. Os cabelos escuros balançavam com o movimento do corpo dela.

Mariana convidou Anita para uma bebida de comemoração com os colegas antes do final do programa. No fim de semana teriam vários eventos e festas de encerramento privadas, então ela queria sair e aproveitar para uma despedida antes que todos acabassem por se dispersar.

Ao chegar ao bar, Anita deu dois passos e notou Flávio sentado com Mike. A roupa ainda do trabalho. Em pé, apoiada na mesa, ela viu a mulher que se insinuava para ele e ria. Sentiu o rosto corar.

— Olha, Mari! É o Flávio. Está com uma garota.

— Uau! Uma mulher, né, Ani. Um mulherão para falar a verdade. E dá para ver que está louquinha por ele.

— Idiota. Com todo aquele papo de pai sozinho, sem ninguém, que não sai. Olha aí, no bar e com ela.

— Na verdade, ele não parece estar com ela. Estão só conversando.

— Para de defender, Mariana. Preciso saber se ela é a tal da Karol.

— E como você vai fazer isso?

— Você – Anita explicou.

— Eu o quê?

— Você vai descobrir.

— Como? Está louca, Anita?

— Sei lá. Se vira. Ele não pode me ver antes de termos certeza. Vou ficar escondida no meio do povo até você voltar com o nome dessa mulher.

— Anita, você só se mete em encrenca e agora quer que eu entre junto na sua. Só porque sou sua amiga – Mariana concordou.

— Só porque você me arrastou para cá. Eu nem queria vir. Evitaria essa cena nojenta.

— Sim, você não parava de chorar. Foi só um amor de verão, né, Anita!

— Que amor de verão, Mariana? Eu amo esse babaca. Ok. Anda lá antes que ele nos veja e despache ela. – Anita empurrou a amiga e se misturou no meio de outras pessoas.

Mariana pensou no que fazer e localizou um amigo. Moreno, alto. Lindo. Gay. Não cobraria nada além de uma bebida em troca de um favor. Perfeito, pensou. Explicou a situação ao amigo e pediu para que ele puxasse conversa com a moça.

Quando Karol deixou a mesa de Flávio e pediu uma bebida no balcão, o amigo de Mariana iniciou o assunto. Depois de dez minutos, caminhou de volta em direção à garota com o sorriso no rosto. Anita estava sentada no meio de dois conhecidos e escondia o rosto com o cabelo.

— Karol, o nome da morena. Está num happy com os colegas. Mãe, divorciada. Trabalha com TI.

— Ficha completa, hein? – Mariana disse.

— Sou ou não sou o melhor?

— Sim. Desde sempre. Toma aqui a bebida que eu te devo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Mariana passou duas notas de dez dólares para ele e olhou para Anita. A garota estava transtornada. Inflou o peito e levantou. Caminhou em direção à porta do bar quando viu Karol voltando para a mesa de Flávio com bebidas. Não pensou duas vezes. Voltou ao salão, tirou um dos copos da mão dela e jogou o conteúdo no colo de Flávio.

— Mentiroso! – Anita gritou. – Você é um mentiroso cretino.

— Anita! Você está louca? Mas que droga é essa? – Flávio perguntou.

Anita deixou o copo na mesa e saiu batendo os pés com força.

Flávio alcançou-a na rua. Cheirava a álcool. Segurou em seu braço e fez com que ela o encarasse à força, girando seu corpo. Os rostos colados. A raiva saía junto da voz dele.

— Você tem a mínima noção do que acabou de fazer? – ele gritou.

— Tenho sim.

— Você não sabe o que viu, Anita.

— Você saindo com a “não tive nada com ninguém” Karol de novo?

— Não é nada disso, Anita.

— Nunca é nada disso, Flávio? E eu que sou a mentirosa aqui.

— Você quer ouvir a minha versão ou tanto faz para você, já que vai embora mesmo?

Anita começou a chorar. Desvencilhou-se dele e correu até a esquina. Flávio foi atrás dela e abraçou-a.

— Ani, entra no carro.

— Não.

— Anita, entra no carro. – Ela cedeu. Abriu a porta do passageiro quando ouviu Flávio destrancar o automóvel.

— Queria que estivesse chovendo agora para não ter que explicar por que estou assim quando chegar em casa – ele desabafou.

— Sinto muito. Agi sem pensar. Fiquei com raiva.

Flávio colocou o carro mais perto do Lago Eola. Desceu e sentou no capô. Anita fez o mesmo.

— Vocês estavam rindo e bebendo juntos. Eu perdi a cabeça.

— Vários colegas meus estavam lá. Isso pode me trazer problemas, sabia?

— Desculpa. Agi como uma adolescente apaixonada.

— Acho que você é uma, mesmo.

— Idiota.

— Nós nos amamos, Ani. Não tem como negar isso. O que vamos fazer com essa situação toda? Eu não sei mais o que pensar. Não durmo, não como...

— Mas paquera no bar na sexta de noite – ela apontou.

— Anita, eu saí com o Mike para conversar sobre você. Minha mãe sugeriu que eu falasse com alguém de fora da situação, um amigo. Convidei ele para tomar alguma coisa. A Karol estava lá por conta, foi até a nossa mesa para dar um oi e ofereceu uma bebida. Nada de mais. E você, sofredora, também estava lá, curtindo.

— Eu fui me despedir dos meus colegas de intercâmbio. E era claro que ela queria ficar com você, Flávio.

— Pode até ser, mas não me interessa. Eu só penso em você, Ani, em nós. Em como eu vou viver longe. Não sei o que fazer. Eu estou muito irritado com essa história toda, mas minha mãe tem razão. Te amo tanto que sou capaz de esquecer para ficar com você. Isso se você quiser.

— Eu não sei o que dizer. Tenho dificuldade em acreditar em você, mesmo não tendo sido sincera. Sempre tive, na verdade. Nunca entendi como você não tinha ninguém – Anita disse.

— Você conheceu uma versão de mim muito diferente. Chegou bem no momento em que eu estava tentando mudar, tentando ir atrás de uma vida mais feliz. Quando eu por fim decidi dar um basta ao sofrimento. Só que agora...

— Agora eu estou fazendo você sofrer de novo.

— É – ele confirmou.

Anita segurou na mão de Flávio.

— Desculpa. Volta comigo? Por favor, volta comigo, Flávio?

Ela permaneceu ali, sentindo o abraço úmido de Flávio, até que ele a afastou.

— Eu não posso, Ani. Minha vida é aqui. Eu lutei muito para chegar até isso. Coloquei anos de empenho e toda minha dedicação. Não posso largar tudo

assim.

— Você não percebe que aqui não é o seu lugar? A vida já não te mostrou isso? Olha, você mesmo disse que a sua renovação de visto é agora em outubro. Dá tempo de você se organizar e explicar na sua empresa que não vai renovar, eles vão entender. Você não é obrigado a ficar. Não vai largar tudo assim como está dizendo. Volta por mim!

— Ah, Ani! Não é assim. Não é por eles. Por que você não fica aqui comigo?

— Como se fosse assim, querer e ficar. Meu visto acaba agora, não posso ficar nem mais um dia além disso.

— Casamos, você recebe o visto. Pronto – ele falou, decidido.

— Flávio, não quero casar com alguém por um visto.

— E não é. É por amor, mais cedo ou mais tarde aconteceria.

— Esse é o pedido de casamento mais maluco que eu já ouvi falar.

— Nós nos amamos. Precisamos tentar.

— Aqui não é o meu lugar, Flávio. Eu tenho a minha vida lá. Além do mais, eu preciso voltar e terminar a faculdade. Não posso abandonar tudo no último semestre – Anita explicou.

— Eu achei que você fosse formada.

— É. Eu deixei que você pensasse isso. Mas não, eu não sou.

— Nossa! Quem é você, Anita?

Ela olhou para o horizonte. Não respondeu, porque também não sabia mais quem era.

— Ninguém quer ceder. Não vamos chegar a lugar nenhum assim.

— Você acha que é mais fácil para mim porque sou sozinha, sem emprego, sem casa nem nada, mas não é. A sua família quer você lá. Seus filhos precisam, você precisa dela. Sua vida aqui não está sendo como você imaginava. Pelo amor de Deus, admita isso.

— Não, Anita. Não é assim. Eu sou feliz aqui com meus filhos. Não é fácil? Não, não é, mas todo mundo tem os seus problemas e esses são os meus. E sim, eu acho que é muito mais fácil para você do que para mim – Flávio reagiu.

— Eu não vou ficar e me casar para ter autorização de residência. Eu tenho

minha faculdade. Minha família. Além do mais, se eu aceitasse tudo isso, eu não poderia trabalhar com o visto que receberia. Não consigo me imaginar assim, longe da minha família, cuidando da casa, das crianças, sem fazer o que amo. Eu acabaria como...

— Como a Catarina. É isso que você ia dizer?

Anita remexeu as folhas das árvores caídas no chão com o pé. Não conseguia olhar para ele.

— Fala, Anita. É disso que você tem medo? Você, como a minha mãe e a Ruth, também acha que Catarina morreu por minha causa, não é?

— Claro que não, Flávio. Ela estava com problemas. Só que você não viu. Você só vê o que quer, não consegue nem aceitar quando alguém tenta te mostrar o que está acontecendo.

— É. Eu tenho entendido o recado da vida. De novo não consegui ver além do que meu amor me permitiu.

— Flávio, para com isso. Nos amamos tanto. E se nós tentarmos, mesmo que a distância? Você aqui, eu lá. Venho quando terminar a faculdade e passo um tempo aqui com vocês antes de começar a trabalhar.

— E depois, Anita? Vamos sofrer mais ainda. Vai doer em mim, em você, nas nossas famílias e nos meus filhos quando essa brincadeira não tiver mais rumo para onde ir. Eu não aguentaria ficar longe de você. Isso me levaria à loucura. A solidão aqui, a vida com as crianças e uma namorada sozinha no Brasil. Não é isso o que eu quero.

— Você sequer deseja tentar fazer funcionar de alguma maneira? Eu não consigo aceitar que vai acabar assim. Não é justo. Nós temos todos os motivos e oportunidades para continuar a nossa história. Pensa nisso, por favor – a garota pediu.

— Vamos, Anita. Vou te levar para casa.

— Posso ao menos me despedir dos garotos?

Flávio e Anita desceram do carro em frente à casa dele e Madalena veio para recebê-los.

— Mas o que houve com a sua camisa, seu Flávio? Tira, vou lavar para não ficar a mancha.

— Não precisa, Madá. Derramei uma bebida, não foi nada.

— Bom, vou pegar minha bolsa e vou indo então. Bom fim de semana para vocês.

Enquanto Flávio falava com a empregada, Anita já havia entrado. Ele a encontrou sentada na sala com os bebês. Abraçava Theo com força. Ele não reclamava. Quando ela começou a chorar e balançar o garoto, Flávio tirou-a dali.

— Ah, Ani! Não faz isso, pelo amor de Deus.

Ele a abraçou e deixou que chorasse, até Noah trazer um brinquedo para que eles participassem da corrida de carrinhos imaginária. Limpou as lágrimas dela com o polegar.

— Passa a noite aqui? – Flávio pediu.

— Vamos sofrer mais ainda com isso.

— Por favor. Nossa última noite em família.

— Ok. – Ela balançou a cabeça e secou o nariz.

Pediram pizza e viram televisão com os meninos até que adormecessem. Flávio os colocou nos berços e, quando entraram no quarto, ele notou que Anita tocava nas coisas como se nunca mais fosse vê-las outra vez. Antes que chorasse de novo, ele a beijou.

— Ah, Flávio! Senti tanto a sua falta. Tão pouco tempo e ficou um buraco no meu coração.

— Eu também. Não pude dormir, nem comer. Só queria você.

— Promete que vai pensar? Em nós. Em voltar comigo?

— Prometo.

Anita adormeceu logo. Flávio ficou um bom tempo olhando para ela, anotando cada detalhe em sua mente para nunca mais esquecer. Agradecia por, ao menos dessa vez, poder se despedir.

O restante da noite, ele usou para imaginar mil possibilidades para eles. Os dois em Orlando, mas também no Brasil. Como prometera à Anita.

A resposta ao pedido dela foi dada logo que acordaram no sábado de manhã.

— Eu vou renovar o meu visto, Anita. Vou ao Brasil em outubro para entregar os documentos e pedir mais três anos aqui.

— Flávio, você não precisa responder agora. Você pode pensar mais sobre

isso.

— Eu já pensei. Penso nisso a minha vida inteira. Tudo que eu quis foi isso aqui. Já passei por uma situação terrível, perdi a minha esposa e superei. Eu não vou desistir do meu sonho.

— Perdeu a esposa e não vai fazer diferença na sua vida perder a mulher que conheceu há dois meses, né? Não sou nada para você. Só o que importa nessa sua droga de vida é esse sonho idiota de morar na América.

Anita entrou no quarto de Theo e Noah em silêncio. Beijou-os e acariciou suas bochechas rosadas. Uma lágrima caiu no lençol de Noah, marcando um círculo. Ela chamou por um táxi e, quando passou pela cozinha, Flávio segurou seu braço.

— Eu te amo, Ani. Você significa muito para mim. Se você aceitar a minha proposta e se casar comigo, eu vou ser o homem mais feliz desse mundo. Está nas suas mãos.

— Não coloque a responsabilidade sobre as minhas costas, Flávio Schmidt. Eu nunca vou tratar o meu casamento como uma proposta. Não posso imaginar o que a Catarina tenha suportado com você. Esqueça que eu existo.

Flávio observou o táxi levar Anita embora da sua vida.

Capítulo 12

Anita pegou o celular para mandar uma mensagem para Mariana. A amiga estava demorando demais para voltar da montanha-russa. Tirou uma foto fingindo estar irritada e, ao procurar a imagem para enviar à amiga, encontrou uma fotografia sua com Theo e Noah. Os três sentados no gramado da casa de Flávio.

— Ah! Meu Deus, que saudades de vocês. Nossa! Eu não vou aguentar. Tenho que passar lá para dar um beijo nessas suas carinhas fofas antes de ir embora.

Anita fez o que prometera à Mariana. Aproveitou bem os últimos dias em Orlando. Revisitou os lugares que mais gostava, festejou a cada oportunidade e, com pesar, começou a fazer as malas assim que a metade de agosto chegou.

Flávio havia desaparecido desde aquele sábado. Nenhum sinal de que algum dia estivera em sua vida. As provas daqueles momentos juntos eram as fotografias e o colar que ganhara de presente. Anita sentia uma saudade imensa dos gêmeos, e pensou em ir até lá quando Flávio estivesse trabalhando, para se despedir sem que ele soubesse. Queria saber também se ele havia contado à Madalena sobre o término do namoro.

— Mas agora está louca, falando sozinha. — Mariana apareceu por trás dela, trazendo dois sorvetes cobertos de chocolate.

— Ah! Sempre fui. Obrigada. Olha, vamos terminar rápido aqui que eu quero fazer uma coisa e tem que ser antes das quatro — Anita anunciou.

— Posso saber o quê?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vou à casa do Flávio me despedir dos meninos.

— Fala sério, Anita. Vai apelar? Acha que ele vai mudar de ideia? Desencana. Ele nem ao menos te ligou desde que vocês terminaram.

— Não vou lá para vê-lo. Inclusive, vou cedo para que ele nem saiba. Convenço a Madalena a não abrir a boca.

Anita partiu para a casa de Flávio. Ligou antes para confirmar se ele de fato estava trabalhando e se não causaria problemas para Madalena. Com o ok dela, a garota seguiu o plano.

Quando Madalena ouviu o barulho do carro, correu para a porta e foi seguida pelos dois pequenos. Anita segurou as lágrimas.

— Ah, boys. — Ela tomou um em cada braço e recebeu o carinho de Madalena.

— Menina! Sentimos tanto a sua falta nesta casa. Já não somos mais os mesmos. Voltamos muitos passos atrás — Madalena falou, trocando o sorriso pela preocupação.

— Madá, não sei o que dizer. Eu precisava muito dar tchau aos meus príncipes. Obrigada por me ajudar.

— Imagina. Seu Flávio demora a chegar ainda.

Anita brincou, riu e tirou mais fotos de recordação. Partiu chorando. Da janela do carro, guardava aquela imagem que não ia mais tornar a ver. A casa onde fora tão feliz.

Flávio chegou cansado, largou a mochila sobre a mesa e recebeu os filhos com os braços abertos. Theo e Noah correram até ele. Brincavam na porta da sala enquanto Madalena arrumava suas coisas para partir.

— Ani — Noah soltou.

— Ani? Ele falou Ani, não falou, Madalena?

— Hmmm... acho que não, seu Flávio.

— Ani — Noah falou de novo.

— Viu?

— Ai! Sabia que isso ia dar problema.

— O quê? O que ia dar problema, Madalena? — Flávio perguntou.

— A menina Anita esteve aqui hoje.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Mas que diabos ela veio fazer aqui?

— A culpa foi minha, seu Flávio. Não brigue com ela, por favor. Ela vai partir hoje à noite, só queria se despedir deles. Ficou poucos minutos. Eu permiti.

— Ela vai hoje, Madá?

— Sim. E se o senhor correr, ainda pega ela no aeroporto.

— Mas e lá eu quero isso?

— A Madá aqui acha que o senhor quer. Olha, toma lá as suas coisas. Eu fico aqui. Anda. Vai dar tchau. Não a deixe partir assim.

Madalena foi empurrando o patrão em direção à porta e entregou a carteira e a chave do carro em suas mãos. Flávio não tinha certeza do que estava fazendo, mas ela estava certa — não podia deixar Anita partir sem um adeus, depois de tudo o que viveram. De toda a alegria que ela trouxera para sua vida, mesmo que depois a tenha tirado de novo.

Flávio chegou ao aeroporto e correu até a área de embarque, rezando para que ela ainda estivesse por ali. Já estava desistindo de encontrá-la quando reconheceu as orelhas de *donuts* da tiara de Anita. As borboletas se agitaram na sua barriga.

Mariana aguardava de braços cruzados, em pé ao lado da amiga. Anita estava abaixada, tentando colocar uma sacola com chocolates dentro da bolsa, quando ouviu a voz dele:

— Ani!

Ela ergueu a cabeça e não viu nada em sua frente além de Mariana. Quanto notou a cara de surpresa da amiga, ela virou e viu Flávio. Algumas pessoas pararam ao ouvir o grito dele. Constrangida, Anita caminhou até o ex-namorado.

— Anita. – Mariana chamou. – Vamos, Anita. Vamos nos atrasar.

— Temos tempo ainda – Anita respondeu sem olhar para trás.

— Você não vai fazer isso, né, Anita?

— Só vou me despedir, Mariana.

— Depois não adianta chorar no meu ombro. Eu já te avisei.

Anita revirou os olhos e encarou Flávio. Cruzou os braços e perguntou:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— O que você está fazendo aqui?

— Você esteve lá em casa hoje.

— Sim. – Anita relaxou os ombros diante do sentimento de ter feito algo errado. – Sinto muito. Queria apenas dar adeus aos meninos.

— Você podia ter me ligado. Eu também queria me despedir.

— Não quis que você pensasse que tinha outras intenções ao ir lá.

— Tipo o quê? Me seduzir? Você já me tem, Anita.

— Eu tenho? Mas você não me quer.

— Lógico que eu te quero. Eu te pedi em casamento! – ele disse, exasperado.

— Pelo amor de Deus. Aquilo não foi um pedido, se é que você não percebeu.

— Gente! Já passamos dessa fase. Não dá mais tempo para DR. Temos que fazer o check-in, Anita – Mariana falou ao longe. As malas aos seus pés.

— Ai! Já vai, Mariana. Dá um tempo. Olha, Flávio, você não quis nem tentar. Eu preciso voltar. Tenho que terminar minha faculdade.

— E depois? Vamos viver assim para sempre? Você já disse que aqui não é o seu lugar. Que não vai aceitar casar comigo e viver uma vida que não quer aqui.

— E é verdade. Você não aceita que já passou da hora de voltar – a garota disse.

— Essa é minha vida, Anita. A vida pela qual eu lutei tanto.

— Dá licença. – Mariana puxou a amiga pelo punho. – Vocês dois não enxergam que não vão chegar a lugar nenhum? Isso não tem futuro. São dois teimosos. Acabou.

Anita desvencilhou-se da mão de Mariana e pulou nos braços de Flávio. Ela encostou a testa na dele e sussurrou:

— Eu te amo, Flávio Schmidt. Você vai ser para sempre meu bonitão. – Então o beijou.

Ele retribuiu. Com um abraço forte em volta da cintura dela, tirou seus pés do chão e em seguida a soltou. Mariana não deu mais tempo para os dois e empurrou a amiga em direção às malas. Ela permaneceu olhando para ele. Anita esperava ser impedida. Flávio esperava que ela aceitasse ficar.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Parte II

Capítulo 13

Desde o retorno ao Brasil, Anita tinha poucas horas livres. No começo, precisou recuperar os dez dias de aula que havia perdido na faculdade quando ainda estava em Orlando. As matérias novas, a primeira reunião com o orientador do seu trabalho de conclusão, nada dava espaço para que pensasse na sua situação amorosa. Ela agradecia por estar com a cabeça tão cheia.

Quando ela começou a se habituar à rotina, uma professora indicou-a para um estágio em uma conceituada agência no bairro Moinhos de Vento. Anita planejava trabalhar apenas no semestre seguinte, mas queria ocupar todo o seu tempo e sua cabeça. Cada minuto sem tarefas trazia Flávio de volta aos seus pensamentos e tudo que ela mais queria era fugir disso.

Estava indo bem até que, um mês depois de chegar a Porto Alegre, a mãe de Flávio apareceu. Anita saía da faculdade, a mochila nas costas e o cartão do ônibus na mão, quando viu aquele rosto aflito no portão principal. Lúcia agarrava a bolsa junto ao corpo e a seriedade foi substituída pelo sorriso aberto quando viu Anita.

— Dona Lúcia! Que surpresa!

— Eu precisava saber de você, Ani. Independente do meu filho, queria saber se você está bem, como estão as coisas. Você tem tempo para conversar? Desculpa chegar assim, eu não tinha seu telefone do Brasil e nem seu endereço. Flávio nunca me daria e a única coisa que eu lembrei é que você disse que estudava aqui. Vim em outros horários e esperei na saída, mas não te vi. Estava quase desistindo.

— A senhora não existe, sabia? Podemos almoçar, o que acha? Meu estágio

começa daqui a uma hora e meia, então temos um tempinho.

Anita, na realidade, não queria saber. Não queria notícias da vida de Flávio e nem trazer de volta tudo aquilo. Não estava sendo fácil esquecer sem estímulos externos e seria menos ainda com a mãe dele rondando sua vida, mas não seria deselegante com uma pessoa que torceu tanto pelos dois.

Pararam em um pequeno restaurante e fizeram o pedido. Diante do seu suco de laranja, Anita ouviu a ex-sogra falar.

— Não quero perder o contato com você, Ani. Se isso não for um problema.

— Dona Lúcia, vou ser sincera. Tenho medo de que isso me machuque outra vez, mas gosto da sua companhia.

— Entendo. Acho que podemos passear no parque ou sair para caminhar de vez em quando. Falar amenidades. Nada de Flávio.

Anita sorriu. No fundo sabia que as palavras não eram necessárias para que recordasse tudo o que viveram.

— Claro. Eu também tenho vontade de saber dos bebês. Sinto falta deles, demais. Fico contente em poder ter notícias agora.

— Eles estão bem, pelo que sei de Madalena. Só que voltaram a chorar à noite. O pai não me conta nada. Sempre está tudo perfeito, mas... enfim.

Lúcia tirou o celular da bolsa e colocou os óculos de leitura. Mostrou algumas fotos de Theo e Noah. Anita não soube se de propósito ou se sem querer, mas a última foto mostrava Flávio na piscina no jardim, com os meninos sentados cada um em uma de suas pernas.

Anita queria saber se fora Madalena quem batera a fotografia ou uma nova garota. Sentiu um aperto na garganta e uma vontade de chorar que não passou quando a garçonete pediu licença para pousar os pratos na pequena mesa.

— Mas e você, Ani? Como está?

— Eu estou bem. Cheia de coisas para fazer e isso tem sido muito bom. Comecei meu trabalho de conclusão, estou organizando minha festa de formatura, fazendo estágio. Tudo dentro dos conformes.

— Ah, que bom! Fico aliviada em te ver bem. Você merece ser feliz.

— Olha, nos domingos e feriados eu costumo caminhar no Gasômetro no fim do dia. O que você acha de me acompanhar neste final de semana? – Anita mal terminou de falar e não entendeu por que havia feito o convite.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu adoraria.

Trocaram números de telefone com a promessa da caminhada pela orla do Guaíba no domingo seguinte.

Anita teve receio no começo, mas a companhia mostrou-se agradável e quase não pôde associá-la a Flávio. Lúcia dava notícias dos netos apenas quando solicitadas e nunca falava sobre o filho.

Anita gostava da presença dela. No entanto, não deixaria que essa amizade fosse longe demais. Cedo ou tarde, acabaria sabendo de algo sobre a vida de Flávio que a deixaria desconfortável. No segundo domingo, daria alguma desculpa e iria sozinha. Quem sabe Lúcia percebesse que aquilo não devia se prolongar.

Em Orlando, as coisas iam como antes. Os sorrisos diminuíram e as noites de choro retornaram. Flávio voltou a ficar em casa à noite, não via motivos para sair e achava cansativo ir sozinho com os filhos. Tentou uma vez, mas não soube nem no que pensar que não fosse a ausência de Anita. Olhava para os rostinhos dos meninos e fingia o sorriso.

Madalena tentava de tudo para agradar. Oferecia horas extras, fazia as comidas prediletas. Deixava a casa brilhando e arrumada, mas no dia seguinte era recebida pela feição de fracasso de Flávio. No quarto dele, a foto de Anita permanecia no mesmo lugar, ao lado da cama.

— Sinto a ausência dela como se um fantasma andasse pela casa. — Flávio percebeu a senhora olhando para a fotografia. — Não passei por isso nem na morte da Catarina. É triste comparar, mas ela já era um fantasma ainda quando viva. Diferente da Anita, que só irradiou alegria enquanto esteve aqui.

— Não fique assim triste, seu Flávio. Logo o senhor vai para o Brasil visitar a sua família e isso vai aliviar o seu coração.

Flávio tentava ganhar um ânimo com a viagem, mas era difícil e tinha medo do resultado disso. Desde que chegara a Orlando, não havia voltado ao Brasil.

— Eu sei, mas isso também me assusta, Madá. Tanto tempo que não vou lá. Eu e a Catarina fizemos planos de visitar nossas famílias, mas quando completamos um ano aqui ela estava estourando, prestes a dar à luz. Uma viagem seria inviável.

Madalena sabia que, no ano seguinte, a ida não acontecera porque Flávio não

vira como sair do país sozinho com dois bebês pequenos. Além disso, usara suas férias para ficar em casa com os filhos quando ficara viúvo.

— Agora só tenho que ir entregar os documentos para a renovação do visto de trabalho.

— Vai ser um grande desafio, mas já está mais do que na hora de visitar a sua família. Seu pai nem conhece os netos ainda.

Madalena tinha certeza de que Flávio não conseguiria controlar os bebês durante o voo, mas ela não poderia acompanhá-los.

Flávio usou os últimos dias de setembro para preparar a ida. Com Madalena e os meninos, visitou algumas lojas para comprar presentes para a família e os amigos. A mulher o ajudou com a lista de coisas a levar. Aos poucos foi organizando as malas, passando as roupas, anotando o que faltava.

Madalena esperava que a viagem trouxesse de volta um Flávio mais tranquilo, como nos dias de Anita. De verdade mesmo, queria que ele nem voltasse. Amava muito aquela família, mas via que aquele não era o lugar deles. Queria que fossem felizes e, além do mais, já estava na hora de ela se aposentar. Não poderia aguentar muito tempo os ajudando e o marido já reformado ansiava por sua presença em casa.

No dia da partida, Madalena fechou as malas e deixou tudo pronto para a viagem à noite. Foi com eles até onde pôde no aeroporto e chorou na despedida. Nem nas suas férias havia ficado longe dos seus gêmeos por quinze dias.

— Anjos da Madá, comportem-se. E cuide-se, seu Flávio. Aproveite sua mãe lá e descanse.

— Obrigado, Madalena. Tudo vai dar certo. Logo estaremos em casa e devolvo seus bebês.

Eles deram um último abraço antes da partida. Flávio carregava uma mochila e uma bolsa de bebê atravessada no corpo. Noah e Theo caminhavam em seu tempo, um de cada lado do pai, os passinhos pequenos e instáveis.

Flávio chegou em São Paulo na manhã seguinte. Com o balanço do avião, Theo e Noah dormiram um pouco e ele quase não podia sentir os braços por segurá-los. Tomou café com os meninos em uma pequena cafeteria e partiu para pegar o segundo voo, aquele que o levaria até Porto Alegre. De volta ao local do qual havia tanto se esforçado para sair, onde em algum lugar estaria

Anita.

Como em um jogo de videogame, Flávio tentava vencer a etapa de pegar as malas, segurar o carrinho de bagagens, as bolsas de mão e manter os filhos sob seus olhos. Quando uma mala surgia na esteira, Noah corria para longe. Ele via o chão preto de borracha arrastar suas coisas embora. Depois de quase vinte minutos, ele conseguiu juntar todas as suas tralhas e filhos.

Encontrou a família no saguão, isolados pela faixa elástica de segurança. O pai, já idoso, colocou as mãos trêmulas no rosto e chorou. Flávio nascera quando ele já tinha cinquenta, a mãe era quase trinta anos mais nova. A diferença de vitalidade entre os dois era imensa.

Flávio abriu o sorriso ao ver o pai. Empurrava o carrinho de bagagens e tentava manter Theo e Noah sobre as malas. Ambos balançavam as perninhas, envolvidos com uma barra de chocolate que haviam acabado de receber do pai.

— Ah, meu filho! Ah, meu filho! – José não parava de repetir quando abraçou Flávio, depois de três anos distante.

— Oh, paizinho, quanto tempo, hein?

— Nem me fala. Deixa eu conhecer os meus netos.

— Esse aqui é Noah e esse aqui é o Theo – Flávio falou, pegando os meninos no colo. – Ai, meus braços!

— Dá aqui para sua avó essas crianças lindas. – Lúcia pegou um dos meninos e entregou o outro ao marido, que olhava intrigado para o rosto do bebê.

— Mas e como você sabe quem é quem? – José perguntou.

— As pessoas dizem que são iguais, mas para mim cada um tem seus detalhes. Notamos com a convivência.

— É verdade. Eu quando cheguei lá tinha medo de trocar um pelo outro, mas o Flávio chegava e sempre sabia quem era quem. Na segunda semana eu aprendi – Lúcia explicou.

— Eles são lindos. Muito mais do que nas fotos. Parecem com Catarina.

— Sim, pai. Parecem mesmo com a mãe.

O casal vivia em um condomínio no bairro Rio Branco, em um apartamento grande demais para eles. O quarto do filho era mantido da maneira que ele havia deixado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Flávio notou que, além das cadeirinhas que a mãe havia comprado para o carro, ela preparara o apartamento para a visita dos netos. Telas de proteção foram instaladas em todas as janelas e brinquedos aguardavam em uma caixa colorida na sala. O quarto de visitas fora rearranjado com dois berços e até mesmo decorado para tão poucos dias.

Flávio abraçou Carla quando ela voltou do mercado. Ela trabalhava na casa já havia quinze anos e morava com os pais dele. Ajudava a aliviar o peso de não estar perto para tomar conta dos dois.

— Há muito sonhei com esse momento. Vocês aqui conosco – José disse.

Flávio não respondeu, engoliu a comida e deu um sorriso falso. O pai fora a sua grande influência, o primeiro a dizer que ele tinha que deixar aquele país sem futuro, partir para um lugar honesto e justo com seu povo. Reclamava dia após dia da vida e não aceitava que o filho desperdiçasse a sua ali. Agora, sentia na pele as palavras ditas sem pensar. Plantara a semente daquela árvore e agora desejava podá-la.

— Bom, vamos aproveitar cada segundo dos nossos meninos aqui em casa, Zeca. Quero sair para passear com os bebês. E você, meu filho, saia, reveja seus amigos, seus primos. Não fique trancado em casa, por favor.

— Eu vou sair sim, mãe. Não se preocupe.

— Marcamos um almoço com os seus tios e primos – José disse.

— Quero encontrar Ruth e o marido e levar Noah e Theo para conhecer algumas amigas da Catarina. Só preciso de um turno para entregar os documentos no centro de solicitações de vistos. Tenho muito tempo.

Queria dizer que tinha tempo demais para pensar, para lembrar que tudo dera errado outra vez, mas fingiu estar bem para não os preocupar.

Sem saber da proximidade de Flávio, Anita dava o seu melhor no trabalho. Adorava a agência e tinha grande expectativa quanto a ser contratada logo após a formatura. Queria mostrar que era capaz de continuar ali como funcionária.

Agracia pelo que considerava uma vantagem: ter a mãe e o pai para ajudá-la. Muitos colegas tinham a família em outra cidade e precisavam administrar tudo sozinhos. Ela era tratada como uma princesa em casa, ainda mais depois que o irmão havia ido embora.

Moravam em um apartamento de três quartos que ficava na metade do

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

caminho entre a faculdade e o estágio de Anita. Marta e Luiz viviam ali desde o casamento. Usavam o antigo quarto de Leonardo como escritório, mas o resto permanecia igual.

Sempre que chegava cansada, Anita era esperada com uma refeição pronta ou um chá quentinho. O pai perguntava como havia sido o seu dia e contava sobre o dele no escritório de contabilidade em que trabalhava. A mãe de Anita era professora em meio período e havia tentado de tudo para que a filha seguisse seus passos. Mesmo a filha tendo optado pela publicidade, sentia enorme orgulho e admiração por todas as conquistas de Anita.

Os pais sonhavam ao seu lado o momento da formatura. Passaram a planejar a festa todas as noites, organizando a lista de convidados, os detalhes e o salão para a recepção. Marta olhava para a foto de Leonardo de toga e já imaginava a fotografia de Anita ao lado.

Queria que ela conseguisse conquistar tudo da mesma maneira que o irmão. Primeiro a faculdade, um bom trabalho, um marido e filhos lindos. Ela surpreendera a mãe e fora além, fazendo intercâmbio por duas vezes nos Estados Unidos. Não conseguia conter o orgulho no peito. Marta tinha a família perfeita.

Depois do jantar, das conversas postas em dia e dos planos feitos, Luiz e Marta viam Anita ir para o quarto. Vai tomar banho, organizar suas coisinhas e descansar, comentavam entre si. Assim que fechava a porta do quarto e virava a chave, Anita desabava. Tinha enfim a possibilidade de tirar a máscara de alegria.

As paredes brancas repletas de fotos com os amigos, do intercâmbio e da família, lembravam que ela ainda era uma menina. Luzinhas de natal pendiam presas entre as fotografias. Em sua mesa, pilhas de livros e papéis escondiam o computador. A mãe tinha medo de perder alguma coisa, então não tocava em nada que estivesse ali. A cama, no entanto, estava sempre arrumada, e as roupas lavadas e passadas esperavam para serem guardadas por Anita.

Tinha seu próprio banheiro, o que lhe garantia certa privacidade. Chorava quase todos os dias. Algumas vezes no banho, enquanto a água corria com suas lágrimas. Nas outras, adormecia de tanto chorar, como um bebê. Não ouvia mais música. Os fones no ouvido traziam embalos que a carregavam para o fundo dos sentimentos e da saudade.

Imprimiu as fotos que tinha de recordação de Flávio, Theo e Noah e as colocou em um envelope que escondeu embaixo da gaveta dos pijamas. Assim, apagou as que estavam no celular. Acabaria por não recordar a cada vez que o pegasse.

Quando Mariana tentou conversar sobre a relação terminada, Anita não desenvolveu o assunto e cortou a amiga com frieza. O recado de que ela não tinha interesse em falar sobre aquilo ficou bem entendido. Tinha certeza de que acabaria esquecendo se não alimentasse a dor.

Sentia-se culpada em pensar que Lúcia precisaria ser removida da sua vida também. Aos poucos, recusaria os convites e esperava que ela entendesse. Gostava muito dela, só que, por mais que não trocassem uma palavra sobre o que acontecera ou o que continuava acontecendo em Orlando, aquele relacionamento sempre traria esperanças de uma realidade que não era possível para as duas.

Anita havia dado uma desculpa para não caminhar com ela no segundo domingo após terem almoçado juntas. O que ela não esperava era encontrar a mãe de Flávio lá no meio de sua corrida. Ficou um tanto constrangida e justificou, dizendo que o compromisso que tinha havia sido cancelado em cima da hora e, como estava por perto, resolvera correr um pouco. Lúcia não fez nenhum comentário.

Com medo de que a mulher continuasse insistindo, Anita ligou para Lucas. Convidou o ex-namorado para acompanhá-la no dia seguinte à tarde, no feriado.

Anita e Lucas perceberam que o que tinham sempre fora amizade, mas que confundiram as coisas com suas cabeças de adolescentes. Contando dois anos do fim do relacionamento, eles gostavam da companhia um do outro, mas nunca tiveram a mínima vontade de reatar. Os pais de Anita achavam um tempo perdido, mas ainda tinham esperança de recuperar o genro a cada vez que o viam com a filha.

— Ei, bebê! – Lucas atendeu ao telefonema, chamando Anita pelo apelido de quando ainda eram um casal.

— Escuta, você tem compromisso amanhã?

— Não. Por quê? Está com saudades?

— Claro que não. Preciso de um favor – ela anunciou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ih, confusão. Só pode, né, Anita?

— Mas e desde quando eu te meto em confusão, Lucas? – ela perguntou.

— Desde a primeira vez em que você me usou para fingir que eu era seu namorado para se livrar de alguém em uma festa? Ou vai dizer que não é isso que você quer?

— Ok. É sim. Mas o que é que eu vou fazer se você não arruma uma namorada nunca?

— É. Aproveita bem, porque quando eu arrumar, não vai mais dar para ficar brincando de casinha com você. Fala logo o que você precisa.

— Que você corra comigo no gasômetro amanhã no fim do dia.

— Não! – Lucas protestou. – Isso vai ficar mais caro. Já está envolvendo exercícios.

— Lucas, é só um pouco. Para que uma pessoa nos veja juntos.

— Quem é o cara?

— Não é ele. É ela.

— É por isso que fui seu primeiro e único namorado?

— Nada disso, Lucas. É a mãe dele. Quer manter a amizade.

— Hmmm... parece justo. Você costuma fazer isso mesmo.

— Não dá para conversar a sério com você, Lucas?

— Deixa eu ver se entendi. O amor acabou, mas a mãe do cara quer relacionamento e você acha que, se me visse, ela largaria fora?

— É. Tipo isso – Anita falou.

— E por que lá? E correndo? Não podemos ficar parados.

— Lucas!

— Ok. Só queria saber.

— É que ela reapareceu esses dias. Falei que costumo caminhar lá e a convidei para ir junto. Só que não dá certo. Então, tentei despistá-la na segunda vez, mas ela foi lá e me pegou no meio da corrida.

— Isso que é sogra. – Lucas riu.

— Pois é. Enfim... acho que ela me vendo com você acaba por desistir.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 14

Anita colocou a roupa de ginástica, prendeu os cabelos bem no alto na cabeça e conferiu no espelho se havia conseguido sossegar os fios rebeldes. Tinha terminado de calçar o tênis quando Lucas enviou a mensagem avisando que estava na frente do prédio.

Ela não respondeu. Passou correndo pela cozinha, pegou o molho de chaves que estava em cima da mesa e avisou aos pais aonde ia:

— Vou correr. Logo mais estou em casa. Beijo.

Anita não ficou para ouvir a resposta. Já estava no corredor e não viu a mãe levantar e espiar pela janela. Marta reconheceu o carro e o motorista.

— Ela vai correr com o Lucas. Olha, Luiz.

Luiz levantou com certo esforço e viu o carro estacionado. Em seguida, Anita apareceu e entrou nele. Cumprimentaram-se e Lucas deu a partida.

— Será que voltaram, Marta?

— Seria bom, não é? Perfeito, para falar a verdade. Agora que ela está concluindo a faculdade, tudo ficaria mais fácil. Como já se conhecem, não perderiam muito tempo e logo poderiam casar.

— A menina mal entrou no carro do rapaz e você já os está casando, Marta.

— Mas é que me preocupo com ela. Tenho pena de tanto tempo de namoro que não deu em nada – Marta lamentou.

— Também não gosto disso. As meninas passam anos com um e com outro namorado e, quando se dão conta, não fizeram nada da vida.

No carro, Anita trocou de estação no rádio. Colocou os pés para cima e inclinou o seu assento.

— Bem à vontade você, né? – Lucas observou o sorriso de Anita. — Essa foi a parte boa de ficar seu amigo. A única coisa que eu poderia sentir falta em você eu ainda tenho: esse seu jeito de me fazer rir.

— Obrigada! Sou maravilhosa, não sou?

— Sem dúvida. Deve ser por isso que a mãe do cara está desesperada.

— Nem me fala. Que confusão em que me meti.

— Conheço?

— Não. Ele não mora no Brasil, para falar a verdade.

— Anita, você vai me fazer correr para fugir de alguém que nem mora aqui?

— Lucas reclamou.

— Já disse que não é dele que quero fugir. É da mãe. Ela acha que, se ficarmos juntos, ele vai acabar voltando para cá.

— E não vai?

— Não. Ele quer que eu vá morar lá com ele. Tirar o visto e brincar de casinha. É doente por aquele lugar, nunca vai sair de lá.

— Você o conheceu no intercâmbio?

— Sim. Ele é daqui, mas mora lá em Orlando há três anos.

— Ok! Deixa eu ver se entendi. O cara gosta de você, você gosta dele. Ele quer que você vá morar nos Estados Unidos com ele. Vai te dar a possibilidade de ficar lá legalmente e sem trabalhar. A mãe dele te ama. Não consegui achar qual é o problema dessa história!

— Eu não vou morar lá, Lucas. Aqui é minha casa, minha família. E é muito mais complicado do que isso que eu falei. Não contei a parte ruim.

— Ah! Sabia que tinha parte ruim. O cara é drogado, falido, feio, alcoólatra?

Anita revirou os olhos e respondeu impaciente:

— Ele é viúvo, Lucas. A mulher dele se matou. Não aguentou ficar lá, sozinha em casa, longe da família, sem poder trabalhar. E ele tem gêmeos de menos de dois anos de idade. Na verdade, os médicos disseram que ela teve depressão pós-parto, porque o suicídio dela foi umas duas semanas depois deles nascerem. Mas o Flávio se culpa por não ter escutado a mulher, não ter

visto que ela estava mal desde logo que chegaram.

— Uau! É complicada mesmo essa história.

— Viu? E foi aí que me meti.

— Que confusão, Anita.

— Por isso preciso da sua ajuda. Estou mal, Lucas. Você me conhece, não sou de ficar assim, mas cada vez que me lembro do Flávio a coisa desanda. E ver a mãe dele traz um monte de memórias que me abalam.

— Imagino.

— Eu amo ele. Amo aqueles pintinhos que tem na bagagem. Eu abraço tudo isso. Cuido e protejo os três com toda a minha vida, mas não lá. Só que ele não quer voltar. A família toda quer eles aqui, as avós estão desesperadas. E outra coisa, né? Ele passa a maior dificuldade. Tem uma senhora que ajuda, mas não é fácil ficar sozinho com dois bebês.

— Nossa! E ele não vem por causa do trabalho – Lucas concluiu.

— Ele diz que, depois de toda a tragédia que já passou, não vai abandonar o sonho dele. Desde sempre planejou isso e foi tudo que quis. Estudou, se especializou, se aplicou para o visto e conseguiu. Jura que é realizado e acha que lá é um lugar muito melhor para os filhos.

— E ele tem razão. Com sinceridade? Não vai ficar braba?

— Vou, Lucas. Você sabe que eu vou.

— Bom, não interessa. Vou falar mesmo assim. Você é uma trouxa – Lucas disse.

— Lucas!

— É mesmo. O cara te ama, vai te dar a possibilidade de morar na América, e tem gente que morreria por tal coisa. Vai te sustentar e te cuidar. Além do mais, é provável que ele um dia vá ter o cartão de residência e você vai poder retomar a vida. Dá o fora, Anita.

— Eu não vou, Lucas. Eu não morreria por morar lá. Adoro Orlando, mas aqui é o meu lugar. Você sabe que eu ter ido parar lá foi ideia da Mariana, não fosse isso nunca faria por conta. E você já me imaginou em casa cuidando dos filhos? Longe da minha mãe? Longe do que eu estudei tanto e sonho em fazer? Eu vou ficar louca igual a...

— Igual à mulher dele? É disso que você tem medo? – Lucas perguntou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Tenho mesmo. Sei lá, né? Ele não voltou por ela. Acabou que, né... você sabe.

— Você também acha que ela morreu por culpa dele?

— Não, claro que não. Só acho que, se ele não voltou por ela, não voltaria por mim.

Anita e Lucas desceram do carro e atravessaram a avenida fechada para o trânsito nos feriados. As pessoas aproveitavam para caminhar, andar de bicicleta, patinar.

Dezenas de pessoas circulavam pelo lugar e crianças brincavam com seus pais na avenida lateral. Depois de entrarem no ritmo da corrida, Lucas viu que tinha fôlego para falar:

— Então, me conta como é esse cara que ganhou seu coração.

— Ah, ele é lindo, Lu! Lindo. Moreno, alto, forte, mas não muito. O suficiente para ficar bonito. Anda sempre bem vestido e perfumado. É carinhoso e paciente. Trabalhador.

— Você ainda está apaixonada por ele! – Lucas apontou.

— Sem dúvida. Mas eu vou superar. Vou acabar esquecendo. Tenho certeza.

— Você sabe que as mulheres andam reclamando que está difícil de achar alguém com todas essas qualidades, não sabe?

— Nossa! Sei sim. Eu nem acreditei quando ficamos juntos. Ele seria perfeito, não fosse o detalhe de não morar aqui.

— Se morasse aqui já tinha mulher, com certeza – ele concluiu.

— É, tem razão. Teria a Catarina, inclusive. A mulher dele que morreu. Me dá uma coisa de pensar nele. Tenho uma saudade daquele beijo, daquelas mãos. Da voz, do carinho, do abraço e... — Anita estancou de repente. Lucas ultrapassou-a e parou ao ver que ela já não estava mais correndo.

— Que foi? Esqueceu alguma coisa?

— É ele, Lu! É ele. Ali. Olha. Meu Deus!

Anita não acreditava no que seus olhos viam. Era como se suas palavras tivessem materializado o homem de sua vida bem ali na sua frente. Lucas virou a cabeça na direção em que Anita olhava. Ao lado da pista de corrida, sentados sobre uma esteira estendida no gramado, ele viu duas crianças iguais, um homem e uma senhora.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Está falando sério? – Lucas perguntou.

— Ela o trouxe até aqui porque sabia que eu viria! Não acredito nisso.

— E o que ele estaria fazendo aqui, no mesmo parque que você?

— É o que eu vou lá descobrir.

— Está louca? Vai ir lá falar com ele?

— Lógico! Você acha que eu consigo passar pelos meus meninos e nem ao mínimo sentir o cheirinho deles?

— Já estou vendo que isso vai dar confusão.

— Eu só quero ir dar um oi, só isso.

— Sei. Sei.

Sentado na ponta do tecido, Flávio entregou uma bola para Noah. Notou um casal se aproximando e teve que tirar os óculos escuros para ter certeza de que se tratava de Anita. Sem que ele tivesse tempo de reagir, ela pegou a bola das mãos de Noah e sorriu para ele.

— Olá! – Anita falou para o menino.

— Ani! – Noah disse.

— Ah! Você se lembra da sua Ani! – Anita pegou o bebê no colo e em seguida beijou Theo. – Oi, Flávio. Oi, Lúcia.

— Oi, Anita – Lúcia disse, constrangida. – O Flávio está passando uns dias aqui. Trouxe eles para aproveitarem o entardecer.

— Sei. Lembro que você comentou que talvez viria para o Brasil. – Flávio levantou-se num impulso. – Desculpe, mas não pude evitar de vir até aqui. Meu coração pulou de saudades.

Ela olhou nos olhos de Flávio, indicando que ele fazia parte daquilo que ela sentia falta.

— Tudo bem com você?

— Sim, tudo. E os meninos, como estão?

— Tudo bem. – Flávio olhou com desconfiança para o homem atrás de Anita.

— Ah! Esse é o Lucas.

Os dois trocaram um aperto de mão. Então Anita perguntou:

— Você falou para ele, Lúcia? – O tom de voz mudado. Ela estava irritada,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pensando na armação da ex-sogra. – Que eu estaria...

— Vamos embora, bebê? – Lucas interrompeu a fala de Anita pousando a mão em seu ombro.

— Claro – ela respondeu. Havia entendido o recado. Era hora de parar antes de causar confusão.

Ela pousou Noah no chão e pegou Theo. Deu um beijo estalado em cada um. O colar dourado balançou em seu pescoço quando se abaixou e Flávio viu o pingente que representava ele e os filhos.

— Adeus, meninos. A Ani ama vocês. Adeus.

Flávio e Lúcia não responderam. As coisas não tinham ocorrido como o esperado por ela. Imaginou que Anita os encontraria ali, na metade do trajeto da pista de corrida, e faria companhia a eles. Os dois teriam a oportunidade de ver o quanto sentiam falta um do outro e nem se lembrariam de culpá-la pelo encontro forjado. Só que ela não esperava que a garota aparecesse com outro homem. Imaginou que o namorado de Anita tivesse reconhecido as pessoas que ela havia cumprimentado e a levado para longe dali.

Lúcia teve que superar o conflito interno para fazer com que aquela situação acontecesse. Não podia mais suportar a distância do filho e dos netos. Sentiu-se traidora da confiança de Anita, mas no fundo pensava estar fazendo o melhor para todos, em especial para Flávio. Não podia ver aqueles dois teimosos que se amavam tanto terminando daquela maneira.

Percebeu que talvez tivesse passado dos limites. Vendo o acompanhante de Anita, percebeu que, provavelmente por cortesia, ela não havia comentado nada sobre o novo namorado. Sentiu-se constrangida por tê-la colocado naquela situação pensando em seus próprios interesses. E agora a esperança dela tinha acabado de receber um caminhão de areia. Flávio ficaria mais deprimido ainda por ter visto que a mulher que amava estava seguindo a vida com outro.

Depois de terem corrido o suficiente para não serem mais vistos, Anita parou e colocou as mãos nos joelhos.

— Está tudo bem? – Lucas perguntou.

— Lógico que não, Lucas. Vamos embora.

Voltaram por um caminho longe da pista, onde não seriam vistos por Flávio e a mãe. Não trocaram uma palavra. Quando Anita entrou no carro e prendeu o

cinto, Lucas falou:

— Ele é bonitão mesmo, hein?

Anita sorriu. O riso transformou-se em choro. Foi abraçada por Lucas, que a consolou.

— Minha teimosa. O que eu faço com você?

— Quero ir para casa, Lucas. Tomar um banho e esquecer tudo isso.

— Tomar um banho e chorar você quer dizer, né?

— Ela me enganou. Armou tudo, Lucas. Montou essa cena para que nos encontrássemos. Ele disse que talvez viria para entregar uns documentos. Como não era obrigatório, podia ser por representante, pensei que de fato não faria isso. Só que eu nunca ia imaginar que ele estaria aqui, senão...

— Senão não teria vindo comigo.

— É. Agora ele vai pensar que eu estou namorando, que já superei e que ele não significou nada para mim. Por que ela não me disse?

— Por que você não explicou? – Lucas perguntou.

— Eu fiquei com tanta raiva, tanta saudade. Fiquei perdida. Não soube como reagir.

— Eu notei, por isso te chamei para ir embora antes que você brigasse com a mãe dele.

— Ah, mas eu ia mesmo! – Anita confirmou.

— Calma. Você precisa entender a situação dela também. Vou te deixar em casa e você promete que vai parar de pensar nisso. Vai estudar, ver um filme, qualquer coisa. Se não conseguir, me liga que eu vou lá para te entreter.

— Ok. Obrigada, Lucas. Desculpa te meter nessa confusão.

Anita desceu do carro. Os pais não estavam no apartamento. Agradeceu, pois poderia recomeçar a chorar antes de ligar o chuveiro. Já não aguentava mais o nó na garganta.

Arrumando as coisas para deixar a orla, Flávio ainda não conseguia entender aquela situação.

— O que foi aquilo? Eu sonhei? — perguntou à mãe.

— Não, meu filho – Lúcia respondeu, colocando as coisas dos meninos dentro de uma bolsa azul de bebê. – Foi apenas uma terrível coincidência.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Bota terrível nisso.

— Esquece. Pensa nos seus filhos e deixa essa garota para trás, Flávio.

— Estou tentando, mãe. Estou tentando, mas ver ela ali, na minha frente, com outra pessoa... Nossa! Isso me matou. Nunca imaginei que em menos de dois meses ela já estaria com outro.

— Ela está fazendo o que você devia fazer. Seguir a vida.

Chegaram ao apartamento e Flávio trancou-se no quarto. Lúcia bateu na porta mais tarde, perguntando sobre o jantar que ele havia marcado com os amigos.

— Cancelado — ele avisou sem ao menos abrir.

No dia seguinte, não saiu da cama pela manhã. A mãe ouviu seus passos durante a noite e o barulho de garrafas e copos. Quando levantou, Lúcia percebeu que Flávio havia bebido do pequeno bar do pai. Ela vestiu e alimentou os meninos e então chamou o filho para o almoço na casa da irmã. Flávio anunciou que não iria.

— Meu Deus, Zeca! Acho que fiz uma grande bobagem – Lúcia falou ao marido.

— Então conserte – José respondeu sem levantar os olhos do seu jornal.

— Não sei como.

— Tem relação com o Flávio?

— Sim.

— E a tal da garota?

— É – a mulher afirmou.

— Realmente não tem conserto. – Zeca não tinha mais esperanças. As ideias que ele havia incutido na mente do filho estavam intrincadas demais e não poderiam fazer mais nada àquela altura. Sentia pena da mulher e das esperanças que ela depositara na jovem.

— Eu vou tentar só mais uma vez. Pelo meu filho e os meus netos. Por nós, Zeca. Se não der em nada, lavo minhas mãos e prometo que nunca mais me envolvo nesse assunto.

José levantou a cabeça, olhou para a esposa por cima dos óculos e sorriu. Sabia que ela não era de desistir fácil.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 15

— Oi, Anita. Eu queria te pedir desculpas por ontem. Agi sem pensar, levando eles até você. Na verdade, acho que pensei demais e acabei fazendo bobagem. Enfim... — Anita ouviu Lúcia suspirando na gravação da caixa postal. — Meu filho está muito mal. Vou com o Zeca hoje à tarde levar os meninos na minha irmã para que ela possa conhecê-los. O Flávio não quer mais ir ver os primos. Também cancelou o churrasco com os amigos. Daqui a menos de três dias já terão ido embora e tenho medo do que vai ser quando chegarem lá. Nunca o vi desse jeito. Você sabe como ele é, não deixa transparecer nem um incômodo. Bom... — Lúcia fez uma nova pausa antes de revelar o real motivo do contato. — Vou deixar uma chave extra na portaria caso você queira se despedir dele. Pense com carinho, Anita. Não deixe que as coisas terminem dessa maneira. Juro que é minha última tentativa.

A notificação acordara Anita. Ela aproveitava o feriado prolongado para dormir até mais tarde. Não podia acreditar no pedido. A mãe de Flávio parecia mesmo desesperada. Tinha dúvidas se de fato Flávio havia ficado desapontado em vê-la ao lado de Lucas, tanto a ponto de não querer nem ao menos aproveitar os últimos momentos com a família antes de retornar para Orlando.

Mas Lúcia tinha razão. A história deles não merecia ter esse fim. Não queria que Flávio pensasse que ela já estava com outra pessoa, que ele fora insignificante a ponto de em menos de dois meses ela já estar namorando. Isso não era verdade. A tentativa de afastar a mãe dele teve consequências desastrosas e ela precisava consertar isso. Tinha que explicar a ele que tudo

não passava de uma farsa.

Anita tomou um banho e se vestiu. Almoçou com os pais e avisou que ia sair durante a tarde. Tinha que estudar. Fazer um capítulo importante do trabalho de conclusão e ainda precisava pensar numa ideia para um cliente da agência, mas tudo isso ficaria para depois.

O porteiro do prédio soube que aquela era a moça que dona Lúcia do 503 havia descrito. Ela nunca estivera ali antes, cabelos castanhos, baixa, bonita. Quando ela tirou os óculos escuros, ele se antecipou:

— Anita Monteiro?

— Sim — Anita respondeu surpresa.

— Dona Lúcia avisou que viria — ele falou, entregando a chave na mão dela.

Anita apertou o botão do elevador e entrou quando a porta abriu. Ainda pensava se era mesmo a coisa certa a fazer, mas, àquela altura, já não podia voltar atrás. Colocou a chave na porta e girou sem fazer barulho. Sem pressa, foi abrindo uma fresta que lhe permitiu ver que a sala estava escura, apesar de ser dia claro na rua. Todas as janelas estavam fechadas, apenas da sacada vinha um pouco de luz. A televisão transmitia um clipe cinza de melodia triste em volume baixo.

Ela não sabia ao menos onde era o quarto de Flávio e se ele estaria em casa. Talvez estivesse sozinha ali. A sala era maior que a sua e os móveis novos, tudo naquele ambiente parecia ter custado caro. Soltou a bolsa colorida sobre a mesa de jantar e colocou as mãos no peito quando a poltrona que estava de frente para a sacada girou, revelando a silhueta de Flávio.

— Anita? — ele perguntou.

— Sim, sou eu.

— O que você está fazendo aqui? Como entrou?

Ela notou a voz arrastada dele. Tinha bebido. Viu o copo de uísque em sua mão.

— Flávio! Você está bebendo a essa hora da tarde? Você mal bebe! Por que está tomando uísque agora? — Anita foi até ele. Tirou o copo de sua mão e pousou-o na mesa de centro.

— Me deixa! O que você quer? Me esquece, Anita! Você já não tem seu novo namorado?

— Ai! Flávio, não é nada disso.

— De novo não é nada disso? Como você entrou aqui, Anita? — Flávio levantou e passou a mão nos cabelos. Sustentou o olhar.

— Sua mãe me deu a chave.

Anita tirou os olhos do copo de uísque e notou a aparência cansada de Flávio. O rosto inchado, mas ele continuava lindo para ela. Em pé, com as mãos apoiadas na cintura, o cabelo bagunçado e a barba por fazer o deixavam mais bonito.

— O quê? Por que ela faria isso?

— Porque ela está preocupada com você e me ligou pedindo que eu viesse conversar. Só isso.

— Como ela tem o seu número? Como ela achou você?

— É uma longa história — Anita disse.

— De novo a minha mãe e você me escondendo coisas. Vocês formam uma bela dupla, sabia?

Impaciente, Anita sentou no sofá e cruzou os braços.

— Sua mãe me procurou há algumas semanas. Saí da faculdade um dia e ela estava lá. Me convidou para almoçar, pegou o meu número e disse que não queria perder a minha amizade. Eu comentei que costumava correr no Gasômetro às vezes e fomos juntas um dia. Na segunda vez eu dei uma desculpa, mas fui sozinha. Quando cheguei ela estava lá.

— Então vocês armaram para que eu te visse ontem? Foi isso? Pensaram que, se eu soubesse do seu novo relacionamento, deixaria de sofrer?

— Não é nada disso. Para de tirar conclusões malucas, pelo amor de Deus. Você está sofrendo, Flávio? Por minha causa? Por nossa causa?

— Não é esse o ponto. Termine a sua história.

Anita suspirou e descruzou os braços. Com as unhas, ela fazia desenhos no tecido do sofá.

— Eu também estava sofrendo, ok? Falar com a sua mãe me colocava de volta no fundo do poço. E para ser sincera, acho que era isso que ela queria, me forçar a ver o quanto eu sentia sua falta. Eu não sabia mais o que fazer para que ela entendesse, sem que fosse necessário dizer na cara dela, que eu não queria mais vê-la.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Então ela não sabia do seu namorado?

Flávio voltou a se sentar na poltrona e bebeu um gole do uísque. Anita revirou os olhos. Antes de responder, ela tirou a bebida das mãos dele e tomou todo o conteúdo do copo sem pausa.

— Posso continuar sem ser interrompida pelas suas ideias? — ela perguntou.

— Por favor.

— Então eu convidei o Lucas, que é meu amigo, para me acompanhar na corrida. Pensei que, nos vendo juntos, ela perderia as esperanças e me deixaria em paz.

— É, bebê? — Flávio chamou Anita pelo apelido que ouvira da boca de Lucas no dia anterior.

— Não seja sarcástico. Esse não é você. Não é o Flávio que eu conheço.

— Você não é a Anita que eu pensava que conhecia.

— O Lucas é meu ex-namorado, ok? Terminamos há mais de dois anos. Não tínhamos química nem quando namorávamos, temos muito menos agora.

— Mas ele continua te chamando daquele jeito desde então.

— Sim. E olha, além do mais, não tenho motivo para mentir, ok?

— Hmmm. Anita falando que não tem motivo para mentir.

— Não tenho mesmo. O que eu falei é a verdade. Eu queria mesmo despachar a sua mãe. Nunca imaginei que você estaria lá, ela não me contou sobre a sua vinda.

— Certo, Anita, mas você me deixa confuso. Eu ainda não entendi o que você pretende com tudo isso. O que você quer de mim? Você ficou com remorso e veio atender ao pedido da minha mãe para se desculpar?

— Eu vim até aqui não por sua mãe ter pedido, mas sim porque fiquei preocupada com você. Preocupada comigo. Não quero que pense justo isso que você estava pensando: que eu não te amava e que mais do que depressa te substituí por outra pessoa. Não é nada disso.

Flávio apoiou os cotovelos nos joelhos e entrelaçou as mãos atrás da cabeça. Pensou por alguns segundos e, num rompante, ficou em pé.

— Vai embora, Anita.

— Flávio, por favor! Não volte para a Flórida pensando que eu sou uma coisa

que não sou. Eu te amo. Ainda.

Talvez pela bebida, ou pela saudade. Não sabia ao certo, mas Flávio não conseguiu conter o impulso. Era só no que pensava desde o dia anterior e ouvir o eu te amo de Anita tornou impossível não agir. Precisava sentir o gosto dela. Puxou-a pela cintura e a beijou. Ela retribuiu.

Matou a saudade que o matava. Reviu todas as curvas da qual tinha tanta falta. Sentiu todos os cheiros que o acordavam de noite quando surgiam em seus sonhos. Beijou todos os centímetros da pele macia daquela garota difícil.

Anita acordou com o barulho da porta de entrada do apartamento. A princípio, não soube onde estava. Sentia a cabeça girar. Puxou o lençol e encontrou Flávio ao seu lado ao tentar ficar sentada.

— Flávio! Flávio, acorda. Seus pais chegaram.

— Hmmm. — Flávio se espreguiçou. Quando abriu os olhos e viu Anita enrolada no lençol, ele se sentou.

Flávio pulou da cama e trancou a porta. Menos de dez segundos depois, Lúcia forçou a maçaneta. Ele ficou aliviado por ela não ter pegado os dois naquela situação. Por quanto tempo teriam dormido? Os pais só viriam à noite. Viu que já não era mais dia na rua.

— Flávio?

— Oi! Já vou, mãe. Estava dormindo.

— Certo. Só subi para pegar minha bolsa que havia esquecido. Tantas coisas para carregar com dois bebês, não é? O pai está lá embaixo esperando com eles. Vamos buscar pizzas e já voltamos, ok? Com a Carla viajando não me animo de enfrentar a cozinha — Lúcia falou do outro lado da porta.

— Ok.

Flávio sentou-se na cama de casal para calçar os sapatos. Anita passava os dedos pelos livros e fotos dispostos na prateleira ao lado da janela.

— Vamos, Anita. — Flávio pegou no cotovelo dela. — Você tem que ir embora.

— Ei! O que houve? — ela perguntou, fugindo das mãos dele.

— Não quero que a minha mãe te veja aqui.

— Por quê? Foi ela que pediu.

— Porque vai ter esperanças. Vai sofrer. Vai achar que vamos ficar juntos, que eu vou voltar para o Brasil e fim da história. O conto de fadas está completo — ele explicou.

— Mas e nós?

— Você sabe que não temos futuro. Eu sei que não temos futuro.

— Nós nos amamos.

— Sim — Flávio confirmou.

— Então?

— Então você vai casar comigo e ir morar em Orlando?

— Não. Você sabe que isso está fora de cogitação.

— Pois bem, então pegue as suas coisas e vá embora.

— Flávio! – Anita disse magoada.

Flávio sentiu a culpa, mas não podia deixar que aquilo fosse adiante. Abriu a porta e empurrou a ex-namorada em direção ao corredor. Anita viu que Flávio olhava para a sua bolsa na sala.

— Será que ela viu a minha bolsa aqui?

— Anita! – Lúcia disse.

Os dois toparam com Lúcia surgida da cozinha. Flávio não se lembrou de ter ouvido o barulho da mãe deixando o apartamento. Anita estava com o rosto vermelho e fungando, tentou esconder os olhos marejados ao baixar a cabeça e deixar os cabelos caírem para a frente, mas não funcionou.

— Você estava chorando, Ani? O que houve com você, minha querida? O que você fez, Flávio?

— Mãe, fica fora disso. Você já causou muita encrenca tentando ajudar.

— Vocês precisam se entender. São dois teimosos — Lúcia disse.

— Eu preciso ficar longe dela — Flávio olhou para Anita e prosseguiu. — Não consigo pensar com você por perto, Anita. Por favor, vá embora.

Ela saiu sem se despedir. Bateu a porta e apertou o botão do elevador com insistência, como se com isso ele fosse chegar mais rápido. Ao deixar o prédio, viu Noah e Theo no banco de trás do carro do avô. Correu até não conseguir respirar direito.

No dia seguinte, Anita revirava os papéis em sua escrivaninha, mas não conseguia se concentrar desde o ocorrido com Flávio. O celular vibrou sobre a mesa. Número desconhecido, informava. Atendeu mesmo assim.

— Alô — ela falou, mas não obteve resposta. — Alô! Quem é? — Então ela ouviu a respiração do outro lado da linha. — Flávio? Flávio, eu sei que é você. Responde.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Anita recomeçou a falar:

— Você quer ouvir a minha voz? É isso? Bom, eu não tenho muito o que falar. Tudo que eu tinha para dizer você já sabe.

Ela ainda falava sozinha.

— Flávio! Fala comigo!

— Ani! — ele disse por fim.

— Fala, fala para mim o que você quer dizer!

— Desculpa, Ani. Por ontem. Não queria ter te tirado lá de casa daquele jeito. Eu só estava muito confuso, fico perdido quando não tenho controle da situação. Não sei mais o que fazer disso tudo.

— Você quer me encontrar para conversarmos um pouco e nos despedirmos com decência?

Ele percebeu o riso dela e sorriu também.

— Ok.

Anita passou com pressa pela sala de estar onde os pais assistiam ao jornal.

— Vou sair e volto logo, ok? Beijo.

Assim que ela bateu a porta, Marta levantou-se do sofá e foi até a janela. Jurava ter ouvido a filha ao telefone alguns segundos antes. Notou o carro parado em frente ao portão do prédio e o homem que aguardava dentro dele.

— Olha, Luiz. Tem um carro parado aqui na frente. Será que está esperando a nossa Ani?

— Deixa eu ver. — Luiz usou os braços para impulsionar sua saída do sofá. Chegou ao parapeito a tempo de ver a filha entrando no carro.

— Mas que diabos, Marta.

— Ei! Olha a boca suja. Quem será?

— E o Lucas? Esse do carro é outro homem!

— Não estou reconhecendo nossa filha, Luiz. Um dia sai com o ex-namorado e dias depois está com outra pessoa.

— Essa menina vai ficar mal falada no prédio, Marta. Você precisa conversar com ela.

— E vou dizer o quê? Que eu ando cuidando da vida dela na janela?

— Isso não me parece bom — Luiz concluiu.

— E não está com jeito de ser mesmo.

Flávio dirigiu o carro do pai até uma cafeteria na Cidade Baixa. Sentaram um de frente para o outro e pediram um café.

— Melhor assim, né? Nós dois em um ambiente fechado não conseguimos falar direito.

— Sim. Evitamos o constrangimento de brigar ou chorar também. — Anita confirmou, sem olhar nos olhos de Flávio.

— Ani, eu só queria me despedir de você. Ir embora sabendo que estamos em paz e não nos odiamos.

— Ficou claro para mim ontem que não nos odiamos.

Foram interrompidos pela atendente de avental que trouxe as duas xícaras. Flávio bebeu um gole e pousou a louça outra vez na sua frente.

— Era sério aquilo de o tal Lucas ser só seu amigo? Não está querendo ficar com você e você não percebeu?

— O Lucas não queria ficar comigo nem quando era meu namorado, imagina agora. — Flávio riu. — Para falar a verdade, acho que ele é gay, mas ainda não sabe disso. Enfim... ele já era mais meu amigo do que meu namorado. Você não tem que se preocupar com ele.

— É, mas vou ter que aceitar o fato de que, mais cedo ou mais tarde, você vai ter alguém.

— E é por isso que nós não vamos ficar amigos. Pois eu e o Lucas só temos essa situação porque, de fato, nenhum de nós ligaria se o outro tivesse alguém.

— E nos amamos, mas não vamos ficar juntos.

— É.

— Não me conformo com isso — Flávio disse.

— Então volta.

— Não é incrível o quanto conversamos, discutimos e caímos sempre no mesmo dilema?

— Ele não tem solução, Flávio, esse dilema.

— Parece que não mesmo.

— Vamos superar. Um dia de cada vez e uma hora passa — Anita falou.

— Tem razão. Já estou acostumado com isso. A vida é assim mesmo, não podemos ter tudo — Flávio chegou à conclusão.

— Com certeza não.

— Tem sido difícil para todo mundo, mas vamos superar isso, não é? Não temos para onde fugir, o tempo vai curar. Eu só não quero que continue como estávamos.

— Como assim? — a garota perguntou.

— Sem contato, sem saber como o outro está. Sei que você também sofre por não ter notícias dos meninos.

— Na verdade, nas últimas semanas sua mãe estava me deixando a par.

— Nem vou comentar isso.

— Você tem razão. Somos adultos, maduros o suficiente para agir como tal. Podemos dar notícias de vez em quando. Mandar mensagens, essas coisas.

— Por falar nisso, percebi que você ainda não aceitou minhas solicitações nas redes sociais — Flávio reclamou.

— Desculpa. Não conseguiria evitar ficar olhando as suas fotos.

— Sei, eu teria o mesmo vício. Então mantemos nosso acordo? — Flávio perguntou. — Sem amizade, apenas notícias.

— Acho um bom negócio. Vamos focar nos meninos, certo?

— Justo.

O contato combinado nunca aconteceu. Flávio pediu para que a mãe verificasse se estava tudo bem com Anita, mas ela se recusou. Não faria mais parte daquilo. Tinha dado sua última cartada e prometera ao marido que o assunto estava encerrado de sua parte.

Anita não respondeu aos chamados que Flávio fez cerca de um mês após voltar para Orlando. Depois de um tempo, o número virou apenas uma caixa postal.

Capítulo 16

Anita sentiu a barriga dolorida e, alguns minutos depois, uma queimação subindo por sua garganta. Correu até o banheiro do trabalho e deixou lá o almoço de uma hora atrás. Lavou o rosto e olhou para o espelho.

— Droga. Preciso parar de comer na rua. Primeiro dor de barriga e agora enjoo – sussurrou.

Quando ouviu a própria voz, ela sentiu o pânico invadir o corpo. Correu até a sua mesa e pegou o calendário. Contou e recontou os dias e não pôde acreditar. Olhou outra vez para o calendário sobre a mesa. O dia circulado em vermelho já havia passado. Pensou na probabilidade de estar desregulada pelo primeiro mês sem pílula.

— Meu Deus! Flávio! — falou o que deveria ter apenas pensado.

— Ih! Esqueceu de uma reunião com um cliente, é? — A colega ao lado perguntou ao notar sua aflição.

— Não. Sim. Quero dizer... sim. Foi isso.

Anita não conseguia enxergar mais nada à sua frente. Não queria dizer que estava enjoada e pedir para ir embora para não levantar suspeitas. Isso poderia atrapalhar sua chance de ser efetivada dali a um mês.

Terminou as cinco horas restantes de seu turno como se fossem dez. Pensou em pedir para sair e ir à farmácia para comprar um teste, mas aquilo terminaria de desestabilizar a sua estrutura. Não poderia correr o risco de fazer um escândalo ali na agência.

Usou o celular para fazer todo o tipo de pesquisa na internet. Digitou *sintomas de gravidez* e depois, *gravidez no primeiro mês sem pílula*. Quando leu a resposta afirmativa para sua segunda pergunta, ela afundou na cadeira. Sim. Sim. O primeiro mês sem era como um mês qualquer. Não acreditava naquilo. Queria entender por que raios não havia feito essas pesquisas antes.

Assim que o relógio do computador apontou o fim do expediente, ela pegou a bolsa e saiu correndo sem dar tchau a ninguém. Parou na primeira farmácia que encontrou no caminho, mas teve medo de ser vista por algum colega. Caminhou mais algumas quadras e entrou em uma pequena drogaria vazia. Constrangida, pediu pelo exame.

— Boa tarde. Você tem aqueles testes... — Não conseguia dizer aquelas palavras.

— De gravidez?

— Isso.

Pegou a caixinha colorida sobre o balcão e deixou a nota ali. Não podia sequer esperar pelo troco. Naquele dia, o ônibus demorou o triplo para chegar. Quando ela não estava mais aguentando de ansiedade e ia chamar um táxi, viu a condução surgir na esquina.

Ao chegar em casa, agradeceu ao perceber que os pais, quase sempre ali àquela altura, não estavam. Correu até o quarto e trancou a porta. Virou a bolsa sobre a cama e encontrou a caixinha. Leu e releu as instruções dez vezes, parecia uma equação matemática que ela não conseguia resolver. Respirou fundo e tentou com calma mais uma vez. Quando entendeu o que tinha que fazer, correu até o banheiro e, por precaução, trancou a outra porta.

Não conseguia encher o pequeno frasco de tanto que tremia. Vestiu a roupa e fechou os olhos. Juntou as mãos em oração e murmurou baixinho:

— Por favor. Eu nunca te peço nada. Por favor. Eu preciso daquele emprego. Meus pais me matariam. O Flávio me mataria e você não ia gostar de me ver aí no céu assim tão logo. Eu juro que nunca mais vou fazer uma bobagem dessas. Eu juro. Me dá essa chance, vai?

Quando Anita abriu os olhos, ela nem precisou mover a cabeça e muito menos fazer força para enxergar os dois riscos cor-de-rosa que apontavam o positivo. Ali, na sua frente, duas marcas milimétricas anunciavam a mudança de toda a sua vida.

Colocou as mãos no rosto e aos poucos foi deixando o peso de seu corpo cair no chão frio do banheiro. Chorou até ouvir a porta de entrada do apartamento abrindo. Ligou com rapidez o chuveiro e correu para juntar as partes da caixa e acessórios do teste. Colocou tudo na gaveta de pijamas com as fotos de Flávio e dos meninos, destrancou a porta do quarto e voltou para o banheiro. Ouviu a mãe entrar enquanto ela tirava a roupa e pulava para debaixo do chuveiro.

— Oi, filha. Tudo bem? Estávamos no mercado — Marta falou, abrindo a porta do banheiro de Anita. Através do vidro, não pôde ver que ela tinha chorado.

— Oi, mãe. — Anita pigarreou, tentando esconder a voz pastosa. — Tudo bem. Cheguei há pouco.

— Vou fazer o jantar.

Anita deixou a água descer por seu corpo sem de fato tomar banho. Baixou as mãos até o ventre e acariciou-o. Tinha ali um pedaço do seu grande amor para sempre. Seu filho. O filho deles. Não sabia o que fazer naquele momento, mas de uma coisa tinha certeza: não contaria nada para Flávio.

Anita não achava justo atrapalhar a vida de Flávio colocando mais uma criança na vida dele. Ela temia que o pensamento de que aquilo fora proposital passasse por sua cabeça, algo como um plano para que ele fosse forçado a voltar. Não podia fazer isso. Seria um filho apenas dela. Não contaria aos pais nem aos amigos sobre a paternidade, fingiria nem ter certeza ela mesma.

Nos dias seguintes à descoberta, a rotina de Anita mudou. Comia com pressa em casa e corria para o seu quarto para que, se tivesse náuseas, elas não fossem notadas. Na agência quase não comia nada, pois não tinha para onde fugir. Agradecia por não ter tido desmaios, porque não seria algo possível de esconder.

Sentiu-se na vida de outra pessoa quando, de um parque, longe de todos que conhecia, ligou para marcar uma consulta com uma obstetra. Costumava ir à mesma médica da mãe e, para não correr nenhum risco, marcou com uma desconhecida na única manhã que tinha livre na semana.

Chegou ao pequeno consultório constrangida. Duas mulheres com imensas barrigas aguardavam na sala de espera. Respondeu às perguntas da recepcionista e pagou a consulta em dinheiro para que não ficasse registrada

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

no extrato do convênio médico do pai. Sentou-se em uma cadeira livre e olhou assustada para os quadros e esculturas de grávidas espalhados pelo lugar.

As duas jovens que estavam antes dela sumiram e, sem que ela percebesse, chegou a sua vez. Apertou os braços da cadeira quando ouviu seu nome.

— Anita Monteiro.

Caminhou até a médica, agarrada em sua bolsa colorida como se aquilo fosse sua boia de salvação. A doutora notou os nós dos dedos azulados quando ela livrou a mão direita para cumprimentá-la.

— Pode entrar. Fique à vontade, Anita. Sou a doutora Paola, muito prazer. Em que posso ajudá-la?

— Eu acho que estou grávida.

— E por que você acha isso? — a médica perguntou.

— Porque eu fiz um teste de farmácia e deu positivo. Existe alguma chance de estar errado? — Anita demonstrou sua última esperança.

— Difícil. Provável que esteja mesmo. Você estava tentando?

— Na verdade, não. Foi um acidente.

— Você não estava usando nenhum tipo de proteção?

— Eu tinha acabado de parar a pílula. Achei que no primeiro mês as coisas não estariam, você sabe... prontas ainda.

— Hoje em dia o efeito se perde rapidamente. Você correu um grande risco acreditando nisso.

— Estou vendo. Enfim... agora não tem mais o que fazer, pelo jeito.

— Eu nem vou te pedir um exame. Dependendo de quanto tempo está, podemos ver alguma coisa já na ecografia. — A médica apontou para a máquina atrás de Anita.

Ela sentiu o coração acelerado pela possibilidade de ver o bebê ainda naquele dia. Não estava preparada para isso.

— Quando iniciou seu último ciclo?

— Trinta de setembro — Anita respondeu.

— Bom, estamos em vinte e um de novembro, então você está com... — A médica interrompeu a fala para fazer as contas. — Sete semanas e meia.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Acho que podemos até ouvir o coração, de repente.

— Sério? Ele já tem coração?

A médica riu.

— Tem sim. Vamos ouvir antes de continuar a conversar?

— Ok.

— Deixe a sua roupa na cadeira, coloque o avental e pode deitar na maca.

Anita fez o que a médica orientou. Na tela preta e cinza, um pequeno círculo surgiu depois de alguns minutos de busca. Dentro dele, o pontinho branco. O filho de Anita e Flávio. Com os movimentos da médica, surgiram os detalhes do pequeno corpinho. Ela mostrou para Anita o que devia ser a cabeça e o tronco e em seguida surgiram os batimentos cardíacos. Um trote rápido e cheio de vida.

— Uau!

— Impressionante, não é?

— Muito.

— Bom, aí está. Pode se vestir. Vou te esperar ali enquanto calculo a data do parto.

Anita sentiu uma pressão no peito ao ouvir a última palavra. Aquilo estava de fato acontecendo e, dentro de alguns meses, um bebê sairia dela. Ao menos ficou aliviada em saber que era apenas um. Colocou de volta sua roupa e cruzou a divisória de ambientes, ficando outra vez de frente para a doutora.

— Quatro de julho de 2018.

— Sério? — Anita perguntou.

— Sim. Por quê?

— Ah! Nada. É uma data importante para nós. Digo, eu e o pai do bebê.

— Então vocês estão juntos?

— Na verdade, não. Ele nem mora no Brasil. Tem outra vida. Não pretendo contar para ele.

— Isso é uma coisa muito séria. Você não pode privar um homem de saber que será pai.

— Ele já tem filhos demais. Não vai sentir falta, pode ter certeza.

— Bom, pense nisso, Anita. É uma responsabilidade enorme carregar essa decisão.

Anita deixou o consultório com um maço de papéis: exames, coisas para ler, vitaminas para comprar. Não sabia onde esconder tudo aquilo em casa e não teve alternativa. Recorreu à ajuda de Mariana.

Anita chegou molhada e nervosa no apartamento da amiga — um temporal esperava por ela na saída da consulta. O prédio em que Mariana morava era a poucas quadras da sala da doutora Paola, então resolveu caminhar alguns metros debaixo de chuva mesmo. Táxis eram impossíveis num dia como aquele em Porto Alegre.

O porteiro já conhecia a garota e apertou o botão que abria a grade da rua ao vê-la encharcada. Anita cumprimentou-o e passou correndo até o elevador.

Mariana abriu a porta e Anita passou reto pelo corredor sem cumprimentá-la. Não deixou que a amiga terminasse de xingá-la por molhar toda a sala do apartamento e entregou tudo numa palavra só:

— Grávida! — Anita começou a soluçar.

Mariana bateu a porta sem dizer nenhuma palavra em resposta. Com as mãos espalmadas nas costas da amiga, empurrou-a com delicadeza em direção ao banheiro. Ligou o chuveiro, ajudou Anita a despir-se e deu a mão para que ela pudesse se apoiar ao entrar na banheira. Lavou as costas dela enquanto a menina chorava.

Depois de um tempo, quando viu que Anita estava mais calma, Mariana desligou a água e alcançou-lhe a toalha. Trouxe para ela uma camisola sua e levou-a até o seu quarto. Sentadas na cama, Mariana penteava o cabelo molhado da amiga quando por fim falou:

— Flávio?

— Lógico! — Anita virou de frente para Mariana. — Eu achei que estava superando, Mari. Que a vida ia seguir e eu ia esquecer. Ele apareceu e fez com que meu coração doesse outra vez. Então partiu e... — sua voz falhou — e me deixou isso. Para sempre.

— E agora, Ani? O que você vai fazer?

— Dar um jeito — Anita respondeu, cobrindo os joelhos com a barra da camisola.

— Como assim?

— Eu estou para ser contratada daqui a poucos dias. Não posso contar nada agora. Minha formatura vai acontecer em menos de três semanas. Minha família morreria se eu me formasse grávida e sem pai.

— Mas isso não é verdade. Há um pai — Mariana falou sem entender.

— Eu não vou envolver o Flávio nisso, Mari. Esse problema é só meu.

— Você está louca, Ani?

— Ele já tem filhos que chega. Não posso colocar essa situação na vida dele. Não quero causar mais problemas do que já tem.

— Anita, presta atenção! — Mariana segurou o rosto da amiga. — Ele vai te matar quando souber. Óbvio que ele vai ficar feliz em saber que vocês terão um bebê. Ele te ama.

— Primeiro: ele não vai saber. E você nem pense em contar. Segundo: eu também amo muito ele, mas sinceramente? Ainda me magoa ele não ter lutado por nós. Apenas voltou para casa e seguiu vivendo como antes.

Mariana revirou os olhos, cada vez mais irritada com a amiga.

— Ani, você também tinha a opção de estar lá com ele. Não ficou porque não quis.

— Não é bem assim — Anita discordou.

— Você tem que ser forte, Anita. Não é mais uma adolescente agora.

— Como eu poderia ser forte, Mariana? Nunca fui sozinha e me sinto como se não tivesse ninguém.

— Mas você tem. Está aí dentro, inclusive. — Mariana apontou para a barriga de Anita.

— Eu pensei que tinha achado um lar para o meu coração. Como eu posso lutar com tanto medo? Por que ele não permaneceu ao meu lado? Tenho morrido um pouquinho por dentro todos os dias.

— Você não pode agir desta maneira. Ele merece saber.

— Ele não precisa de novos problemas. Eu nunca teria coragem de tornar a vida dele mais confusa.

Mariana suspirou impaciente e soltou a escova de cabelos ao lado do corpo. Decidida por ficar ao lado da amiga, abraçou-a com carinho.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vocês dois são uns teimosos. Que fique bem claro que eu não concordo com nada disso e que acho que não tem probabilidade de dar certo. Mas, como sempre, vou ficar ao seu lado. Só não me faça mentir, Ani, por favor.

— Obrigada por ficar ao lado do seu afilhado. — Anita sorriu, colocando a mão sobre a barriga ainda não aparente. — Dinda.

— Você sabe como me convencer, não é?

Capítulo 17

Flávio chegou ao bar onde seria o aniversário de Mike depois do horário marcado. Madalena tinha um compromisso e teve que ir embora e retornar depois, o que acabou por atrasá-lo. O local já estava lotado e, além do pessoal da empresa e os amigos que comemoravam a festa, havia muita gente em outros pequenos grupos.

Flávio conversou com os amigos entre o burburinho e a música e matou tempo. Mike ficaria louco se ele não aparecesse. Sua intenção era marcar presença e voltar para casa o mais rápido possível.

Quando Karol surgiu diante dele, não teve abertura. Flávio foi seco e mostrou seu desinteresse, dizendo que tinha que ir cedo para casa por causa dos filhos. Ela entendeu o recado e misturou-se numa roda de pessoas. Flávio foi procurar pelo banheiro. Andava de lado, tentando não esbarrar em ninguém.

Quando estava quase chegando ao outro lado do salão, reconheceu um rosto na multidão. A jovem alta sorria para alguém e ia na mesma direção que Flávio. Quando ela levantou a cabeça e seus olhos se encontraram, ela mudou de semblante. O pânico surgiu em seu rosto e ela trocou de direção. No meio das pessoas, ele só conseguia acompanhar o topo da cabeça de Mariana.

Decidiu ir atrás dela para saber por que estava fugindo. Precisava descobrir se Anita estava lá. Depois de dez minutos, não via o rastro da menina, mas tinha certeza de que era Mariana e que o evitava. Pensou no que fazer e não conseguia chegar à conclusão nenhuma. Não encontrou outros amigos de Anita e muito menos a viu lá dentro.

Lembrou que não seria possível deixar o local sem fazer o pagamento da

comanda e que o caixa estava sempre com filas. Correu até lá e ficou aliviado em ter acertado — Mariana destacava-se na linha de pessoas. Era a mais alta. Percebeu que ela havia cortado os cabelos e estava mais magra do que antes, o que fazia com que parecesse maior ainda. Ela tentava esconder o rosto, mas era inconfundível. Batia impaciente com o pé no chão e balançava a comanda com a mão. Flávio tocou em seu ombro.

— Mariana.

Ela colocou o cabelo atrás da orelha e olhou em direção a ele, resignada.

— Flávio — ela disse, fingindo surpresa.

— Tudo bem? Por que você fugiu de mim?

— Eu? Acho que você me confundiu. Estou há horas nessa fila que não anda.

— Olha, eu também tenho que pagar a minha, posso ficar aqui com você? — ele perguntou.

— Acho melhor você ir para o final.

— Viu? Você está me evitando. Por quê? A Anita está aqui?

— Não! Ela não está aqui.

— O que houve, então? Ela está por Orlando e não quer que eu saiba? É isso? Vocês estão fazendo um novo intercâmbio?

— Não, Flávio. Eu vim sozinha visitar uns amigos. A Anita não veio. Nem poderia — Mariana falou em um tom mais baixo e olhou para os pés.

— Por quê?

— Porque está trabalhando. Recém foi contratada. Falta muito para as férias.

— E como ela está?

— Bem.

— Só isso? Bem?

— É. Olha, minha vez. Com licença.

Mariana deu um passo adiante. Flávio parou ao seu lado e estendeu a mão e uma nota de cem dólares para o rapaz do caixa, que nem ao menos levantou os olhos ao pegá-la.

— Por que você está me evitando? — Flávio questionou.

O funcionário entregou o troco e Mariana tentou fugir outra vez.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Olha, Flávio, tenho mesmo que ir, ok? Foi bom te ver.

Flávio segurou no pulso dela para que não desaparecesse de novo e saiu da fila.

— Por que você fugiu quando me viu, Mariana? Por que Anita não atende mais meus telefonemas? Por que ela mudou de número e não fala mais comigo?

A garota remexia-se desconfortável. Libertou-se das mãos de Flávio e continuou em silêncio.

— Tem alguma coisa acontecendo com a Anita que eu deveria saber?

— Olha, eu falei para ela que eu não concordava e que não ia mentir se me perguntassem. Não tenho nada a ver com isso, ok?

— Anita está bem, Mariana?

Ela revirou os olhos e cruzou os braços. Apontou para Flávio a saída com a mão e abriu espaço para que ele passasse na sua frente.

— Vamos conversar lá fora — ela convidou.

O ar fresco fez com que suas roupas úmidas do calor de dentro do salão ficassem frias. Viram um banco vazio do outro lado da rua e caminharam até lá. Depois que estavam sentados, Mariana entregou a situação que a perturbava.

— Eu não devia me meter nisso. Tenho certeza, mas não concordo.

— O que está acontecendo? Eu tenho tentado falar com ela há meses e não tenho retorno. Combinamos de não sumir, de manter contato, e ela desapareceu. Eu tenho sofrido muito, ok? Só queria saber como ela está.

— Não acho justo o que ela está fazendo. Está sendo como você. Para falar a verdade, vocês são iguaizinhos. Dois teimosos.

— Fala de uma vez o que está acontecendo, Mariana!

— A Ani está grávida, Flávio.

Flávio viu o chão ficar branco. Seus ouvidos não percebiam mais nenhum ruído da rua. Segurou nas bordas do banco para conter a tontura.

— Ei! Você está bem? Toma aqui uma água.

Mariana estendeu para ele a garrafa que carregava na bolsa. Flávio tomou um gole e ficou em silêncio por alguns segundos. Não estava acreditando naquela

informação.

— Ela está com alguém, Mari? É aquele Lucas? Como ela está?

— Calma aí! Uma coisa de cada vez. Primeiro de tudo: é óbvio que não está com o Lucas. Ela está com quatro meses, Flávio.

— O quê? Como assim, Mariana? Isso não é possível! Eu não acredito.

Mariana tirou o celular do bolso e falou, enquanto procurava pela foto que Anita havia mandado naquela tarde:

— É possível, sim. Você, mais do que ninguém, devia saber que é. E pode acreditar em mim.

Ela abriu o aplicativo de mensagens e estendeu o celular para Flávio, que leu:

— Olá, dinda! Como está a viagem? Estamos morrendo de saudades. Aqui dentro está ficando apertado, estou cada dia maior.

Ele rolou com o dedo a conversa e encontrou a foto de Anita. Colocou a outra mão em frente à boca. Com o tronco nu, Anita vestia uma calça jeans com o botão aberto e tapava os seios com um braço. Sorria para a foto. Os cabelos estavam mais longos e caíam pela lateral do corpo. Flávio ficou espantado com barriga. Uma pequena proeminência saltava abaixo do umbigo, revelando que ali havia um bebê.

— Mas que história é essa, Mariana?

— Hmmm... deixa eu ver! Anita e o seu bebê?

— Quem é o pai desse bebê?

— Eu acabei de falar para você, Flávio. Seu bebê. Não quis dizer Anita e o bebê dela. É Anita e o seu bebê.

Flávio levantou-se em um pulo e devolveu o telefone para Mariana.

— Não pode ser verdade. Por que ela não me contaria? Por que ela faria isso comigo? Conosco? Por quê? – perguntou transtornado.

— Olha, posso te dar as mil justificativas que ela me deu, mas para ser sincera eu não aceito nenhuma. — Flávio andava de um lado para o outro em sua frente. — Primeiro ela veio com a conversa de que você já tinha problemas que chega para ter que abraçar mais esse. Coloque filhos no lugar de problemas.

— Mas isso é ridículo. Eu nunca abandonaria um filho assim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Por isso mesmo que ela disse que não queria contar. Bom, além disso, ela não queria que você pensasse que ela estava armando alguma coisa.

— Armando o quê? Pelo amor de Deus.

— Tipo ficando grávida para obrigar você a voltar para o Brasil.

— Mariana, a Anita está completamente louca! Você devia ter me procurado.

— Ela é minha melhor amiga, Flávio. Jurei a ela que ajudaria em tudo que pudesse e que não contaria nada para ninguém nunca. Eu falhei. Estou aqui fazendo justamente o que prometi não fazer. Só que eu quero que fique bem claro que é apenas porque não concordo. Ela passou dos limites. Essa teimosia está prejudicando a ela e ao bebê. Acho que o fato de termos nos encontrado aqui foi um sinal para que eu desse fim a essa promessa idiota.

— Mas eu não estou entendendo. O que você quer dizer com prejudicando a ela e ao bebê?

Mariana suspirou. Colocou o telefone no bolso da calça jeans e continuou:

— Ela está na pior, Flávio.

— Como assim?

— Os pais pediram que ela saísse de casa quando descobriram a gravidez. Como ela não queria contar sobre a paternidade, disse que não fazia ideia de quem era o pai. Falou que tinha saído com mais de duas pessoas e não podia envolver ninguém nisso. Eles ficaram revoltados e mandaram ela embora.

— Meu Deus! Que loucura. Que pesadelo foi esse em que eu entrei nos últimos dez minutos?

— Eles cancelaram a festa de formatura. Foi um escândalo. Ela ficou muito pra baixo — Mariana olhou para o chão.

— E onde ela está morando agora?

— Alugou um quarto de uma mulher que arrenda para estudantes, mas a velha já falou que não deseja ela lá para além dos sete meses. Não quer correr o risco de ter um bebê no apartamento.

Flávio tentava pensar e ficar calmo ao mesmo tempo, só que cada vez ficava mais irado.

— Você disse que ela estava trabalhando. Aquilo era verdade?

— Ei! Já falei que não gosto de mentiras. Lógico que era. Ela está em dois

empregos. Começa às oito da manhã e vai até as oito ou nove da noite. Está apavorada. Foi efetivada no estágio em dezembro e conseguiu outra vaga em meio período logo que terminou a faculdade. Em nenhum dos dois lugares sabem que ela está grávida. Teme que percam a confiança nela e a demitam após o retorno da licença e ela não tenha como sustentar o filho.

— E com razão, né?

— É, mas o que ela ia fazer? Sozinha, sem ter onde morar, grávida!

— Pedir ajuda ao pai da criança?

— Sim. Foi o que eu disse para ela, mas é uma teimosa.

— Cada dia me impressiona mais. Ela está magra, Mariana, parece doente — Flávio falou.

— No começo foram os enjoos. Agora diz que mal tem tempo para almoçar entre o intervalo dos dois empregos. Eu desconfiei que não tinha dinheiro e ofereci ajuda, mas ela recusou. Disse que pedia comida com o vale refeição quando chegava em casa.

— Mas que absurdo tudo isso que você está me contando.

— Essa é a Anita que eu conheço. Teimosa. Sabe, parece você?

— Desculpa?

— É. Está lá sozinha, sofrendo. Diz que está tudo bem. Que vai se virar, que é uma fase e vai passar. Ela vai superar isso. Não quer incomodar os outros. Parece você, não? Ou vai dizer que não é por isso que você não está lá?

Flávio permaneceu em silêncio, organizando os pensamentos.

— Eu vou para lá, Mariana.

— O quê?

— Tenho uns dias para tirar. Vou pedir pra Madalena ficar com os meninos e vou lá encontrar com ela. Ela vai ter que voltar comigo. Vai ter que aceitar.

— Ela não vai, Flávio. Não vá para o Brasil com essa ideia. Você vai encontrar uma Anita que vai te dizer que está tudo bem. Que não precisa da sua ajuda e que não quer incomodar, mas ela está sofrendo por dentro. Está perdida. Completamente perdida.

— Eu preciso fazer alguma coisa. Não vou conseguir ficar um dia aqui sem pensar nisso tudo, sem resolver as coisas. Não posso deixá-la dessa maneira.

Só te peço, por favor, não fale nada ainda. Não diga que eu sei. Tenho medo que ela suma, sei lá.

— Ok. Tem razão. Ela é capaz de fazer isso mesmo.

— Me dá tudo que você tem. Contatos, endereços, preciso me encontrar com ela pessoalmente.

— Só, por favor, não cause um rebuliço na vida da Anita. Tudo que ela mais quer é ficar em paz. Ama trabalhar na agência, é o que tem mantido ela de cabeça erguida.

— Claro. Não vou ir para desmoronar a vida dela. Na verdade, ela mesma está trabalhando para isso. Eu só quero ajudar. Sou o pai. Tenho o direito. — Flávio deu atenção às palavras que dizia. — Meu Deus! Eu vou ser pai de novo. Meu Deus! Meu Deus!

Com as mãos na cabeça, Flávio não parava de repetir a frase. De repente, começou a rir. Mariana não se conteve e riu também.

— Viu? Foi o que eu disse. Não era justo esconder isso de você. Lógico que você ficaria feliz.

Capítulo 18

Flávio embarcou alguns dias após ter encontrado Mariana. A ansiedade o corroía por dentro, mas queria surpreender Anita. Temia que ela desaparecesse de novo caso entrasse em contato pelo número de telefone fornecido pela amiga.

Pretendia fazer uma surpresa à mãe, mas antes tinha que encontrar Anita e tirar a prova daquela situação. Precisava ver a barriga para ter certeza de que estava de fato acontecendo.

Ao chegar a Porto Alegre, foi direto para o apartamento antigo e deixou suas coisas. O imóvel seguia fechado há dois meses, pois o inquilino decidira não renovar o contrato. Tudo naquele lugar lembrava alegria. Os primeiros dias de casamento, a novidade do visto. Sonhos sendo realizados.

Mantinha uma despensa embaixo da escada por acordo com o homem a quem havia alugado o espaço. Fechadas à chave, algumas coisas que não quis entregar à ex-sogra e muito menos deixar na casa de seus pais ficaram ali. Papéis, fotos e lembranças pessoais que não foram levadas para Orlando, mas das quais ele não queria se desfazer.

Passou pela pequena porta e largou a mala na suíte. Já era tarde, Madalena e os meninos estariam dormindo. Verificou os endereços e os horários fornecidos por Mariana e decidiu esperar por Anita pela manhã, na saída da editora na qual ela estava trabalhando. Assim, de acordo com as informações da amiga dela, teriam uma hora para conversar. Tinha certeza de que Anita tentaria despachá-lo com a desculpa de seguir para o próximo turno, mas não aguentaria esperar até as nove horas da noite para vê-la.

Flávio caiu na cama como há muito não fazia. O silêncio completo e a escuridão do quarto o derrubaram. Acordou assustado com o horário — o despertador do celular tocou às sete horas de Orlando, mas dez do Brasil. Precisava ajustar o relógio.

Tomou um banho demorado. Não tinha sabonete ou shampoo, lembrara-se apenas da escova de dente. Por sorte, achou toalhas e lençóis antigos debaixo da escada. Tinham cheiro de objetos guardados há muito. Ainda com a toalha enrolada na cintura, ligou para Madalena.

Tudo certo, como sempre. Desconfiava que, se o mundo estivesse caindo por lá, ela não lhe contaria. Sem antes verificar por conta própria, não teve como ser sincero com a velha mulher e disse-lhe apenas que teria uma viagem de trabalho a fazer e que não poderia deixar de ir de maneira alguma. Prometeu voltar na terça-feira seguinte. Ela achou estranho o compromisso de trabalho cair no final de semana, mas não questionou. Apenas pediu ao patrão para levar os garotos para sua casa e ele não pôde recusar.

Depois de desligar, ficou sentado na poltrona branca de frente para a sacada por um bom tempo. Olhava para o horizonte.

– Catarina – disse, relembrando a silhueta apoiada no parapeito. O modo como virava a cabeça em direção a ele e sorria.

Checou o endereço de novo. Vestiu a camiseta branca e a calça jeans e se deu conta de que tremia ao amarrar os cadarços do sapato. Por mais que tentasse ficar calmo, não conseguia controlar a ansiedade. Em poucos minutos estaria com ela. Entre eles, o novo bebê. Ainda passava pela cabeça dele a possibilidade de ser uma armação de Mariana para juntar os dois.

Sua vontade era ter direcionado o táxi para o apartamento de Anita logo que chegou, bater na porta até ela acordar assustada no meio da noite e sequestrá-la para longe de tudo, mas não podia. Colocaria a garota em apuros chegando em sua casa dessa maneira e ela ficaria furiosa.

Chamou o transporte pelo celular e seguiu rumo ao endereço. A sede da editora ficava em uma rua lateral à Avenida Farrapos. Uma faísca de preocupação acendeu-se na mente de Flávio — não queria Anita andando sozinha por ali.

Desceu do carro e ficou parado ao lado de uma árvore, sem saber ao certo o que fazer. Checou o número do prédio e pela placa na fachada confirmou estar no lugar certo, a pequena editora onde Anita trabalhava como gestora de ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conteúdo, conforme explicara Mariana.

Faltava menos de dez minutos para que Anita deixasse o prédio, então aguardou um pouco. Não precisou levantar os olhos do celular para sentir que aquela que saía era sua Anita.

O cabelo castanho estava preso no topo da cabeça. Usava um casaco azul marinho leve, longo e fechado até o pescoço e uma calça preta folgada. Vestia-se como que indo para a aula de ioga.

Observou com o coração acelerado a garota bater a porta e pendurar a bolsa no ombro. Anita caminhou em direção à avenida. O solado da sapatilha estalava a cada passo. Nervoso, Flávio seguiu atrás dela do outro lado da rua, mas não conseguia ver a barriga.

Quando chegou à esquina, Anita não pôde mais suportar o calor de fevereiro. Olhou para os dois lados e despiu o casaco. Deixou-o cair e em seguida o colocou por cima da bolsa. Passou a mão pelo pescoço suado e respirou aliviada.

Flávio não pôde acreditar em seus olhos. Ali estava a pequena protuberância no corpo magro de Anita. Seu filho. A regata branca, antes escondida pelo casaco, revelou a jovem grávida do outro lado da rua. A maneira como ela segurou a barriga ao se abaixar para pegar o casaco era inconfundível. Ele deixou um carro passar e atravessou para o outro lado. Sentiu o corpo inteiro vibrar pelo perfume deixado no rastro dela.

Anita ouviu passos muito próximos de si e sentiu uma mão em seu ombro. Costumava sair alguns minutos antes do horário, assim podia caminhar com liberdade sem ter de esconder a gravidez dos colegas. Dentro da editora e da agência, o ar condicionado permitia o casaco, mas no alto do verão não conseguia mais usá-lo na rua. Temendo ter se livrado do disfarce antes da hora, colocou a bolsa na frente da barriga e se virou de costas.

— Anita!

— Flávio, o que você está fazendo aqui?

Com o susto, ela não percebeu que a bolsa voltou para a lateral do corpo, revelando a barriga de quatro meses. Flávio não respondeu, apenas estendeu o braço em direção ao ventre dela. Assustada, Anita olhou em todas as direções e, ao ver a rua livre de carros e ônibus, deu um passo para longe dele.

— Aonde você vai? — Flávio segurou o braço de Anita. — Precisamos conversar.

— Eu... eu não posso agora. Tenho pouco tempo para almoçar e ir trabalhar.

— Eu sei, mas não pude esperar até a noite. Vou te acompanhar.

— Como você sabe que eu trabalho até de noite? Como me achou aqui?

— Então você admite que vem fugindo de mim há meses.

— Olha, eu preciso mesmo ir. — Anita atravessou a faixa de segurança e ele foi atrás. — Pare de me seguir, Flávio.

— Olha para você, Anita. Olha para o que carrega aí. — Apontou outra vez para a barriga da garota. — Eu nunca mais vou parar de te seguir. Nem pense que vou perder você de vista algum dia de novo.

— Tenho quarenta minutos para almoçar — ela cedeu —, e depois, tenho que estar na Avenida Independência até a uma. — Verificou o relógio impaciente.

— Ok! Almoço com você.

Flávio acompanhou Anita em silêncio até a entrada do shopping no prédio de uma antiga cervejaria artesanal. Quando por fim sentaram, só lhes restavam vinte minutos. Com receio de iniciar uma conversa que poderia impedi-la de se alimentar, ele abriu a boca apenas para comer. Quando a viu limpar o prato, falou:

— Precisamos conversar.

— Aqui não é lugar para isso. Nem é o momento adequado. — Anita olhou para o relógio do celular.

— Verdade. O momento adequado passou há três meses.

— Tenho que ir, Flávio. Levo vinte minutos para subir aquela lomba até o meu segundo emprego.

— Você vai a pé todos os dias? Assim? — Olhou para a barriga dela.

— Queria que eu fosse voando? Assim como? Grávida? — O som saiu da boca dela com confiança. Até então não haviam tornado aquilo verdadeiro com palavras, mas com a confirmação dela tudo virava real.

— É. Grávida, Anita. Grávida!

Sentindo o conflito iminente, Anita juntou suas coisas e se levantou. Foi seguida até o trabalho por um Flávio aflito, ansioso por resolver a situação.

— Ani, me ouve.

— Agora não dá, Flávio. Escuta. — Ela parou no meio do caminho. — Não quero chegar ao trabalho discutindo com alguém. Não dá para começar isso assim, no meio da rua.

— Ok. Tem razão. Eu estou agoniado, só isso.

Na esquina seguinte, Anita parou outra vez e, apesar do sol escaldante, vestiu o casaco por cima da blusa. Virou-se de frente para ele e olhou em seus olhos. Ele viu, refletida nos dela, a vontade que sentia de beijá-lo.

— Você precisa ir — Anita pediu.

— Ok. Te pego aqui às nove. Eu mando uma mensagem à tarde para combinar.

— Como você sabe tudo isso? Como você tem todas essas informações? Ah!

— Anita de repente entendeu tudo e colocou as mãos na cabeça. Puxou as mangas do casaco sobre os punhos, com raiva. — Foi a Mariana, não foi?

Flávio confirmou.

— Eu sabia. — Ela seguiu sem dar adeus e entrou no prédio.

Flávio não podia suportar mais a espera pelo momento de revê-la. Depois de tê-la encontrado, ele foi para a casa dos pais. Aguardando por ela dentro do carro emprestado pela mãe, Flávio repassava em sua mente as centenas de perguntas que precisava esclarecer com Anita.

Ele a viu deixando o prédio luxuoso com o casaco fechado, como pela manhã. Anita levantou a cabeça e notou, através das dezenas de faróis sobre o asfalto, o carro que a aguardava, conforme combinado pelas mensagens trocadas durante a tarde com Flávio. Por mais que não quisesse, não poderia mais evitar aquele encontro agora que ele sabia da verdade.

Abriu a porta e se sentou no banco de couro do carro de Lúcia. Controlou o impulso de pular no colo de Flávio, cravando as unhas na coxa. Flávio não esperou ouvir o clique do cinto de segurança para arrancar.

Andaram poucas quadras em silêncio, até que ele parou o carro diante de um portão automático. Estacionaram na garagem no subsolo do prédio e Anita seguiu Flávio até o elevador.

Assistiu em silêncio enquanto ele abria a porta do apartamento. Quando entrou e os trancou ali dentro, ela percebeu que não era um local habitado por

ninguém. Os móveis não abrigavam fotos ou objetos pessoais. Apenas estavam ali, vazios.

— Pensei que íamos para sua casa.

— Aqui é minha casa — Flávio respondeu, largando as chaves na mesa do centro. — O apartamento que te levei no ano passado é dos meus pais. Este aqui é o meu. De quando casei com a Catarina.

— Mas você tem um quarto lá ainda.

— Sim. Minha mãe nunca teve coragem de desmanchar o meu quarto.

— Por que não me trouxe até aqui da outra vez?

— Porque estava alugado. O inquilino saiu há poucas semanas. Eu ia alugar outra vez.

— Não vai mais? — Anita perguntou do parapeito da sacada.

Flávio viu de novo. O mesmo modo de virar e sorrir. A silhueta contra a luz, mas todo o resto tão diferente.

— Não. Vou deixá-lo para você.

— O quê? Você está louco? — Anita voltou para a sala. — Eu não posso aceitar. Estou reorganizando a minha vida. E além do mais, nem sei ao certo sobre o bebê.

— Você vai mentir para mim, Anita? É isso então? Vai dizer que esse filho não é meu?

— Quem mente é você, Flávio! Eu nunca te menti!

— Você pode até não mentir, mas gosta de esconder as coisas, não é? Primeiro esconde que vai me deixar, agora esconde meu filho de mim. Qual é o seu problema, Anita?

— Sinto muito — ela respondeu, com o olhar assustado. As lágrimas corriam pelo rosto, molhando a blusa. — Acho que é a minha reação ao medo. Você tem razão. Tenho escondido o bebê de você, dos meus pais. Escondi deles a origem da paternidade. Me desculpe! Por favor! Não sei como reagir e acabo optando por não falar.

— Então é verdade que seus pais não sabem que esse filho é meu?

— Para ser sincera, eles nem sabem que você existe. Eu disse que saí com mais de uma pessoa e não tenho bem certeza de quem é o pai. Eles pensam

que há um homem casado na história.

— Você não dimensiona as consequências dos seus atos, não é? — Sem resposta, ele continuou. — Seus pais não conhecem a verdade. Eu poderia passar a vida toda sem saber que tenho um filho precisando de mim e vocês passando necessidades. Você ainda age como uma adolescente e...

— Filha — ela disse constrangida, olhando para os pés.

Flávio perdeu o raciocínio. As pernas tremeram quando ela interrompeu sua fala. Ele colocou a ponta dos dedos sobre a barriga de Anita. O primeiro contato dos dois depois de tanto tempo, a dor da saudade que ardia.

— Você vai me dar uma menina? É isso? — Ele perguntou, enquanto era amparado pelas mãos de Anita, que tocavam seu cabelo com delicadeza.

— Sim. Clarissa. Fiz o exame ontem. Segunda-feira vou levá-lo à médica. Você pode ir comigo, se quiser. Se estiver aqui ainda, né?

— O quê? Clarissa? Ela já tem nome? Óbvio que eu quero. Vou embora na terça. — Ele deixou o toque das mãos de Anita.

— Sim. Escolhi hoje. Na verdade, até então era uma decisão que eu devia tomar sozinha. Acho que devo te consultar agora, não? Você concorda com a escolha?

— Óbvio. É uma coincidência tremenda! — Anita deu de ombros sem entender. — É o nome que Catarina queria, caso tivéssemos uma menina. No fim, ganhamos dois garotos e ela teve que colocar o sonho na gaveta.

— Jura?

— Sim. Era o livro favorito dela. Érico Veríssimo.

— Eu... eu não posso acreditar! — Anita levou as mãos à boca. — Sonhei com ela esta noite.

— Com ela quem?

— Catarina. — Anita gesticulava e andava de um lado para o outro. — Eu estava sentada sob uma árvore, lendo, e Catarina veio caminhando em minha direção. Abaixou-se ao lado do pequeno ninho onde a bebê estava, balançando as perninhas e sorrindo, e então ela disse “A bebê Clarissa é linda”.

— Por isso você escolheu o nome?

— Não só por esse motivo. Quando acordei, a garota que mora comigo já

estava em pé. Encontrei-a limpando sua prateleira de livros na sala do apartamento. Havia deixado em cima da mesa apenas aquele. Os outros já estavam no lugar.

— Clarissa?

— Sim — Anita confirmou.

— Não tenho dúvida quanto a esse ser o nome ideal para a nossa filha.

Trocaram um olhar carinhoso. As palavras nossa filha ditas pela primeira vez em uma conversa dos dois.

— Como isso aconteceu, Anita? Quero dizer, eu sei como, mas me refiro a termos deixado que isso acontecesse!

O semblante de Anita era só constrangimento. Tinha vergonha em admitir o engano que se transformara em um pequeno ser crescendo dentro dela.

— Eu errei. Decidi parar de tomar a pílula logo depois de voltar ao Brasil. Não pretendia sair com ninguém. Estava envolvida com o trabalho de conclusão, festa de formatura, emprego novo — Flávio ouvia em silêncio —, então você ressurgiu. Achei que seria improvável que acontecesse alguma coisa. Minha médica me garantiu que eu estava redondamente enganada quando me pôs para ouvir o coraçãozinho batendo dentro de mim.

— Em nenhum momento passou pela sua cabeça desistir?

— Como assim? Não entendi sua pergunta.

— Você estava sozinha, Ani. Sem perspectivas de que as coisas melhorassem no futuro, sozinha com um bebê. Não pensou em... você sabe...

— Não ter o bebê?

— É.

— Na verdade, pensei em colocá-lo numa caixinha e mandá-lo para você pelo correio. Um a mais, um a menos. Não faria diferença. Que pergunta, hein, Flávio?

— Desculpe. Não quis ofender você. Só queria saber se houve alguma possibilidade de não estarmos nessa situação agora.

— Sério que você está dizendo isso?

— Não! Você não está entendendo. Na verdade, eu que não estou sabendo explicar. Só de pensar que poderia não ter essa ligação com você pelo resto

da vida, sinto meu coração gelar.

— Olha, acho que os hormônios estão afetando a minha inteligência. Eu ainda não entendi aonde você quer chegar com tudo isso. — Anita apertou os olhos.

— Desde que saí daqui, eu rezo todos os dias para ter um motivo para falar com você. Um assunto qualquer que fosse para continuar te ligando. Fiquei desesperado quando notei que você havia mudado de número. Tentei fazer com que a minha mãe te procurasse, mas ela não queria mais se envolver. E pensar que eu não estaria aqui agora, se tivesse passado pela sua cabeça não ter esse bebê, faz doer a minha alma.

— Bom, parece que eu entendi uma parte agora.

— Qual foi o pedaço que você não entendeu?

— O porquê de você estar me falando tudo isso.

Flávio não respondeu. Levantou-se da cadeira e beijou Anita. Segurou seu pescoço e puxou sua cabeça contra a dele.

— Ani, eu te amo. Quero ficar com você!

— Eu... eu não sei o que dizer, Flávio. Lógico que eu te amo também e é óbvio que eu quero ficar com você, mas já não tivemos essa discussão milhares de vezes?

— Agora é diferente. Temos outra situação. Como vou te deixar aqui desse jeito?

— Eu só estou grávida. Não é uma condição anormal, ao que parece.

— É minha filha, Anita. Você já me imaginou longe dos meninos?

— Mas é diferente — ela disse.

— Diferente como? Não consigo ver nada de diferente entre meus filhos.

— É ilegítima. É problema meu, não seu. Estamos indo bem sozinhas. Receio que, se você voltar para minha vida, tudo vai virar uma confusão outra vez.

— Você enlouqueceu? Vou tomar isso como um caso de pensamentos afetados pela gravidez. Esse filho é tão meu quanto os outros e não fosse você recusar, estaríamos casados agora. E ao que me consta, vocês estão em uma situação bem complicada.

Anita negava-se a admitir que precisava de ajuda. Preferia pensar que a sua

condição a obrigava a resolver tudo sozinha.

— Não sei de onde você tirou isso. Estou trabalhando, vamos para um apartamento melhor em breve. Temos saúde e tudo mais corre bem.

— Fico contente que você possa ver o lado bom das coisas, Anita, mas me preocupa que esteja vendo o que não existe. Não pense que não sei sobre a sua situação com seus pais. Sua falta de dinheiro e sobre a ordem de deixar o quarto de aluguel em poucas semanas. Nem ao menos seus patrões sabem do bebê.

Anita ficou chocada ao perceber que ele sabia de tudo aquilo. Continuou tentando fazer com que ele acreditasse que as coisas estavam bem:

— Não é tão ruim quanto parece.

— Ani — Flávio juntou as mãos como que em oração —, ao menos me deixe ajudar. Por favor. Entendo se você não quer ficar comigo. Não posso te obrigar, mas não aceito ver a mãe do meu filho numa situação dessas. Eu tenho esse apartamento onde você pode morar. Está desocupado, o inquilino saiu há pouco. Posso te ajudar financeiramente também. É um absurdo que tenha que trabalhar tanto nesse estado.

— Eu já disse que quero. Tudo o que eu mais quero é ficar com você. Tenho que controlar minha vontade de pular no seu colo, meu corpo todo deseja o seu. Você pensa o quê? Não há um dia em que eu não chore de saudades. Só que você não quer. Você decidiu que vai ficar lá a todo custo. Volta para mim, Flávio. Volta para a sua família, para a sua filha.

— Não coloque a culpa única e exclusivamente em mim. Você podia ter ficado. Você não tinha emprego, sonhos e nem filhos que te impedissem de morar lá comigo. Eu quis casar com você.

— Tudo se resume a isso. Emprego, sonhos. Bom, fique com isso então. Eu fico aqui com a minha filha. Só não esqueça que seus filhos teriam uma vida melhor aqui, com a família deles.

— Anita, nunca conseguimos chegar a lugar nenhum.

— Parece que não.

— Você está sendo teimosa.

— Ah! Olha quem está falando.

— Você não tem mais nada que te prenda aqui. Terminou a faculdade e nem

ao menos fala mais com seus pais.

— Não vou ter um bebê em outro país. Você não entende? Aqui é o meu lugar. Desejei tanto esse emprego na agência. Tenho esperança de voltar a falar com meus pais. Tudo vai dar certo, enfim, não sei por que estou me justificando para você. Tenho que ir. Nunca vamos nos entender, Flávio.

Antes que ela pudesse pegar as suas coisas, Flávio beijou-a outra vez. Não suave e carinhoso como pretendia. Ansiava por tê-la em seus braços e ficou grato por ser correspondido. Era evidente que ela também pensava nele e desejava aquele momento.

Ao deitá-la na cama, ficou admirado em ver os novos contornos de seu corpo. A barriga brilhava com a pele esticada. Solto os cabelos dela enquanto beijava o ombro nu. Viu em seus olhos o medo. Entendia o que ela sentia. O receio de que tudo aquilo fosse uma ilusão. Apagou essas imagens ao colocar o rosto em seu pescoço e sentir o cheiro dela. Nunca mais queria deixá-la.

Capítulo 19

Mariana não podia mais suportar o silêncio de Anita. Já fazia mais de uma semana que havia dado com a língua nos dentes e até agora não havia recebido nenhum telefonema explosivo e cheio de raiva. Ser ignorada era muito pior do que xingada. Pegou o celular, que apontava dez da manhã em Orlando, e fez um esforço para lembrar que horas seriam em Porto Alegre. Ainda assim ficou em dúvida, mas arriscou de qualquer maneira.

Anita sentiu a vibração debaixo do travesseiro. Pensando ser o despertador, pegou-o e apertou o botão que piscava. Flávio sentiu a perna quente dela se distanciar e a viu rolar para o lado. Ouviram a voz do outro lado da linha:

— Ani? Alô, Ani! Responde, amiga, não faz assim comigo. Sinto muito.

Anita colocou o celular ao lado da orelha, ainda atordoada pelo sono.

— Mariana? Mariana, eu estou dormindo. São oito da manhã de sábado, sabia?

— Ufa! Menos mal, pensei que fossem sete. Escuta, você não quer me matar, quer?

— Quem é, Ani? Tudo bem? — Flávio perguntou.

Mariana ouviu a voz grave do outro lado da linha e, em seguida, o sussurro da amiga dizendo: “É a Mari”.

— Ah! Meu Deus! Você está com ele? Eu sabia que vocês iam se acertar. Eu sabia. — Anita revirou os olhos ao se lembrar da expressão de alegria que a amiga fazia quando falava daquele jeito agudo. — Fico feliz por vocês,

mesmo que a nossa amizade seja o preço a pagar por isso e...

— Cala a boca, Mariana. A sua culpa fez com que visse algo que não existe. Só porque eu estava na correria e não te mandei mensagem essa semana. E para falar a verdade, só falei com ele ontem.

— Quer dizer que você vai me perdoar, então? Eu só queria o seu bem, sabe? Tudo vai dar certo agora, com vocês dois e o bebê.

— A bebê. Clarissa.

— O quê? Jura? Que lindo, amiga! Amei o nome.

— Eu fiz o exame tarde na quinta. Ia te contar ontem, mas daí ele apareceu e, bom... você sabe...

— Você não resistiu ao charme dele.

— Mariana! — Flávio riu da conversa das duas. — Tenho que desligar, ok? Depois conversamos.

Anita desligou o telefone. Segurou-o contra o peito.

— O que foi, Ani?

— Imagina que eu não ia perdoar. Fiquei só com ela para me ajudar — pensou em Lucas, mas não ousaria falar em voz alta —, e a menina que mora comigo, mas coitada, parece nem saber o que faz no mundo. Menos ainda do que eu.

— Já sabemos o que você faz no mundo, não é? — Flávio colocou a mão na barriga dela. — E agora você me tem de volta.

Anita pulou da cama e começou a se vestir.

— Flávio, isso não vai dar certo. Nós.

— Como assim? — Flávio deixou a cama também e segurou-a pelos ombros.

— Minha opinião é a mesma de ontem. Ficar com você não fez com que ela mudasse.

— Ani, temos tudo para dar certo agora. Eu posso esquecer as coisas que você me escondeu. Podemos recomeçar.

— Esquecer? Flávio, eu não estou pedindo seu perdão. Aceito que você queira participar da vida da sua filha, vou aceitar a sua ajuda em consideração a ela, mas nós dois vamos sofrer com isso tudo.

— Mas eu estou te dando o meu perdão. Porque, caramba, Anita, eu fiquei

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

louco de você ter me escondido uma coisa tão importante mais uma vez.

— Eu errei, Flávio. Lá no começo eu errei, mas agora eu aprendi. Nunca mais caio na mesma situação. Deixei que a paixão me conduzisse, pensei que o tempo fosse resolver as coisas entre nós quando eu contasse da minha partida, mas não resolveu. E se é isso que você está imaginando para agora, já te adianto: o tempo não vai resolver.

— Volta comigo, Ani! Eu te imploro. Vou enlouquecer com vocês duas aqui.

— Quando é que vai aprender com os ensinamentos que a vida tem para você? Eu vou ficar maluca se for para lá!

— Então é isso? De novo o medo de acabar como a Catarina? Ela tinha uma doença, Anita, você não entende isso? Carregou a depressão por meses. Não sabe o quanto me magoa falando assim.

— Sinto muito. Eu apenas não posso me ver nessa vida que você pretende para mim. Em casa, sem poder trabalhar e ter que cuidar de três crianças. Além do mais, tenho medo de ter o bebê em outro país.

— Isso é temporário, Ani. Mais cedo ou mais tarde, você vai poder voltar a trabalhar. E temos a possibilidade de esperar ela nascer aqui e depois vocês vão.

— Flávio, você acha que isso é uma grande brincadeira, não é? Você pensa que imigração é uma coisa simples, que você aparece com uma mulher e um bebê dizendo que são seus e ganha um visto para eles? Essas coisas levam meses, são caras e podem acabar nem acontecendo. Não quero ter esperança de nada mais. Não aguentaria ver tudo ruir mais uma vez.

— Não podemos desistir por ter medo de dar errado, Ani.

Anita não respondeu. Caminhou até a sala e pegou a bolsa e o casaco no sofá. Flávio a deteve.

— Não vou deixar você ir embora assim. Temos que chegar num consenso. Por ela. — Com a menção de fazer alguma coisa pela filha, Anita começou a ceder.

— Eu tenho que ir. A Bruna deve estar preocupada já que eu não voltei. Foi uma loucura não ter aparecido em casa.

— Ela nem te mandou uma mensagem ou ligou.

— Meu telefone entrou em modo não perturbe e só desativou às oito, quando

a Mari ligou. Tem um monte de mensagens dela.

— Então responde.

— Flávio, vou para casa, tomo um banho, tenho umas coisas para fazer. Você me busca à noite, ok? Conversamos melhor com a cabeça fresca.

— Ok, mas eu te levo para casa.

Anita concordou e, quando Flávio parou na frente do prédio velho onde ela morava e não soube o que fazer na despedida, se a beijava ou não, ela não entendeu como tudo podia mudar tão rápido.

Anita resolveu a questão por ele. Abriu a porta e desceu do carro. Fez menção de fechá-la, mas enfiou o corpo dentro do veículo de novo e o beijou com carinho. Não disse nada e partiu. Não queria lhe dar esperanças, mas não resistia. Logo ele não estaria mais ali e não teria mais os seus beijos.

De verdade, não tinha nada para fazer em casa, mas precisava esfriar a cabeça. Pensar com clareza, conversar com alguém. Pediu desculpas à Bruna, explicando o ocorrido, tomou um banho e ligou para Lucas. Combinaram de almoçar no shopping perto da editora.

— Então é essa minha situação. Não sei o que fazer, Lucas — Anita expôs a reviravolta que o ressurgimento de Flávio causara no dia anterior.

— Deixa que eu vou te dizer o que fazer.

— Espero que não me venha com suas ideias malucas.

Quando Anita contou da gravidez, Lucas entrou em pânico. Conhecia os pais dela e temia pelo que fariam quando descobrissem. Foi ela quem o acalmou, dizendo que tudo daria certo no final. Mas não deu.

Dias antes da formatura, Marta procurava por fotos no quarto da filha para lhe fazer uma surpresa. Encontrou a caixa vazia do teste, fotos de Flávio e dos filhos e um recorte de uma ecografia onde constava o nome de Anita e a imagem do bebê.

A mulher entrou em desespero. Aguardou pela filha, chorando ao lado do marido. Quando Anita abriu a porta do apartamento e encontrou os pais diante de seus objetos pessoais espalhados sobre a mesa, sentiu as pernas amolecerem. Não tentou se defender das acusações. Disse que apenas não tinha certeza se o pai era aquele ou Lucas, que havia sido visto na frente de casa. Ou outro homem inventado na hora. Eles chegaram à conclusão de que

aquele homem com as crianças era casado. Ela não tentou explicar.

— Eu disse para você, Marta! Demos muita liberdade. Cada dia um homem na porta de casa. Só podia dar nisso. Grávida e não sabe ao menos quem é o pai. — Anita não rebatia. A mãe chorava. — Pegue suas coisas e vá embora. Não vou sustentar uma mulher promíscua e uma criança sem pai.

— Você não pode fazer isso com ela, Luiz — a mãe suplicou.

— Quer se juntar aos dois, Marta? Chega. Ela tem que assumir seus erros a partir de agora. Vai sentir na pele o que é ser mãe. O que é não ter o respeito dos próprios filhos.

— A formatura dela é sábado, Luiz. Não podemos fazer isso.

— Pois cancele tudo. Eu não ponho os pés lá. Tenho vergonha. Presta atenção, Marta. Essa garota até barriga já tem. Fomos dois tontos. Ela nos engana há meses.

Naquele dia, Anita ligou para Lucas e pediu que a buscasse em casa. Esperava com as malas na calçada e ele não pôde acreditar no que via. Lembrou-se de uma colega que comentara algo sobre a irmã morar num apartamento com um quarto vago. Conseguiu instalar Anita lá na mesma noite, prometendo à dona do lugar assinar o contrato de seis meses de aluguel no dia seguinte.

Por mil vezes perguntou se Anita não queria mesmo que ele assumisse a responsabilidade. Ela não deixou. Pensou ter o melhor amigo do mundo, mas não podia fazer aquilo com a vida dele. Em ruínas, já bastava a dela.

— Anita, está me ouvindo? — Lucas perguntou.

— Desculpa. Estou viajando.

— Imagina que não. Bom, o que eu estava dizendo é que você precisa parar de ser cabeça dura. Aceita a oferta dele. Para de sofrer um pouco. Deixa de ser teimosa.

— Ai! Que saco. Por que todo mundo fala que eu sou teimosa?

— Nem vou te responder, né, Anita? — Lucas tomou um gole da água com gás antes de continuar. — Vai lá e diz para ele que você vai aceitar o apartamento, vai aceitar a ajuda, o que for. Deixa que ele vá para casa tranquilo quanto a isso. Pede um tempo. Não faz drama.

— Como assim?

— Diz para ele que vocês são adultos. Ele volta para casa e você fica aqui em segurança, vivendo a sua vida. Quando essa pequena nascer, ele não vai resistir. É óbvio que ele vai largar toda essa bobagem de emprego e sonho e voltar correndo para vocês.

— Será?

— Claro. Só raciocina. Para de dar ataque de adolescente. Finge que é adulta, ao menos. Diz que não tem como ficarem juntos, mas que entende que vocês devem manter a paz. Pela criança. Ele vai te achar o máximo da sabedoria — ele disse, fazendo com que Anita achasse engraçado. — Sério.

— Pela primeira vez parece que você teve uma ideia decente, Lucas, tenho que admitir.

Tomaram um sorvete e foram ao cinema. Anita notou a ansiedade de Flávio pela mensagem que recebeu no final da tarde, duas horas antes do combinado.

Flávio: Estou indo te pegar. Não posso mais aguentar nenhum minuto.

Anita: Onde você está? Vou até aí.

Anita não queria correr o risco de Flávio estar esperando por ela na frente de sua casa e vê-la com Lucas. Teria outro ataque de ciúmes.

— Lu, me dá uma carona? — ela pediu.

— Lógico? Para onde?

— Espera.

Flávio: Estou no meu apartamento, mas quero te levar na casa dos meus pais. Minha mãe está tão aflita para te ver quanto eu.

Anita: Eles já sabem?

Flávio: Sim. Aceitei levar você para jantar lá. Ela me mataria se não o fizesse. Já quer meu rim porque apareci sem os netos dela.

Anita: Ok. Me espera lá em 20 minutos.

— Na casa da mãe do Flávio — Anita disse para Lucas.

— De garota em pedaços a jantar na casa da sogra. Estamos evoluindo — Lucas zombou.

Quando Anita desceu em frente ao prédio do apartamento de Lúcia e José, ela reconheceu o carro que aguardava pela abertura do portão da garagem. Flávio. Sentiu um calafrio. Ele ficaria irado por vê-la com o ex-namorado, tinha certeza. Flávio virou a cabeça e acelerou, sumindo da visão de Anita.

Ela caminhou até a recepção e foi reconhecida pelo mesmo porteiro da outra vez em que estivera ali.

— Boa tarde, dona Anita. A senhora Schmidt lhe aguarda. Pode subir — ele falou sorrindo.

Anita subiu até o quinto andar, decidida a esperar por Flávio para entrarem juntos no apartamento, mas quando saiu do elevador a porta já estava sendo aberta. Lúcia juntou as mãos ao lado do rosto e sorriu. Flávio estava a alguns passos dela, com as duas mãos no bolso da calça. Os lábios apertados.

— Anita, minha querida. Flávio avisou que você estava subindo.

— Ah! Avisou, é?

— Sim — Flávio respondeu, caminhando até ela. Após receber o abraço caloroso de Lúcia, o dele parecia uma pedra de gelo. Sussurrou em seu ouvido. — Vi você chegando com aquele cara e não gostei nada.

Anita não conseguiu responder, pois foi abraçada pelo pai de Flávio. O senhor, já em idade avançada, colocou as duas mãos em sua barriga.

— Com licença — ele pediu. — Olha, Lúcia. E não é que já dá para ver o nosso netinho!

— Sim! Você não sabe o quanto me fez feliz essa notícia, Anita. Mal pude acreditar — Lúcia disse, segurando nas mãos da garota. Conduziu-a até o sofá e, empurrando de leve seu ombro, fez com que sentasse. — Fique aqui e não se preocupe com nada. Carla está preparando nosso jantar. Sinto muito ter obrigado você a passar a noite com esses velhos chatos, mas queria comemorar a surpresa de ter meu filho aqui e de ganhar mais um neto. Além disso, ele tem uma dívida comigo por não ter trazido os garotos dessa vez.

— Mãe, já falei para você. Não tinha como — ele justificou. — Anita tem outra surpresa que vai me redimir.

— Tenho, é? — Ela ficou espantada. Não fazia ideia do que ele estava falando.

— Conte a eles o nome que escolhemos.

— Clarissa – ela falou.

— Ah! Meu Deus! Ah! Meu Deus! — Lúcia tremia de felicidade. — Vamos ter uma menina, Zeca! Uma menina! O sonho das nossas vidas se realizando por fim.

Ao ver a alegria da mãe, Flávio sorriu. Parecia estar mais relaxado, o que aliviou Anita. Ela ainda torcia para que a presença de Lucas não virasse uma grande discussão. Lúcia beijou o marido por diversas vezes. Depois partiu para o filho e, em seguida, para Anita. Segurou o rosto da garota e agradeceu:

— Obrigada, Anita. O maior presente que já ganhei dos céus, depois da minha família, foi ter encontrado você aquele dia no parque. Tudo que eu mais desejei depois de ter Flávio foi ter uma menina. Catarina ficou chateada quando ganhou dois garotos de uma vez só. Não queria ir além desse número e...

— Mãe! — Flávio interrompeu os devaneios da mãe.

— E por que a senhora não teve mais filhos, dona Lúcia? — Anita questionou.

— Ela teve um câncer menos de dois anos depois do nascimento de Flávio. Na cirurgia perdeu o útero — José explicou à Anita.

— Sinto muito! — Anita desculpou-se. Queria perguntar por que não tentaram a adoção, mas já se sentia uma intrusa enxerida.

— Imagine. Não tem motivo. Além do mais, já faz tanto tempo. E agora você vai me dar essa joia preciosa. Eu amei o nome. Como o livro.

— É. Isso mesmo, como o livro. — Anita sorriu ao falar.

— Ei! Não era esse o nome que Catarina queria? — Lúcia buscava na memória algo referente a isso.

— Sim, mãe. Era — Flávio respondeu.

Notando a insatisfação do filho, Lúcia mudou o rumo da conversa. Perguntou sobre detalhes da gestação e da vida de Anita. Quando a mãe fez aquela pergunta tão simples, ele não pôde acreditar que não havia perguntado isso ainda:

— E quando teremos nossa menininha aqui conosco?

— Quatro de julho. Quer dizer, é a data provável. Pode ser um pouco antes ou um pouco depois. Mas tenho pensado em marcar para esse dia mesmo. É tão bonito.

— Quatro de julho? É uma coincidência que seja o mesmo dia em que comemoramos juntos o nosso primeiro mês, lembra?

— É. Poderemos comemorar para sempre. — Anita e Flávio trocaram olhares. — Por isso é que penso em marcar a cesárea para essa data.

— Temos que conversar sobre isso ainda. Você conhece os riscos de uma cesárea? — Flávio perguntou.

— Flávio, não acho que eu seja capaz de fazer isso. Não vou conseguir.

— Lógico que vai conseguir, e, além do mais... — ele foi parado pela mãe, que o puxou pelo braço em direção à cozinha.

— Desculpa interromper, mas Carla precisa de ajuda para tirar a travessa do forno. — Lúcia foi empurrando o filho até lá. Antes de recomeçar a falar, com os dentes cerrados, ela apontou o dedo indicador para o filho. — Mas será possível que todos os assuntos gerem discussão? Flávio, ao menos por um momento, tente relaxar — falou, desarmando a feição irritada e o abraçando.

— Desculpa, mãe, mas eu estou muito nervoso. Queria resolver tudo hoje. Agora. Não consigo pensar em ter que ir embora com as coisas pela metade, deixando-as aqui.

— Eu vou te ajudar. Fique tranquilo. Agora ande, tem que levar esse peixe até a mesa.

O restante do jantar seguiu sem conflitos. Após a sobremesa, Lúcia e Zeca pediram licença e foram dormir, deixando Anita e Flávio sozinhos.

— Quer ir para minha casa? — ele perguntou. — Para conversarmos mais à vontade.

— Acho melhor não. Ficaremos muito mais à vontade do que só para conversar.

— E você não quer isso?

— Na realidade, tenho medo que comecemos a discutir outra vez. Aqui eu sei que a sua mãe não vai deixar.

Flávio riu e coçou a barba por fazer.

— Está com medo que eu exponha minha ira por ter te visto chegar com aquele cara?

— Também.

— Bom... — Flávio caminhou em direção a ela. Enterrou o rosto em seu pescoço. — Devia ter mesmo, porque eu fiquei louco. Minha mãe que me acalmou.

— Você sabe que não tem motivo.

— Só o fato de saber que ele já te beijou — ele disse, afastando o corpo, mas mantendo Anita pela cintura. —, tocou em você. Ah! Isso me dá vontade de matá-lo.

— Ele me ajudou e ajuda muito ainda. Não merece essa raiva toda. É tão bom comigo que se ofereceu para assumir o bebê para me proteger.

— Viu? Eu sabia. Ele ainda gosta de você.

— Claro que não!

— Tenha paciência, né, Anita! Qual é o cara que em sã consciência vai assumir o filho de outro?

— O amigo desesperado que me recolheu grávida com as malas na calçada da casa dos meus pais? O homem que conseguiu ainda no mesmo dia um lugar onde eu pudesse morar?

Ouvindo aquilo, Flávio sentiu-se um idiota. Não estava ali para protegê-la e tinha que aceitar que ao menos alguém havia feito isso. Continuava achando que o tal Lucas ainda gostava dela, mas tinha que concordar com a mãe. As discussões deviam acabar por aquele dia.

Levou Anita até o seu quarto e fechou a porta. Ela sentou-se na beirada da cama.

— Adoro o seu corpo nessa calça — ela disse.

— Sério?

— Muito. Vem aqui — Anita chamou-o com o dedo indicador. — Temos que conversar, mas isso pode ficar para depois. Enquanto você estiver aqui, quero aproveitar tudo que puder.

Flávio beijou-a e apoiou as mãos no colchão. Soltou o corpo sobre o dela e a

cama desmoronou no carpete. Seu riso foi acompanhado pela gargalhada gostosa da mulher que amava, a barriga subindo e descendo a cada respiração. Ria tanto que não tinha forças para sair dali. Pararam quando ouviram as batidas na porta.

— Flávio! Tudo bem aí? — Lúcia perguntou preocupada.

— Sim, mãe! Pode entrar.

Lúcia ficou assustada com a cena, mas quando entendeu o que estava acontecendo, começou a rir também.

— Sinto muito, mãe! Sabe como é, temos uma gestante com uns quilos a mais por aqui. A cama não aguentou.

— Ei! — Anita protestou.

— Não se preocupe, Anita. Essa cama é tão velha... Ainda do tempo em que Flávio era um menino.

— Obrigado pelo velho. — Os três recomeçaram a rir. — Anda. Me ajuda aqui. Vamos colocar o colchão no tapete.

Lúcia ajudou o filho a montar a cama no chão. Em seguida, deixou os dois a sós.

— Pensei que isso de dormir acampado era coisa só lá de casa, mas pelo jeito me persegue — Flávio resmungou.

— Assim fazemos menos barulho – Anita deitou ao lado dele e beijou-o no pescoço.

Capítulo 20

Ela acordou antes de Flávio e tentou gravar na memória a imagem do seu rosto tranquilo. Pensava sobre a conversa que precisaria ter com ele e se aquela era a decisão certa a tomar. Se tudo corresse bem, depois do nascimento de Clarissa ele viria até elas por conta própria.

Não podia negar que a ideia de Lucas fazia todo o sentido. Havia amor ali e Flávio não era o tipo de cara que viveria longe de um filho. Apenas temia que ele a convencesse a ir embora antes disso. Estar ao seu lado, sentir o toque de suas mãos, deixava-a vulnerável, mas estar longe dele dava proporções muito maiores à sua fragilidade.

— Bom dia, minha linda! Tenho vivido em um sonho, há dois dias acordo ao seu lado.

Anita ouviu a voz de Flávio antes que ele abrisse os olhos.

— Precisamos conversar, Flávio.

— Não podemos esperar até amanhã? Viver cada segundo juntos em paz, como você mesma disse ontem?

— Eu acho que vamos chegar num consenso. Não vai ser tão terrível, só que cada um tem que ceder um pouco.

Seguindo os conselhos de Lucas, Anita decidiu anunciar sua decisão. Flávio apoiou as costas na cama quebrada para ouvir o que ela tinha a dizer.

— Eu vou aceitar o apartamento. Vou aceitar a sua ajuda. Vou ficar com tudo isso que você me ofereceu.

— Então você não vai voltar comigo de maneira nenhuma? Nem depois?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não. Aqui é meu lugar. Não abro mão disso. Tenho tido dias difíceis e sei que tenho que pensar mais na nossa filha agora do que em mim, por isso aceito sua oferta de ajuda, mas aqui.

— Fico tranquilo em deixar vocês bem, mas frustrado em não as ter comigo.

— Flávio colocou a cabeça entre as pernas. Pensou e ergueu-a outra vez. — E nós? Como ficamos? Você sabe que não tenho condições de manter um relacionamento à distância. Isso me mataria.

— Flávio, temos que agir como pais agora. Nossos interesses não são o mais relevante nessa circunstância. Preciso de um tempo. Não estou com cabeça para pensar em problemas de relacionamento.

Anita temeu por aquelas palavras. Tinha medos entranhados nela: tempo em excesso. Tempo que ele poderia usar para arrumar outra pessoa. Tempo que ele teria para esquecê-la. Tempo que a vida poderia usar para fazê-la sofrer. Mas precisava tentar. Era a última alternativa que passava por sua cabeça.

— Como assim? — Ele perguntou.

— Assim. Sem drama. Como dois adultos que encerram um relacionamento, mas continuam bem pela felicidade de seu filho.

— Você está com ele, não é? O Lucas.

— Ai, Flávio! — Anita não queria perder a paciência em seu discurso de mãe adulta. — Não viaja. Temos nossos conflitos. Eu e você. Não tenho como pensar nisso agora.

— Você tem razão — ele cedeu. Ouvir aquelas palavras da boca dele fez com que ela acreditasse estar indo bem. — Somos dois adultos defendendo interesses próprios, mas que desejam o bem da criança que precisam criar. Você está certa.

— Você volta para casa e eu fico aqui em segurança. Não é isso que queremos? Digo, cada um em separado?

— Na verdade, eu queria ficar com você, mas...

— Flávio, ir por esse caminho vai levar à nossa discussão sem fim de sempre.

— Tenho que admitir que é verdade.

Com um abraço, eles selaram o acordo. Preparavam-se para deixar o apartamento quando Lúcia os interrompeu:

— Onde pensam que vão? Carla vai servir o café!

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vou levar Anita para casa, mãe. Depois conversamos, ok?

— Está tudo bem? — Anita pôde ver o desespero no olhar da ex-sogra.

— Mãe! Depois.

— Até mais, Lúcia. — Anita acenou já do corredor.

Ela colocou os óculos escuros antes de chegar à rua. Queria esconder as lágrimas. No fundo, guardava um pouco de esperança. Em sua imaginação, Flávio recusava aquela proposta e anunciava seu retorno ao Brasil, mas o que teve foi aceitação.

Depois de deixar Anita em casa para que começasse a organizar as poucas coisas que tinha para a mudança, Flávio voltou para o apartamento dos pais. Encontrou a mãe aflita, aguardando por ele, e passou reto até seu quarto. Não tinha tempo a perder.

— Flávio! O que houve, Flávio? — Lúcia falou exasperada indo atrás dele.

— Fala comigo, meu filho!

— Me deixa, mãe!

— O que você disse para ela? O que foi que você fez?

— Não fiz nada, mãe! Ela que decidiu.

— Decidiu o quê? Pelo amor de Deus.

— Que vai ficar no meu apartamento e vai me deixar voltar sozinho.

— Mas e o bebê? E vocês?

— Ela tem razão, mãe, vai ser melhor assim. O bebê vai continuar sendo amado por nós dois.

— Você não pode ficar longe de sua filha, Flávio.

— Vai dar tudo certo, mãe, precisamos de um tempo para colocar a cabeça no lugar. Ela está certa. Ao menos teve uma atitude madura. Não deixou que as emoções a dominassem.

— Flávio, você não pode julgar se Anita está certa ou não pelas decisões que Catarina tomou para a vida dela.

— Não é isso, mãe — Flávio respondeu sem olhar para ela. Guardava suas coisas na mochila.

— Nós dois sabemos que é.

— Isso não importa agora. Preciso da sua ajuda para arrumar o apartamento — Flávio disse por fim, olhando nos olhos da mãe. Falar coisas práticas anulava o risco de mostrar sofrimento. — Quero ir ao mercado, deixar tudo organizado para a Anita. Depois que eu for embora, quero que cuide também do enxoval.

— Claro, mas não acho certo você desistir dela assim.

— Não estou desistindo dela, mãe. — Flávio parou o que estava fazendo e olhou irritado para Lúcia.

— Então porque não está lutando pelo amor de vocês?

— Não é um bom momento para discussões. Ela parece ter amadurecido, mas ainda tem muito o que crescer. Vai ver por conta própria que criar um filho sozinha não é assim fácil como imagina.

— E o que você espera disso tudo? — Lúcia perguntou.

— Com o tempo ela vai ceder, mãe. Vai sentir minha falta, vai querer a minha presença e acabar aceitando casar comigo e se mudar para lá.

— Acho tudo muito sofrido e arriscado, mas eu não vou deixar de te ajudar — ela aceitou. Reticente, Flávio não se moveu ao ser abraçado pela mãe.

Flávio acordou e sentiu a ausência de Anita ao seu lado na cama. Tomou uma ducha. Abriu a geladeira, vazia até o dia anterior, e bebeu um iogurte. Lembrou que precisava avisar a mãe para que comprasse frutas toda semana para a garota.

— As garotas — falou sozinho e sorriu.

Flávio queria deixar o mínimo possível para depois. Organizaram da melhor maneira que puderam o lugar que receberia Anita. Ele e a mãe colocaram toalhas e roupas de cama na máquina de lavar enquanto Carla fazia a limpeza. No mercado, ele tentava se lembrar das coisas de que ela gostava, mas sentia-se perdido por completo. Há muito estava acostumado apenas com os produtos americanos.

Abrir as caixas guardadas sob a escada trouxera lembranças do tempo em que Flávio havia preparado aquele lugar para a vida depois de casado.

Pretendia acompanhar Anita na consulta com a obstetra e mostrar as coisas básicas do apartamento. No final do dia, terminaria de organizar seus pertences e iria para o aeroporto. Seu voo partiria na primeira hora da

madrugada.

Mandou uma mensagem para Anita avisando que já estava entrando no carro para pegá-la. Quando parou no sinal vermelho, notou sua silhueta aguardando na quadra seguinte. A roupa era no mesmo estilo da de sexta-feira. Folgada. Com o casaco que ela carregava na mão, a gravidez era imperceptível.

Parou o carro na frente dela, que abriu a porta e colocou o cinto de segurança antes de dizer bom dia. Anita olhava para o horizonte. Tinha medo de virar na direção de Flávio e não resistir ao seu perfume.

— É perigoso esperar na calçada com o celular na mão, sabia? — ele perguntou.

— Sabia.

— Por que faz isso então?

— Porque sim.

— Acordamos de bom humor hoje. — Como Anita não respondeu, ele continuou o ataque. — Quando você vai parar de esconder o bebê no seu trabalho?

Pelo suspiro que ela soltou, imaginou que havia conseguido irritá-la. Não sabia por que estava agindo assim, mas precisava fazer brotar um pouco da raiva que sentia por aquela teimosa não ceder aos seus desejos.

— Semana que vem. Eu acho. Tenho muito o que pensar por esses dias. A mudança, reorganizar a rotina do novo endereço, mas logo eu vou falar. Veremos o resultado disso tudo. Espero conseguir manter um emprego, ao menos.

— E se não conseguir? Não é o motivo final para ir morar comigo?

Anita baixou os óculos escuros até a ponta do nariz e dirigiu um olhar irado para ele.

— De novo? — ela perguntou.

— Desculpa.

— Aqui. Estaciona aqui. É na quadra seguinte.

Flávio pensou que a filha merecia um consultório melhor que aquele. Achou tudo muito simples e pequeno. Anita entregou seus documentos à recepcionista e sentou-se ao lado de Flávio, colocando a mão na barriga.

— Você não achou nada assim mais...

— Fino? Não. Meu dinheiro não achou — ela disse.

— Mas você não tem plano de saúde?

— Agora que fui efetivada tenho, mas quando era estagiária não. Tive medo de consultar com o plano do meu pai e ele descobrir. Bom, acabou sabendo de tudo depois, né. Enfim. O que eu tinha para pagar era isso aqui e a médica é muito boa. Acabei ficando com ela depois de ser contratada. Você vai gostar dela.

— É? Por que você acha?

— Nem te conhece e vive te defendendo.

— Como assim? — Flávio perguntou.

— A cada consulta insiste sobre eu contar a verdade. Vai adorar te ver aqui.

— Já gostei dela.

— Anita Monteiro — a doutora Paola chamou a garota. Não conseguiu esconder a surpresa em vê-la acompanhada. Em nenhum momento imaginou que o pai daquele bebê fosse um homem como o que via. Vestia-se e movimentava-se com classe. Sentiu o perfume dele quando levantou e acompanhou a mãe do bebê até a porta. — Vejo que temos companhia na consulta.

Anita sentiu ser uma boa oportunidade de descarregar sua irritação da mesma maneira que vira Flávio fazer ainda no carro. Apertou a mão da médica e seguiu em direção à cadeira em frente à escrivaninha dela. Antes, deixou a informação no ar como se não fosse relevante:

— É o pai da bebê.

— Muito prazer, Paola.

— Flávio Schmidt.

— Fico contente em vê-lo. Há muito peço à Anita que o traga.

— Imagino que há muito mesmo — Flávio respondeu, olhando em direção à barriga visível de Anita. — Mas não há necessidade de sentir-se desconfortável. Ela não costuma atender a pedidos.

Paola percebeu a tensão entre os dois e imaginou o porquê daquele relacionamento não ter dado certo. Abriu a pasta de papel trazida por Anita e

ficou contente em saber que em breve faria o parto de uma menininha. Já havia entendido que Anita não estava para conversa naquele dia. Sentada de braços cruzados, ela não abria a boca, parecendo ofendida por ter que levar o pai do bebê até ali. Enquanto anotava na ficha da paciente, puxou assunto com Flávio:

— Anita me disse que você já tem filhos. Alguma menina?

— Não, tenho dois meninos. Fiquei contente com a notícia. Já é muito amada.

Enquanto escrevia, Paola dirigiu o olhar para Anita. Tinha vontade de dizer eu te falei, mas permaneceu calada. Sorriu ao ver a garota revirar os olhos. Havia entendido seu recado.

— Não costumo fazer ecografia em todas as consultas. As mais complexas encaminho aos centros de radiologia, mas acredito que você ficaria feliz em ver a bebê, não? — A médica perguntou e Flávio respondeu sorrindo.

— Muito! Vou embora hoje. Acredito que não terei outra oportunidade de vê-la ainda dentro da barriga. Apenas depois de nascer. — O sorriso transformou-se em pesar.

Paola encaminhou Anita para que pudesse se preparar atrás do biombo. Seguiu a conversa com Flávio:

— Pensei que vocês haviam se entendido, mas então já está de partida.

— Sim. Minha vida é lá. Tentei de tudo para levar essa teimosa, mas ela não quer.

— Não sabia dessa parte.

— Anita só conta o que quer, doutora. Peço que preste atenção nela, pensa que está sozinha. — Flávio tirou do bolso o cartão com seus números de telefone e correio eletrônico, anotou no verso o contato de Lúcia e entregou à médica. — Pedi a minha mãe que cuidasse dela a partir de agora. Infelizmente não sabíamos da situação, mas as coisas não serão mais como antes.

— Confesso que também fico aliviada em saber que se preocupa tanto e que agora está participando do nascimento do bebê. A gravidez mexe com o psicológico da mulher de uma maneira muito forte. Estar sozinha torna tudo mil vezes pior.

— Eu sei. Minha mulher se suicidou quinze dias após o nascimento dos nossos filhos.

— Sinto muito — Paola falou, colocando a mão na frente da boca, surpresa.

— Não sabia. Cheguei a pensar que fosse casado, pelo jeito que...

— Pelo jeito que Anita conduzia as coisas e não falava o que estava acontecendo?

— Ei! Vocês dois poderiam parar de falar de mim? Estou aqui esperando! — Anita protestou.

Chegaram ao outro lado da divisória e Flávio viu a barriga nua de Anita, esperando pelo equipamento de ecografia. Quando o objeto tocou em seu ventre e revelou a menina, ele buscou a mão dela e a apertou com força. Não resistiu e seus olhos se encheram de lágrimas quando o coração acelerado soou.

Foram em silêncio até o apartamento de Flávio, assim, evitavam que as palavras de ambos voltassem a brigar por conta própria. Ainda na garagem, ele entregou o controle do portão.

— Eu estava pensando em comprar um carro para você — ele ofereceu.

— Não posso aceitar — ela respondeu com rapidez.

— Você vai precisar. Sabe dirigir. Tem carteira, não tem?

— Flávio, já estou recebendo tanto. Agora não, ok? Além do mais, eu não teria como dirigir com a barriga cada vez maior. Talvez no futuro.

— Você tem razão. Mas, quando ela nascer, eu não vou aceitar suas recusas.

Ao abrir a porta, Flávio viu a mãe ao lado de Carla. Havia pedido a presença delas ali naquela manhã, com medo de ficar sozinho com Anita e continuar forçando as coisas. Não queria brigar antes de ir embora.

— Então é isso — Flávio disse ao abrir os braços, sinalizando que o espaço era de Anita. Colocou a mão no bolso e entregou a ela o molho de chaves. — Aqui está.

— Não precisa se preocupar com nada. Eu e a Carla vamos te ajudar. Ela virá uma vez por semana para fazer a limpeza e eu vou fazer as compras — Lúcia disse, ao perceber que a garota estava apreensiva.

— Obrigada. Não sei como agradecer.

Flávio e a mãe torciam por coisas opostas. Traga meus meninos de volta, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Anita, Lúcia pensou. Vá com a nossa menina morar em Orlando, Anita, Flávio desejou.

— Bom, tenho que ir para o trabalho. À noite eu pego um táxi e vou direto ao aeroporto me despedir — Anita falou com tristeza.

— Eu acho melhor não, Ani. — Flávio mostrou oposição à ideia dela, mas, no fundo, tinha era medo de desabar na despedida. Seu coração desejava apenas mais uma súplica de Anita para que ele ficasse, mas sua razão pedia comprometimento com seus objetivos. — É perigoso, não quero você chegando tarde em casa sozinha.

— Eu tenho que levar meu carro de volta. Peço para seu pai vir até aqui de táxi e depois deixamos Anita em casa — Lúcia falou enquanto ajudava Carla a pendurar as cortinas da sala.

— Está bem — Flávio concordou com a ideia da mãe.

— Bom, tenho que ir andando – a garota anunciou.

— Deixa que eu te levo — Flávio pediu à Anita.

— Não precisa. Daqui, chego na agência em minutos.

Lúcia os observava através do vidro da sacada. Esperou por um beijo ou um abraço terno entre os dois, mas ficou frustrada ao ouvir o com licença da garota. Quando disse até logo, ela já estava fora do apartamento. Flávio esperou até que ela entrasse no elevador e fechou a porta.

Lúcia e Carla levaram um susto com o chute forte que ele desferiu na porta da cozinha. A mulher ficou tão chocada ao ver o filho reagir daquela maneira que não disse nada.

Flávio mal havia chegado ao aeroporto com os pais quando viu Anita caminhando em direção a eles. Ela não estava com a mesma roupa que usara pela manhã e tinha os cabelos molhados, o que indicava que havia passado em casa e não ido direto como disse que faria. Esqueceu-se de ficar irritado por não ter conseguido pensar em mais nada além da beleza dela. O vestido azul colado ao corpo fazia com que sua barriga parecesse maior.

Anita também não pensou em nada. Esqueceu-se de Lucas e suas ideias, a pose que queria manter de sábia ou o que fosse. Caminhou sem pestanejar até Flávio e abraçou-o pelo pescoço. Ele sentiu a bebê encostar primeiro em seu corpo, em seguida, os braços de Anita e então, o beijo suave nos lábios.

Depois do abraço caloroso, Flávio se despediu dos pais. José, já sem esperança, não pedia mais que o filho voltasse. Mas agora guardava no peito a felicidade de ter ao menos um neto por perto em breve. Lúcia caiu no choro antes mesmo de tocar em Flávio. Em seu ouvido, ele fez o pedido.

— Mãe, cuida delas, por favor. Não esqueça a tendência da Ani em não falar as coisas por completo. Fique atenta.

— E você — Lúcia baixou o tom de voz em seguida —, não se esqueça do amor que sentem um pelo outro, e do quanto você é feliz quando estão juntos.

— Pode ter certeza de que não vou esquecer, mãe, nem por um minuto.

Na volta para casa, enquanto o marido conduzia o carro que ela havia emprestado ao filho, Lúcia olhava para o banco de trás, através do retrovisor. Via o rosto de Anita iluminado pelo celular. Não suportaria ser afastada da menininha que ela carregava. Apesar de ter Flávio envolvido na questão, desejava que aquele duelo de teimosos fosse vencido por Anita. Reconhecia nela alguém à altura da personalidade dele para depositar suas esperanças.

Capítulo 21

Anita percorria o corrimão da sacada com a ponta dos dedos quando parou para observar o sol se pondo. Por fim, tinha um dia inteiro sem companhia naquele lugar. Ainda não estava confortável com o ambiente e sentia que precisava de um tempo sozinha para que isso se tornasse realidade.

Desde a partida de Flávio, Lúcia havia aparecido todos os dias. Anita chegava cansada tarde da noite e lá estava ela, sorridente e afetuosa. Trazia uma refeição pronta, mais compras do que Anita poderia comer e um pouco de assunto para que ela não se sentisse solitária.

E de fato ela estava com esse sentimento, apesar de estar sempre acompanhada. Até Bruna, que era de poucas palavras, fazia falta. Anita ansiava mesmo que por seus ruídos. A ausência da mãe ainda era sentida. Os mais de dois meses longe da casa dos pais não haviam acalmado a saudade que tinha.

Sentia culpa em desejar que Lúcia lhe desse mais espaço, ainda mais carregando dentro de si toda essa solidão. Mas ficou aliviada quando a ex-sogra anunciara no dia anterior que diminuiria as visitas:

— Vejo que está encaminhada aqui, Ani. Minha presença diária não é mais imprescindível. Até a bebê nascer, ao menos. A partir de hoje, venho uma vez por semana, ok? Se precisar de algo, basta me ligar. Não pretendo ser um incômodo.

Anita caminhou até a estante da sala e pareou seu celular à pequena caixa de som. Ouviu a música lenta soar. Entediada, pegou um dos livros que Lúcia

havia desencaixotado. Sentou-se na poltrona diante da sacada e tentou ler, mas não conseguia entender nada, pois os pensamentos estavam longe.

Olhando para o enorme exemplar, ela se lembrou do armário sob a escada. Fitou a porta, questionando-se o que deveria fazer caso estivesse destrancada. Seria adequado olhar o conteúdo do pequeno espaço? Não estaria invadindo a privacidade de Flávio? Deu de ombros e caminhou até lá. Ficou curiosa ao encontrá-lo trancado.

Pegou o molho de chaves dado por Flávio. Ele não percebeu que entregara junto o chaveiro antigo. Composto por uma chave ao estilo dos contos de fadas, na ponta, um coração trazia as letras C e F. Anita lembrou-se de ter visto a outra parte. Sentiu ciúmes ao recordar que o chaveiro de Flávio era o cadeado.

Testou três vezes até acertar e abrir a porta e espirrou com o cheiro de coisas guardadas. Tateou a lateral da parede e achou um interruptor. Com a metade do corpo lá dentro, ela analisou o que fazer. Abriu algumas tampas das caixas e só encontrou toalhas, enfeites, louças. Coisas que Lúcia e Flávio optaram por deixar lá, visto que Anita ficaria sozinha e não precisaria de tanto.

Estava perdendo o interesse, quando viu uma caixa grande de um par de botas femininas. Tirou a poeira de cima da tampa e espirrou de novo. Sentou-se no tapete da sala e revelou o conteúdo sobre a mesa de centro. A curiosidade e o medo de estar fazendo alguma coisa errada brigavam dentro dela. Optou por vasculhar a intimidade de Flávio.

O item do topo da pilha era o antigo convite de casamento. O papel branco rendado abriu-se, revelando as informações da festa. Rua Marquês do Herval, 280 — Moinhos de Vento, Porto Alegre. Associação Leopoldina Juvenil. Nunca havia sido convidada para nenhum evento naquele lugar, mas sabia que era lindo e recepcionava uma porção da sociedade da qual ela não fazia parte.

Ao lado da caixa, iniciou uma pilha onde colocaria o restante do conteúdo depois da sua verificação. Desdobrou uma folha que se revelou uma cópia de um livro. Nela, alguns exercícios de inglês. O campo nome do aluno estava preenchido com Flávio. Todas as respostas às perguntas eram I love you. Sentiu o ciúme retornar, mas mais do que rápido, trocou o sentimento por pena.

Uma fotografia chamou sua atenção. O braço feminino sobre o rosto

anguloso e o cabelo loiro espalhado ao redor da cabeça. Flávio sorria com os olhos inchados. No verso, a letra dele dizia: quero acordar ao seu lado para sempre.

Anita jogou tudo de volta dentro da caixa e fechou-a com a tampa colorida. Devolveu-a ao seu lugar sob a escada e bateu a porta. Antes de voltar ao livro, parou e tirou o chaveiro do molho. Colocou-o junto dos pertences de Flávio e trancou a porta outra vez.

— Sinto muito, Catarina. Sinto muito. Sou uma idiota — Anita falou para o vazio.

Sentia um aperto no coração. Pensou que poderia estar parecendo uma criança mimada aos olhos do homem que amava. Queria Flávio ao seu lado. Ele não merecia as atitudes dela, não depois do que havia passado. Depois de ter amado tanto e ter perdido tudo e sem direito à volta.

Teve dúvidas sobre o que estava fazendo, sobre os caminhos que havia resolvido trilhar. Tinha vontade de voltar no tempo e dizer as palavras que não falara antes. Desejava mais do que tudo estar ao lado dele, mas precisava ter paciência. Sabia que ele cederia. Não aguentaria ficar longe das duas.

— Ai! — Anita soltou um grito e levou as mãos ao peito ao ouvir o telefone do apartamento tocar pela primeira vez.

Sentiu o coração acelerado pelo susto que leva quem é pego fazendo algo errado. Com dois passos, ela chegou ao lado do aparelho que Lúcia havia tirado debaixo da escada. Por causa da televisão por assinatura, receberam uma linha telefônica e um número que Anita não havia dado a ninguém. Apenas a mãe de Flávio sabia. Como sempre conversavam pelo celular, Anita imaginou que ela não seria utilizada.

— Alô!

— Oi, Ani. — O coração, que Anita já estava começando a sentir mais calmo, retomou suas batidas aceleradas. — Tudo bem? É o Flávio.

— Eu sei que é você. — Ela ouviu o suspiro que ele dava ao sorrir.

— Só liguei para saber se está tudo bem. Como foram as coisas aí nos primeiros dias? Precisa de algo?

— Tudo bem, me adaptando ainda. Só me sinto um pouco sozinha. Parece que, quanto mais eu preciso de alguém ao meu lado, mais rápido as pessoas saem da minha vida.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ani, pelo amor de Deus. Não quero que você sinta isso. Quer que eu peça para minha mãe dormir alguns dias com você? Quer que eu marque um médico para que você possa conversar sobre isso?

— Não! — ela falou alto demais. — Não é necessário, vai ficar tudo bem. Preciso desse tempo de qualquer maneira.

— Não me deixa preocupado. Sem te ver eu não sei de verdade o que está acontecendo aí. Dependo dos olhos da minha mãe. — Flávio não concluiu a frase da maneira que gostaria. Teve vontade de dizer que ela não era confiável, porque estava do lado de Anita e não do dele.

Flávio sabia que, mais cedo ou mais tarde, a mãe começaria a insinuar que a garota precisava dele. Que ele tinha que estar ao lado dela e coisas desse tipo. Lúcia iniciara a pressão no dia anterior, dizendo ter notado Anita um pouco perdida quanto ao que devia preparar para a chegada do bebê, e incomodada com sua presença lá todas as noites. Avisou que, diferente do que Flávio havia pedido, passaria para vê-la apenas uma vez por semana. Por isso, ele quis conversar com a garota e saber como estavam as duas. Ficou tenso ao saber que ela se sentia solitária.

— Está tudo bem. Pode ficar tranquilo.

— Falando em não te ver — Flávio fez uma pausa antes de concluir —, você ainda não me aceitou nas suas redes sociais, sabe? — Estava incomodado em fazer aquele pedido, mas precisava disso.

— Ah! É? — Anita fingiu não ter notado. Sabendo que ele poderia ver suas postagens, acabaria evitando fazê-las. Tinha medo de passar a impressão errada. Feliz demais. Triste demais. Sensual. Feia. Pensou que era melhor fingir ter esquecido.

— Sim. Você se importa?

— Não. Imagina — mentiu —, vou fazer isso agora mesmo.

Depois de desligar o telefone, Flávio abriu o aplicativo no celular e confirmou estar entre os amigos de Anita. Largou o aparelho e correu ao escritório. Trouxe o computador até a sala, sentando-se no chão com Noah. O menino olhava vidrado para os personagens coloridos que dançavam no tablet. Theo empurrava um pequeno caminhão de um lado para o outro, fazendo ruídos.

Ansioso, Flávio perguntava-se se era a coisa certa a fazer. Pela primeira vez

tinha acesso ao perfil de Anita. Teve medo do que poderia encontrar lá, mas precisava ver.

Ele ainda se lembrava da sensação de vasculhar a vida virtual de alguém, de procurar motivos ocultos para tudo o que acontecera, a busca pelas respostas que ele precisava. Ler e reler frases que por muito tempo não fizeram sentido. Parou quando percebeu que nada daquilo traria de volta o amor. Desde então, evitava as redes sociais, com seus comentários póstumos que lhe davam a sensação de que a vida não tinha ido embora. Queria agora saber se tudo isso que evitava enxergar esteve ali desde sempre, diante dos seus olhos.

— Tive medo de me enganar e sentir você aqui, Ani. Assim como me enganava ao esperar a Catarina sair da cozinha com uma garrafa de vinho a qualquer momento, enquanto via os sorrisos dela eternizados na internet. Tudo isso é uma ilusão – ele sussurrou ao ver a fotografia de Anita na tela.

Flávio já conhecia as únicas imagens a qual tinha acesso antes de ter a solicitação de amizade aprovada. O rosto de Anita sorrindo no perfil e a foto de um entardecer em Porto Alegre na capa. O resto, ausente antes, surgia diante dele.

Rolou a linha do tempo com calma. Nenhuma informação sobre o bebê. Procurou-a entre as diversas pessoas em uma foto tirada no Natal. Percebeu que ela fora marcada por alguém na comemoração da data junto da família de Mariana. Não era uma fotografia sua.

Parou outra vez ao encontrar uma frase triste postada em novembro e estremeceu ao reconhecer que aquela data era compatível com a descoberta da gravidez. Como queria ter estado com ela naquele momento...

Flávio chegou ao que procurava desde o princípio, a foto da despedida de Anita e Mariana no aeroporto de Porto Alegre, no ano anterior. Estava tudo ali, exposto diante dele. Os comentários dos amigos, da família. Todos sabiam que a viagem duraria parcos três meses. Inclusive sua mãe, recordou.

Ele fechou o computador com força e foi para a cozinha. Preparou um café e sentou-se diante da mesa, contemplando a pequena xícara. Não podia entrar nessa, precisava deixar o passado para trás. Tudo estava acontecendo de maneira muito diferente do esperado. Tinha outra vida que chegaria em breve e que dependeria também dele. Só de pensar em ter a filha em uma família desestruturada, com pais cheios de problemas, ficou nervoso.

Desistir de sofrer pelo passado era como deixar um pedaço da sua identidade

para trás, mas ele faria o que fosse preciso para ser feliz outra vez. Amava Anita e, independente de qualquer coisa, desejava tê-la de volta. Não podia avaliar mais nada com clareza. Tinha a impressão de que o Universo já a havia cobrado, afastando-a dos pais, mudando sua própria vida de forma radical. Bastava aguardar com paciência o dia em que ela cederia. E tinha certeza de que isso iria acontecer.

Capítulo 22

Anita apressou o passo na rua escura. Os pequenos saltos de suas botas ecoavam na calçada. Ela fazia o possível para equilibrar a enorme barriga, enquanto tentava ganhar velocidade para passar por aquele lugar.

Apesar de ter aceitado certa ajuda de Flávio, ela se recusava a deixar um dos empregos, como ele havia pedido. Não podia abandoná-los, foram compreensivos e entenderam a sua situação e o fato de não ter revelado a gestação logo no início. Era um contato importante com muitos clientes e teria que repassar seus conhecimentos a alguém antes do bebê nascer. Deixaram bem claro o quanto precisavam dela.

Saía do segundo emprego por volta das nove horas e caminhava duas quadras até chegar em casa. Tapou a barriga com o casaco ao sentir o ar gelado. Pensou ter ouvido um barulho, mas não viu ninguém. Estava a poucos passos da esquina, bastava alguns mais e chegaria ao apartamento. Deu um pulo quando o homem surgiu da curva escura. Viu a arma na mão dele e tremeu quando ele gritou:

— Passa a carteira!

Anita não conseguia distinguir as feições dele. Usava uma touca quase até os olhos e a iluminação era pouca.

— Anda, sua idiota.

— Está bem, está bem. — Anita abriu a bolsa e pegou a carteira. Em seguida, entregou-a a ele.

— Você acha que eu sou otário? Não tem droga nenhuma aqui! Cadê o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dinheiro?

— Isso é tudo que eu tenho. Cartões, documentos. Posso te dar a minha bolsa. Leve. — Anita estendeu a bolsa colorida para ele, que virou o conteúdo no chão. Remédios, maquiagem e outros itens sem valor caíram no piso úmido.

— O que eu vou fazer com essas porcarias? Anda! Cadê o dinheiro?

Anita viu que o homem estava transtornado. Tremia a mão que carregava a arma e falava cada vez mais alto. Ele olhava para todos os lados, verificando se ninguém passava. Anita pensou que o celular poderia tirá-lo dali. Colocou a mão para trás a fim de pegar o telefone no bolso traseiro da calça. Não pôde ver mais nada depois disso.

Assustado com o movimento da garota, o bandido reagiu. Seu dedo trêmulo puxou com força o gatilho. A luz saiu da boca da arma e o barulho ecoou na rua silenciosa. Estava nervoso demais para notar que a moça estava grávida. Só percebeu quando, caída, seu casaco abriu-se e revelou a barriga. Ele então correu o mais rápido que pôde, deixando Anita estendida no chão gelado.

Flávio havia deitado há pouco quando o telefone tocou. Não estava adormecido de fato, mas levou um susto de qualquer maneira. Poucas vezes alguém ligava nesse horário. Pegou o celular no criado-mudo e viu a foto da mãe. Antes de atender, viu que o relógio apontava onze e meia.

— Oi, mãe. Aconteceu alguma coisa? Eu já estava dormindo.

Nenhuma palavra. Ouviu o choro de Lúcia.

— Mãe! Fala, mãe! O que houve? O pai está bem? — Flávio receava pelo pai, já em idade avançada. Pensava sempre sobre o dia que não demoraria a chegar, a ligação da mãe anunciando algum problema de saúde ou até mesmo o fim. Sentia culpa ao pensar que com isso ela poderia acabar vindo ajudá-lo com os filhos.

— Sim, meu filho — Lúcia respondeu, tomando fôlego. Fungou e então deu a notícia que fez com que um choque atravessasse o corpo todo de Flávio. — Você precisa vir agora! É a Ani. Ela levou um tiro. — A mulher caiu no choro de novo.

— Pelo amor de Deus, mãe! Como assim? — Flávio sentou-se na cama. — O que aconteceu exatamente? Onde ela está? E a bebê? Mãe! Ela está viva? Diga que sim, por favor. — Sem perceber, Flávio entrou em sincronia com

Lúcia, chorava e mal podia segurar o telefone ao lado do rosto.

— Não temos muitas notícias, meu filho. O que sei é que está em avaliação. Estamos indo para o hospital agora. Uma pessoa encontrou-a na rua. Suas coisas estavam espalhadas pelo chão. A garota que morava com ela no outro apartamento ligou para Mariana. Por sorte, Anita carregava uma conta antiga do telefone do apartamento na bolsa e então a polícia pôde encontrar algum contato.

— Onde foi, mãe? Onde foi o tiro? — Flávio tentava acalmar-se.

— No peito.

Com isso dito, os dois ficaram mudos. Cada um segurando o seu telefone, o som do choro, apenas. Não queriam conversar sobre aquilo. Sabiam que a possibilidade de alguém sobreviver a um tiro no peito era mínima.

— Estou indo para o aeroporto. Vou trazer Madalena para cá e vou pegar o primeiro voo. Chego aí assim que possível.

Flávio não conseguia relaxar no avião. Por duas vezes, a comissária de bordo apareceu ao seu lado para perguntar se estava tudo bem. Ele sufocava sem ter notícias. Anita e sua filha poderiam estar mortas naquele momento, sem ele ao menos saber disso.

Foi o voo mais longo de sua vida. Passou a odiar aquela distância com todas as suas forças. Fez um trecho com parada na Cidade do Panamá, e, quando lá chegaram e pôde fazer uma ligação, temeu pelas notícias que poderia receber. A médica de Anita acabara de ser localizada e estava indo para lá. No hospital, a comunicação era parca.

— Oi, Mari. Como está a Ani?

— Oi, Flávio. A obstetra está acompanhando ela agora. Disse que vai dar notícias assim que possível, mas parece que ela está estável.

— E a bebê?

— Não sabemos ainda. A doutora Paola disse que vai avaliar a necessidade de realizar o parto.

— Sério? — Flávio não conseguia imaginar-se longe delas na hora do nascimento de Clarissa. Parecia um pesadelo, mas, perto de perdê-las, não era nada.

— A médica não quis confirmar antes de receber os exames e avaliar ela

própria. Então ainda não posso te dizer com certeza. Quando você chega?

— A previsão é meia noite e meia. Não aguento mais. Estou desesperado para chegar aí.

— Estamos na mesma situação. Desesperados e sem notícias concretas.

Flávio desligou e seguiu para a segunda parte da viagem, não sem antes ligar para Madalena. Certificou-se de que tudo estava bem com os filhos. Detestava atrapalhar a vida das pessoas, mas não teve saída. Pedira desculpas ao marido carrancudo da senhora e tirara do carro as coisas dos bebês e as duas cadeirinhas que abrigavam Theo e Noah. Chorou com ela ao contar o motivo do pedido e a viu prometer que cuidaria dos meninos pelo tempo que fosse necessário.

Flávio chegou a Porto Alegre exausto e direcionou o táxi para o hospital onde estava Anita sem ao menos parar em algum lugar. Carregava apenas uma mochila com uma muda de roupa e acessórios pessoais. Recebeu um crachá de visitante e foi direcionado para a sala de espera.

Encontrou Mariana e um rapaz com um casal de meia idade. Reconheceu serem os pais e o irmão de Anita, pelas fotografias dela que havia visto. Também viu seus próprios pais, que esperavam por ele.

— Ah, Flávio! Que bom que você está aqui. — Ele colocou a mochila no chão e recebeu a mãe em seus braços.

— Como elas estão? — perguntou aflito, abraçando o pai e Mariana. Notou os olhares de Marta e Luiz em sua direção.

— A doutora Paola está com ela. Veio atender um parto e avisamos que você chegaria logo, então ela ficou, pois quer conversar com você.

— Flávio? — Ele virou-se e viu a médica parada atrás dele. Os demais rodearam os dois. — Ligaram da recepção dizendo que o pai do bebê da Anita estava aqui. Fico contente em vê-lo.

— Como ela está, doutora?

— A situação está estável. Ela perdeu muito sangue e por isso decidimos aguardar para verificar a evolução do quadro. Estava te esperando para decidirmos o que fazer. Seria arriscado para a vida dela realizar a cesariana com tamanha perda sanguínea, mas receio pelos batimentos cardíacos do bebê. Não chegamos numa situação de decisão rápida, mas o momento se aproxima e, antes de tomar qualquer atitude, gostaria de ouvir a sua opinião.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Anita corre risco se for feita a cesárea? Isso?

— Exato — a médica confirmou.

— E a bebê pode morrer se esperarmos muito tempo?

— Se os batimentos caírem, corremos um risco muito grande. Por duas vezes verificamos alterações, mas logo a situação se normalizou. Não sabemos por quanto tempo conseguiremos manter isso.

— E o tiro?

— Foi superficial. Os médicos responsáveis informaram à família mais cedo.

— Desculpe, cheguei agora. Vim direto do aeroporto. Não tive ao menos oportunidade de conversar com eles.

— Claro. Entendo. Conseguiram conter o sangramento e retirar a bala que não feriu nenhum órgão, mas o sangue perdido deixou a situação dela preocupante. Está muito fraca. Já acordou. Perguntou pelos pais e não sabia dizer onde estava. Contamos o que aconteceu e demos um sedativo leve para que não ficasse nervosa e voltasse a sangrar.

Flávio levantou a cabeça e olhou para os pais de Anita. A mãe dela tremia e por fim começou a chorar.

— Devo opinar sobre quem deve ser salva? É isso? — Flávio perguntou.

— Lógico que isso é uma decisão médica mediante as circunstâncias de um momento de emergência, mas como pai da criança, gostaria de saber o que pensa. Não sei por quanto tempo conseguiremos mantê-las nesse quadro de estabilidade.

Flávio não podia acreditar naquilo. Como poderia ele decidir sobre a vida da mulher que amava e a vida de um filho? Ainda mais ali, diante da família dela e da sua?

— Posso vê-la? — ele pediu.

— Está dormindo agora.

— Tudo bem. Só quero olhar para ela antes de responder.

— Certo, me acompanhe por favor.

Flávio deixou a sala sem olhar para ninguém. Não tinha coragem. Seguiu a médica através da porta branca que dava acesso a um longo corredor. O cheiro de hospital o deixava nauseado. Os passos de Paola ecoavam no piso.

Ela então parou e abriu uma porta, que revelou o corpo frágil de Anita repousando sobre uma maca e com diversos monitores presos a ele.

— Vou deixá-los a sós por uns minutos — a médica disse.

— Ah! Ani.

Ele caminhou até ela. Com medo de machucá-la, parou antes de colocar as mãos sobre o seu corpo. Puxou uma cadeira até a lateral da maca e apoiou o queixo no fino colchão. Passou os dedos com suavidade sobre a barriga coberta pelo lençol. O rosto de Anita estava branco como papel e seus lábios, antes rosados, agora eram roxos. Tinha olheiras escuras que Flávio nunca havia visto nela.

— O que foi que eu fiz, Ani? Devia ter ficado com vocês. Eu sou um idiota.

— Flávio desceu os olhos até o peito de Anita e viu a atadura que cobria o ferimento. Sabia que o fato de ambas estarem vivas era um milagre.

Anita acordou ao notar o toque em sua barriga. Pensou que era Clarissa, ansiava pelos seus movimentos depois do que descobrira ter acontecido. Não era possível que as duas estivessem vivas. Sorriu ao ver que o que sentira fora a mão de Flávio.

— Você não vai conseguir livrar-se de nós assim tão fácil quanto pensa — ela falou.

— Ani, que coisa boa ouvir a sua voz. — Flávio segurou o rosto dela com as mãos, beijando com delicadeza seus lábios. Anita gemeu quando ele encostou sem querer no machucado deixado pela bala. — Desculpe! Sinto muito.

— Não foi nada. Não se preocupe.

— Ani, meu amor. Precisamos conversar.

— Sim. Temos tanto a falar sobre nós.

— Não, não é sobre nós que precisamos conversar agora, embora logo falaremos sobre isso. É sobre você e a bebê.

— O que tem a bebê? Ela não está bem? Acordei achando que era ela mexendo, mas foi sua mão apenas.

— Por enquanto ela está bem, mas por duas vezes teve os batimentos cardíacos alterados.

— Ah! Meu Deus! — Anita apoiou-se nos cotovelos e gemeu.

— Calma. Você não pode ficar nervosa. Não faça nenhum esforço. Eu acho

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que nem devia estar te contando isso, mas não posso tomar essa decisão sozinho. Sinto muito.

— Que decisão, Flávio? Do que você está falando? — ela perguntou.

— Vocês duas estão estáveis no momento. Só que a doutora Paola e a equipe que a cuidou estão preocupados com a perda de sangue que teve. Avaliaram que não seria possível realizar o parto desse jeito, pois poderiam perder você. Só que, se as alterações no coraçãozinho dela acontecerem outra vez, talvez tenham que tomar uma decisão de emergência.

— Eu não estou entendendo. O que isso significa?

— Significa que, se acontecer antes que você esteja mais forte, será necessário escolher qual das duas salvar.

Anita deixou-se cair na maca outra vez. Não sabia dessa condição e imaginava que os médicos não queriam mesmo que ela desconfiasse. Ficou agradecida por Flávio compartilhar isso.

— Eu sei que parece loucura — ela começou —, pedir que você fique sozinho cuidando de três filhos, mas sei também que você consegue. É forte. Preciso que me prometa que vamos salvar nossa filha, Flávio. Eu não poderia suportar perdê-la. Você não tem ideia do alívio que senti quando acordei e, ao tocar o ventre, senti seu corpinho ainda ali. — Anita segurou forte a mão dele e com a outra, acariciou a barriga.

— Olha, não vamos mais falar sobre isso, ok? Não vai acontecer. Vocês vão ficar bem e logo estaremos todos em casa. Nós cinco. Aqui. Vou buscá-los, Ani, Theo e Noah, e vamos ficar aqui com vocês duas. Prometo. Juro que nunca mais vou sair de perto de vocês. Nunca mais.

Paola aguardava ao lado das enfermeiras quando notou o aviso no painel. O monitor de Anita apresentava aumento dos batimentos. Deve ter acordado, pensou. Quando abriu a porta e viu os dois abraçados chorando, teve certeza de que devia dar a visita por encerrada:

— Precisamos deixá-la descansar agora, Flávio. Por favor.

Assistiu aos beijos de despedida molhados pelas lágrimas dos dois e, em seguida, levou-o de volta à sala de espera. No caminho, ouviu a opinião dele quanto à sua pergunta. Pretendia salvar as duas, mas precisava deixar claro que talvez não fosse possível. Quando retornou ao quarto de Anita, encontrou-a tão desesperada que teve de dar uma nova dose de sedativos.

— Pedi a ele que salvasse a bebê, doutora Paola, eu imploro. Cuide dela — a jovem pediu.

— Fique tranquila, Flávio me disse. Vamos fazer o possível, ok? Você precisa se acalmar, Anita. Assim poderemos ter as duas a salvo. Temos essa chance, mas desse jeito não há como. Dependo também da sua ajuda.

— Sinto muito.

— Tente descansar por agora, ok? Logo cairá no sono de novo e vamos acompanhando. Com sorte, tudo ficará bem.

Anita aquiesceu e se afundou nos lençóis. Imaginar que podia acordar e encontrar o vazio na barriga fez com que seus sentimentos fossem representados no monitor ao seu lado com o aumento dos números. Precisava mesmo se acalmar. Adormeceu em meio aos pensamentos.

Quando Flávio surgiu diante de todos, foi cercado e teve que responder a perguntas que vinham de muitos lados. Pediu calma e começou a falar pela parte mais dura:

— Anita quer que salvem a bebê, em caso de uma emergência.

— Como assim? Isso é um absurdo — Luiz protestou, livrando-se dos braços da esposa. — Anita não tem condições de avaliar nada nesta situação.

— Ela está bem. Fez com que eu promettesse que a menina seria poupada acima de qualquer coisa. Pedi à médica que atendesse ao apelo dela. Não podia tomar essa decisão sozinho.

— Olha, rapaz, eu não te conheço, mas sei que tudo mudou para pior depois que você apareceu na vida da minha filha. Não basta o que fez ela passar e agora se acha no direito de tirar a vida dela? Quem você pensa que é? — Luiz apontava o dedo para Flávio.

— Acalme-se, querido. Não podemos perder o controle, por favor — Marta pediu. Leonardo ajudou a mãe. Colocaram-no sentado no sofá e acalmaram-no com cochichos e um pouco de atenção.

— Não sei o que dizer. Tudo parece tão irreal — Mariana falou, caminhando de um lado para o outro.

— Vá para casa, Mari. Você também precisa descansar. Eu vou cuidar de tudo a partir de agora. Só volto pra Orlando depois que isso passar — Flávio avisou.

— E os seus filhos? — Mariana perguntou. A família de Anita levantou a cabeça em direção a eles. Pareciam não saber nada sobre Flávio e a menção à palavra filhos fez com que ficassem tensos outra vez.

— Vou buscá-los quando tudo se resolver. Vou pedir demissão e trazê-los para cá. Não posso ficar longe dela mais, Mari. E se, não consigo nem falar isso, se o pior acontecer, eu preciso de ajuda. Chegou a hora de admitir que sozinho não consigo. Não tenho como criar três filhos contando apenas com a Madalena.

Ao ouvir as palavras de Flávio, Lúcia o abraçou.

— Sei que o momento não é adequado, gostaria que as circunstâncias que o trouxessem de volta fossem outras, mas fico contente em tê-los aqui. Não sabe o quanto ouvir isso acalma o meu coração.

No outro dia, Anita acordou aos poucos. Sentia-se melhor depois da transfusão realizada na tarde anterior. O médico responsável pelo seu caso surgira com a notícia após a visita de Flávio. Explicara que, no intuito de restaurar os níveis de sangue no organismo, a equipe médica, em conjunto com a obstétrica, decidira por não esperar mais. O procedimento seria realizado em urgência, em menos de três horas. Caso o coração da bebê voltasse a fraquejar, Anita estaria mais forte para a cirurgia.

Tivera receio, mas cederia diante da possibilidade de proteger a filha. A explicação clara e a sinceridade da doutora Paola fizeram com que Anita confiasse que assim conseguiriam salvar as duas. Não seria uma prática isenta de riscos, mas acreditavam que os benefícios seriam maiores do que eles.

Sentiu-se acordar completamente. Ouviu os sussurros das enfermeiras e abriu os olhos. Conversavam com a obstetra.

— Anita, que bom vê-la mais corada. Acredito que poderá ir para o quarto ainda hoje. Com sorte, em pouco tempo estará em casa — a médica disse.

— Sério?

— Sim. Seus exames estão melhorando, a bebê está bem. Tudo além do imaginado.

— Que ótima notícia.

Ouviram alguém bater na porta e ela se abriu, revelando Flávio e seu sorriso. Pela aparência, Anita imaginou que já soubesse das novidades.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Vejo que pegou alguma cor nas últimas horas, meu bem.

— Estou me sentindo melhor. Soube que poderei ir para o quarto em breve?

— Sim. Mal posso acreditar.

Flávio permaneceu ao lado de Anita durante o dia. No começo, não sabiam sobre o que conversar. Ele tinha medo de que alguns temas pudessem deixá-la nervosa. Ela receava fazer planos e algo dar errado, deixando-o frustrado.

— Eu não consigo lembrar, sabe? De como aconteceu. O assalto.

— Melhor assim, não é?

Silêncio. Ela entendia o recado para não dar continuidade ao assunto.

— Assim que você sair do hospital, eu vou para Orlando. Vou pedir demissão e trazer os nossos garotos. Nunca mais saio do seu lado, Ani — Flávio disse, segurando firme na mão dela.

— Você tem certeza disso? Podemos conversar com mais calma quando tudo se ajeitar.

— Nunca tive tanta certeza na minha vida. Meu lugar é aqui com você. Com os nossos filhos. Mal posso esperar para ver o rostinho dela.

— Ah, Flávio, como eu te amo. — Ela encostou a testa na dele e sorriu, agradecida pelas coisas que se acalmavam depois de toda a tempestade.

No fim do dia, o médico que atendera Anita na emergência apareceu, informando que o quarto já esperava por ela. As visitas logo surgiram. Flores foram enviadas pelos chefes e colegas de trabalho e mensagens carinhosas pipocavam no celular de Anita. A grande surpresa para ela foi ver seus pais entrando com receio no ambiente branco. Colocou as mãos nas laterais do rosto e perdeu as palavras. A mãe correu para abraçá-la e chorou tudo que pôde.

— Me perdoa, Anita, minha filha, por favor. Me perdoa. Não sei o que faria se tivesse perdido você.

— Mãe, é lógico que eu te perdoo. Eu te amo. Sei que eu quase enlouqueci vocês, mas não tive saída. Sinto muito.

— Não é hora para isso, ok? Todo mundo está perdoado e em paz — Leonardo interrompeu as duas.

— Sim. O Leo tem razão — Luiz falou. — Sinto muito, Flávio, pelas coisas que eu disse. Perdi a cabeça. Peço desculpas por tudo, Ani, mas agora não é o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

momento. Temos que aproveitar esse milagre que veio alegrar as nossas vidas. Em breve teremos vocês duas em casa conosco outra vez.

Flávio percebeu que os pais de Anita pretendiam levá-la para morar com eles outra vez. Planejava um pedido de casamento formal, que tinha certeza que, dessa vez, não seria recusado. Não podia deixar que Luiz e Marta pensassem que Anita tornaria a viver com eles.

— Mas aviso que será por pouco tempo. Sei que ela vai precisar de cuidados e não poderá retornar ao meu apartamento por enquanto. Preciso de uns dias para buscar Noah e Theo e avisar no meu trabalho que vou voltar para cá, mas assim que chegar quero Anita na nossa casa.

— Não sabia que você morava no apartamento dele, minha filha — Marta disse.

Ansiava por mais informações da vida da filha nos últimos cinco meses. Sofria muito por não saber se ela estava bem ou não. Desejou ter recebido o tiro em seu lugar quando Mariana informara sobre o ocorrido.

— Eu morei em um apartamento compartilhado por um tempo, mãe, mas quando o Flávio descobriu sobre o bebê e veio até o Brasil, acordamos sobre eu ir morar no apartamento dele que estava desocupado — Anita explicou.

— Para isso tive que ceder quanto a ela manter os dois empregos. Pensei que ao menos teriam algum conforto. Não devia ter aceitado de maneira nenhuma — Flávio disse.

— Você não sabia sobre a criança desde o princípio? — Leonardo perguntou ao novo cunhado. Anita também contara ao irmão que não sabia quem era o pai. Nunca havia passado por sua cabeça que aquilo poderia ser uma mentira.

— Não! — Mariana não deixou que Anita explicasse sua versão. — Ela não teve coragem de dar mais um filho ao Flávio. É teimosa como ele e pensou que poderia dar conta da situação sozinha.

— Não é tão simples quanto parece — Anita tentou justificar sua decisão. — Flávio é viúvo e tem gêmeos de dois anos de idade. Eram tão bebês quando nos conhecemos... Sei da vida dura que ele leva, e, além do mais, não havíamos chegado a um consenso sobre que fim dar ao nosso relacionamento.

— Por um momento, cheguei a pensar que fosse um homem casado — o pai de Anita revelou.

— Bom. Isso tudo é passado. Quando descobri a situação, tentei ajudar como pude. Voltei para casa inconformado por não ter achado uma saída, mas tentei deixar Anita menos desconfortável.

— Isso tudo é culpa nossa, Luiz. Não deveríamos ter mandado Anita embora.

— Tem razão, Marta, mas como poderíamos saber? Anita não nos contou nada.

— Vocês não precisam se culpar. Tudo vai ficar bem agora — Anita interrompeu os lamentos dos pais.

— É. Temos aqui duas pessoas que parecem ter aprendido uma lição da vida. Espero que sejam menos teimosos agora — Mariana falou, cruzando os braços.

Flávio segurou as mãos de Anita. Tocou com a boca nos lábios dela e sorriu ao sussurrar:

— Sem dúvida. Já disse, quero acordar ao seu lado para sempre, meu amor.

Epílogo

Flávio segura o pedaço de papel com as mãos trêmulas. Não quer que Anita perceba, pois, apesar de tudo, ainda tenta manter a firmeza diante dela. Espera que saiba que é seu porto seguro. Engole em seco, dá um leve tossida para soltar a voz que está embargada e tenta afrouxar a gravata borboleta no pescoço. Nada funciona. Não sabe como começar a dizer as palavras sem chorar.

— Por muito tempo, perguntei-me: ela sente a mesma coisa que eu quando estamos distantes? Por algumas vezes, tivemos a oportunidade de desistir. A vida, sim, a vida que agora tem nome, Clarissa, nos uniu mais uma vez. Cada passo que dávamos afastando-nos um do outro trazia a impressão de que uma grande tempestade se armava furiosa. Hoje, lado a lado, vemos juntos o raiar do sol.

Ele olha para a renda branca do vestido dela e nota os dois centímetros da cicatriz que não foram escondidos. Quando encontra o sorriso radiante de Anita, perde o controle e começa a lacrimejar. Improvisa. Baixa o papel e olha nos olhos dela.

— Ainda teremos lágrimas a chorar. O amor pode ser duro às vezes, mas é o que somos. Amor. — Ele ergue a pequena folha amarelada de novo e procura o trecho onde parou. — Juntos vamos enfrentar o que vier. E a resposta para a minha pergunta? Agora eu a tenho diante de mim. Sim. Anita sente o vazio que eu sinto ao estar longe dela. Nós encontramos o amor, e ele está onde estivermos juntos.

Anita acaricia o rosto dele e limpa suas lágrimas. Depois de ouvi-lo, ela

começa o seu discurso. Não chora. Creio que está imersa em muita alegria, pois não teria como explicar como manteve sob controle as emoções que andam à flor da pele.

— Se eu não quisesse cair de amor, não teria começado. Nós compartilhamos erros. Aprendi tanto sobre mim mesma com você. A música não para. Tentamos seguir nossas danças sozinhos, mas juntos somos muito melhores. Você habita em mim agora. Mas eu preciso ser sincera, tenho outros dois homens em minha vida.

Todos riem das palavras dela. Tampouco eu posso evitar o sorriso.

— Mas eu sei que você vai suportar, e eu também, pois tenho que te dividir com outra garota. E quando ela quiser, você vai correr para atender a todos os seus desejos, meu amor. Um tempo atrás eu era apenas uma menina vivendo uma aventura pelo mundo. Não era como se eu estivesse procurando por algo, mas eu encontrei. Ou fui encontrada — Anita olha para Lúcia e pisca — para que pudesse viver essa incrível história na qual entrei e virei personagem principal. Ainda estou me apaixonando por você a cada dia, meu amor — ela encerra as palavras com um beijo suave no rosto dele.

Eu abro um sorriso como nunca ao ver Theo e Noah caminhando na direção deles com as alianças. Flávio fez de tudo para estar de volta ao lado delas o mais rápido que pôde. Decidiu manter a casa de Orlando e Madalena vai poder se aposentar agora, mas cuidará das coisas por lá ao menos uma vez por semana. Ficou feliz em continuar ajudando e, por fim, poder dar mais atenção ao marido.

Flávio conseguiu permanecer na empresa. Foi realocado para a filial de São Paulo, mas poderá trabalhar de casa algumas semanas por mês. Ele sabe a sorte que tem, mas ainda faz um esforço para não pensar no sonho que deixou para trás.

Theo tenta se esconder do meu pai embaixo de uma toalha de mesa e Noah não larga a minha mãe. Nunca a vi com tamanho sorriso. Recebeu a notícia da volta deles como um milagre. Flávio não podia deixar de convidá-los para o casamento.

Ele e Anita dão as mãos e caminham até os convidados para iniciar a festa. Simples, mas linda, como ela queria. O que conseguiram organizar com tão pouco tempo livre que uma família com três filhos tem. Os problemas do passado já não significam mais nada diante de tanta alegria compartilhada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dançam, riem, amam.

Ao longe, vejo a silhueta de Anita. Gesticula enquanto conversa com os familiares. A benção de um dia agradável em Porto Alegre. O sol do entardecer ofusca o rosto dela. O cabelo foi cacheado e preso na lateral do pescoço. Parece uma rainha.

Preparo-me para a despedida. Eu os observo no gramado. Anita abraça Flávio pela cintura e ri das palavras dele. Minha mãe, abaixada ao lado de Noah, tenta lhe explicar como funciona aquele meu brinquedo antigo que ela trouxe para distraí-los. Ela guarda minhas coisas como relíquias.

Há alguns passos dali estamos eu e ela, a pequena Clarissa. Quando me sente, ensaia seu sorriso. É a única que ainda é capaz disso. Adoro cantar ao pé de sua delicada orelhinha. Deitada em seu ninho de tecido acolchoado, ela balança as perninhas rechonchudas no ar, como que confirmando que nota a minha presença.

— Olha, amor! — Ouço a voz de Anita. — Ela está sorrindo.

Assisto aos dois se abaixando ao lado da pequena. A mãe pega a menina no colo e a envolve em um abraço apertado. Desde dois de julho temos essa criança abençoada em nossas vidas. Adoro o modo como seu cabelo preto reluz ao sol. Parece-se com Anita, mas tem os olhos azuis de Flávio.

Meu pai chuta uma bola com delicadeza para Theo, que defende seu gol imaginário, atirando o pequeno corpinho no gramado. Não posso acreditar que meus meninos já têm três anos. Estão cada dia mais lindos.

Levei meses para entender o que havia acontecido. Há pouco que sei explicar com palavras, mesmo assim, parece que sou muito mais sentimentos agora. Esperei que Flávio aceitasse que podia ser feliz de novo e, quando ele se permitiu, eu só vi uma forma de remendar tudo. Agarrei a oportunidade quando fiz com que Lúcia encontrasse Anita. Eu sabia que só uma teimosa poderia dobrar o pai dos meus filhos. Não me enganei. A cena diante de mim confirma isso.

Sou grata por ter tido a chance de corrigir um pouco as dores do passado. Flávio não merece sofrer. Ver como está radiante faz com que eu abra um sorriso. Meus pais brincando com os netos, tendo um pedaço de mim outra vez, enche-me amor. Isso torna minha tarefa completa. Sinto-me redimida e abençoada.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Índice

Parte I

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

Parte II

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

Sobre a Autora

Dane Diaz é formada em Administração e atuou no setor público por mais de uma década antes de dedicar-se à escrita. Ainda criança, descobriu para que veio ao mundo quando lhe mandaram passar longe de uma estante de livros. Ela não obedeceu. Permanece teimosa e tentando desvendar os mistérios da literatura. Atualmente, vive em Portugal com as filhas e o marido.

danediaz.com

Sobre a Casa do Escritor

A Casa do Escritor é uma consultoria que presta serviços e auxilia escritores no processo de autopublicação e divulgação de seus livros. Conheça os livros publicados e saiba mais em

casadoescritor.com.br

PERIGOSAS



www.casadoescritor.com.br

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI